

ROSANA FERREIRA ALVES

**A EXPRESSÃO DE MODALIDADES TÍPICAS
DO SUBJUNTIVO EM DUAS SINCRONIAS DO
PORTUGUÊS: SÉCULO XVI E CONTEMPORANEIDADE**

Tese apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem da **Universidade Estadual de Campinas**, como um dos requisitos à obtenção do título de Doutor em Lingüística.

Orientador: Prof^a Dr^a Anna Christina Bentes da Silva

Co-orientador: Prof^a Dr^a Josane Moreira de Oliveira
(UEFS)

CAMPINAS- SP

2009

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IEL – Unicamp

Alves, Rosana Ferreira.

AL87e

A expressão de modalidades típicas do subjuntivo em duas sincronias do português : século XVI e contemporaneidade / Rosana Ferreira Alves. -- Campinas, SP : [s.n.], 2009.

Orientador : Profa. Dra. Anna Christina Bentes da Silva.

Co-orientador: Profa. Dra. Josane Moreira de Oliveira.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Modo verbal. 2. Modalidade (Linguística). 3. Alternância *indicativo/subjuntivo*. 4. Sociolinguística quantitativa. I. Bentes, Anna. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

oe/IEL

Título em inglês: The expression of typical modalities of the subjunctive in two sincronias of the Portuguese: century XVI and contemporaneity.

Palavras-chaves em inglês (Keywords): Verbal mood; Modality (Linguistics); *Indicative/Subjunctive* alternance; Quantitative Sociolinguistics.

Área de concentração: Lingüística.

Titulação: Doutor em Lingüística.

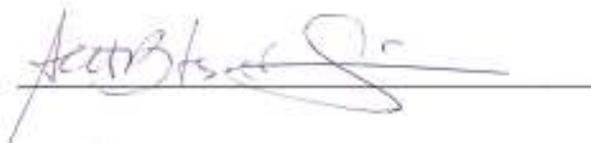
Banca examinadora: Profa. Dra. Anna Christina Bentes da Silva (orientadora), Profa. Dra. Nilza Barrozo Dias, Profa. Dra. Rosane de Andrade Berlinck, Profa. Dra. Maria Célia Lima Hernandes e Prof. Dr. Mário Eduardo Martelotta. Suplentes: Profa. Dra. Maria Clara Paixão de Souza, Prof. Dr. Sebastião Carlos Leite Gonçalves e Profa. Dra. Norma Lúcia Fernandes de Almeida.

Data da defesa: 08/09/2009.

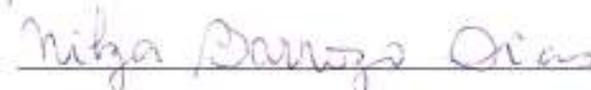
Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Linguística.

BANCA EXAMINADORA:

Anna Christina Bentes da Silva



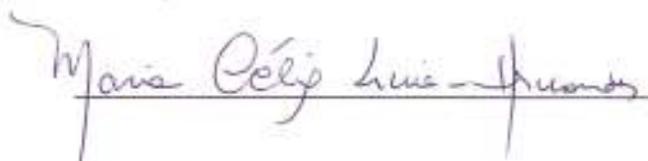
Nilza Barrozo Dias



Rosane de Andrade Berlink



Maria Célia Lima Hernandez



Mário Eduardo Toscano Martelotta



Maria Clara Paixão de Souza

Sebastião Carlos Leite Gonçalves

Norma Lúcia Fernandes de Almeida

Dedico:

- aos meus filhos: Mário Neto e Larissa que, em todo momento, com cada sorriso, cada olhar, cada gesto, me inspiram a superar limites, a vencer obstáculos...
- à minha querida mãe, pelo apoio e orações constantes.

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS

A **Deus**: pelo dom de sonhar, pela coragem em perseguir os sonhos, pela oportunidade da busca do conhecimento.

À minha **orientadora** Prof^a **Dr^a Anna Christina Bentes** que, com esse misto de ética profissional e humana, competência e simplicidade, em todos os momentos, me orientou, não só apontando os meus limites, mas, sobretudo, me conduzindo a superá-los.

À minha **co-orientadora** Prof^a **Dr^a Josane de Oliveira** que, com muita competência, disponibilidade e paciência, contribuiu sobremaneira para a melhoria do trabalho.

À **Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB)**, pelo apoio financeiro, conforme o termo de outorga nº BOL1199/2007 e 1º termo aditivo nº 147/2008.

OUTROS AGRADECIMENTOS

A Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, especialmente aos que constituem a **Área de Estudos Linguísticos do DCHL**, pelo apoio necessário.

A Prof^a **Dr^a Ilza Ribeiro** que, desde a graduação, me incentivou a desvendar o universo da pesquisa em linguística;

As professoras **Dr^a Sônia Ciryno** e **Dr^a Jânia Ramos** pelo apoio.

A todos que foram meus professores:

no Colégio Estadual Polivalente de São Gonçalo dos Campos- BA

no DELL - **UEFS**

na FALE - **UFMG**

no IEL - **UNICAMP**

Aos **funcionários** do **IEL-UNICAMP** (especialmente, **Rose, Cláudio e Miguel**), pela constante disponibilidade e o grande prazer em servir

A **Betânia**, minha prima querida, por ter cuidado dos meus filhos nas minhas ausências.

Às minhas irmãs Zenildes, Juvanete, Renilza e Maria José, pelo apoio, pelas orações...

“Não temas, porque eu sou contigo; não te assombres, porque eu sou teu Deus; eu te esforço e te ajudo, e te sustento com a destra da minha justiça. ... os que pelejarem contra ti tornar-se-ão nada, e como coisa que não é nada os que guerrearem contra ti. Porque eu, o Senhor teu Deus, te tomo pela tua mão direita, e te digo: Não temas, porque eu te ajudo.”, (ISAIAS, 41: 10-13).

RESUMO

Esta tese investiga a expressão de modalidades típicas do subjuntivo em duas sincronias do português: século XVI (dados de GANDAVO, 1556) e contemporaneidade (dados de Muriaé-MG e de Feira de Santana-BA). Utilizam-se dos pressupostos teóricos e procedimentos metodológicos da Sociolinguística Quantitativa (LABOV, 1972, 1994) e analisam-se os contextos de tempo presente das sentenças completivas, adverbiais e relativas. Nesse trabalho, aventa-se a hipótese central de que em diversas fases do português, o fenômeno do uso do subjuntivo não está apenas relacionado à co-ocorrência do indicativo e do subjuntivo, como costumam abordar na literatura sociolinguística (cf. BIANCHET, 1996; MEIRA, 2006; FAGUNDES, 2007, dentre outros), mas também à realização de estruturas alternativas, a saber: sentenças que se apresentam com a forma verbal nominalizada, no gerúndio, no infinitivo, elíptica ou no futuro condicional. Aventa-se, também, a hipótese de que o português falado no solo mineiro esteja manifestando uma etapa mais avançada do processo de variação linguística. Mas especificamente, no caso do uso do presente do subjuntivo, assume-se a hipótese de que construções com a forma verbal no presente do subjuntivo não estejam tão freqüentes no vernáculo mineiro como está no baiano, fato que se manifesta pela recorrência, em índices mais altos, dos usos do presente do indicativo e de estruturas alternativas nos dados de Muriaé-MG. Para, assim, caracterizar o fenômeno em estudo, busca-se verificar a atuação de fatores estruturais e sociais na co-ocorrência *indicativo/subjuntivo* e no uso de estruturas alternativas, bem como, identificar os aspectos sintáticos e semânticos apresentados por essas estruturas. Em conclusão encontra-se exposto o que pode ser sintetizado nas seguintes palavras: a expressão das modalidades típicas do subjuntivo apresenta nas duas sincronias pontos em comum e características díspares. Eis os pontos afins: alto índice de uso de estruturas alternativas (em torno de 70%), exceto em contexto de sentenças relativas; co-ocorrência indicativo/subjuntivo, sobretudo em contexto de adverbiais e relativas. Referente aos pontos díspares, cada quadro sincrônico do fenômeno apresenta-se impar em relação à atuação de fatores estruturais e sociais. Com isso, atesta-se, assim, a validade da hipótese de que o fenômeno do não-uso do subjuntivo encontra-se em estágio mais avançado na amostra mineira do que na baiana.

Palavras-chave: Modo verbal, modalidade (Linguística), alternância indicativo/subjuntivo, Sociolinguística Quantitativa.

ABSTRACT

This thesis investigates the expression of typical modalities of the subjunctive in two synchronies of the Portuguese: century XVI (data of GANDAVO, 1556) and contemporarily (data from Muriaé-MG and Feira de Santana-BA). The estimated theoreticians and methodological procedures of the Quantitative Sociolinguistics use themselves of (LABOV, 1972, 1994) and analyze the contexts of present time of the complete, adverbial and relative clauses. In this work it is suggested the central hypothesis of that in diverse phases of the Portuguese, the phenomenon of the use of the subjunctive is not only related to the co-occurrence of the indicative and the subjunctive, as they used to be considered in sociolinguistics literature (cf. BIANCHET, 1996; MEIRA, 2006; FAGUNDES, 2007, amongst others), but also to the realization of alternative structures, namely, sentences which present themselves with the verbal forms nominalized, in the gerund, in the infinitive, elliptical or in the conditional future. It also suggests the hypothesis of that the Portuguese said in the “mineiro” area is revealed a stage more advanced of the process of linguistic variation. But specifically, in the case of the use of the present of the subjunctive, it is assumed hypothesis of that constructions with the verbal form in the present of the subjunctive are not so frequent in vernacular “mineiro” as it is in the “baiano”, fact which manifests by the recurrence, in higher levels, of the uses of the present of the indicative and alternative structures in the data of Muriaé-MG. For, thus, characterizing the phenomenon in studying, it is tried to verify the performance of structural and social factors in co-occurrence of indicative/subjunctive and the use of alternative structures, as well as identifying the syntactic and semantic aspects that characterize these structures. In conclusion, it is displayed what it can be synthesized in the following words: the expression of the typical modalities of the subjunctive presents in common in the two synchronies points and different characteristics. Here it is the similar points: high index of use of alternative structures (around 70%), except in context of relative sentences; co-occurrence of the indicative/ subjunctive, over all in context of adverbial and relative clauses. Referring to the points, we can affirm that each synchronous set of the phenomenon is presented odd in relation to the performance of structural and social factors. With this, it is certified, thus, the validity of the hypothesis of that the phenomenon of the not-use of the subjunctive is found in a more advanced stage in the “mineiro” sample of than in the “baiano” one.

Key words: verbal Mood modality (Linguistics), indicative/subjunctive alternance, Quantitative Sociolinguistics.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Representação do nível de identidade entre os itens	45
Quadro 2: Formas do Presente do Subjuntivo.....	54
Quadro 3: Seleção de Informantes (dados de Muriaé-MG).....	89
Quadro 4: Seleção de Informantes (dados de Feira de Santana-BA)	90
Quadro 5: Alguns contextos sintáticos do verbo TER com base em Coelho (2006).....	112

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Expressão de modalidades típicas do subjuntivo em completivas do século XVI e da contemporaneidade	104
Tabela 2: Expressão de modalidades típicas do subjuntivo em adverbiais do século XVI e da contemporaneidade	105
Tabela 3: Expressão de modalidades típicas do subjuntivo em relativas do século XVI e da contemporaneidade	106
Tabela 4: Ocorrências dos tipos de estruturas alternativas no século XVI e na contemporaneidade	108
Tabela 5: Consideração do fator <i>modalidade verbal</i> na ocorrência de estruturas alternativas e do presente do subjuntivo em completivas do século XVI.....	118
Tabela 6: Consideração do fator <i>tipo de oração</i> na ocorrência de estruturas alternativas e do presente do subjuntivo em completivas do século XVI	119
Tabela 7: Consideração do fator <i>tipo de conjunção</i> na ocorrência de estruturas alternativas e do presente do subjuntivo em adverbiais do século XVI	122
Tabela 8: Consideração do fator <i>distância entre a conjunção e a forma verbal</i> na ocorrência de estruturas alternativas e do presente do subjuntivo em adverbiais do século XVI	122
Tabela 9: Atuação da variável <i>nível de referência do antecedente</i> na co-ocorrência presente do indicativo e presente do subjuntivo em relativas do século XVI	124
Tabela 10: Atuação da variável <i>animacidade do antecedente</i> na co-ocorrência presente do indicativo e presente do subjuntivo em relativas do século XVI	125
Tabela 11: Atuação da variável <i>conjugação verbal</i> na co-ocorrência presente do indicativo e presente do subjuntivo em relativas do século XVI	126

Tabela 12: Atuação da variável <i>paradigma verbal</i> na co-ocorrência presente do indicativo e presente do subjuntivo em relativas do século XVI	127
Tabela 13: Atuação da variável <i>distância entre o pronome relativo e a forma verbal</i> na co-ocorrência presente do indicativo e presente do subjuntivo em relativas do século XVI	128
Tabela 14: Expressão das modalidades típicas do subjuntivo em completivas de Muriaé-MG e de Feira de Santana-BA	132
Tabela 15: Atuação da variável <i>modalidade verbal</i> ocorrência presente do indicativo (X presente do subjuntivo) em completivas de Muriaé-MG	134
Tabela 16: Atuação da variável <i>tipo de oração</i> na ocorrência presente do indicativo (X presente do subjuntivo) em completivas de Muriaé-MG	134
Tabela 17: Atuação da variável <i>nível de escolaridade</i> ocorrência presente do indicativo (X presente do subjuntivo) em completivas de Muriaé-MG.....	135
Tabela 18: Atuação da variável <i>faixa etária</i> ocorrência presente do indicativo (X presente do subjuntivo) em completivas de Muriaé-MG	137
Tabela 19: Atuação da variável <i>sexo/gênero</i> ocorrência presente do indicativo (X presente do subjuntivo) em completivas de Muriaé-MG	138
Tabela 20: Cruzamento de variáveis sociais no uso do presente do indicativo (X presente do subjuntivo) em completivas de Muriaé-MG	139
Tabela 21: Consideração do fator <i>modalidade verbal</i> na ocorrência de estrutura alternativa (X presente do subjuntivo) em completivas de Muriaé-MG.....	141
Tabela 22: Consideração do fator <i>modalidade verbal</i> na ocorrência de estrutura alternativa (X presente do subjuntivo) em completivas de Feira de Santana-BA	141
Tabela 23: Consideração do fator <i>tipo de oração</i> na ocorrência de estrutura alternativa (X presente do subjuntivo) em completivas de Muriaé-MG.....	142

Tabela 24: Consideração do fator <i>tipo de oração</i> na ocorrência de estrutura alternativa (X presente do subjuntivo) em completivas de Feira de Santana-BA	143
Tabela 25: Consideração da variável <i>nível de escolaridade</i> na ocorrência de estrutura alternativa (X presente do subjuntivo) em completivas de Muriaé-MG	144
Tabela 26: Consideração do fator <i>nível de escolaridade</i> na ocorrência de estrutura alternativa (X presente do subjuntivo) em completivas de Feira de Santana-BA	144
Tabela 27: Consideração do fator <i>faixa etária</i> na ocorrência de estrutura alternativa (X presente do subjuntivo) em completivas de Muriaé-MG	145
Tabela 28: Consideração do fator <i>faixa etária</i> na ocorrência de estrutura alternativa (X presente do subjuntivo) em completivas de Feira de Santana-BA	145
Tabela 29: Consideração do fator <i>Gênero/sexo</i> na ocorrência de estrutura alternativa (X presente do subjuntivo) em completivas de Muriaé-MG	146
Tabela 30: Consideração do fator <i>Gênero/sexo</i> na ocorrência de estrutura alternativa (X presente do subjuntivo) em completivas de Feira de Santana-BA.....	146
Tabela 31: Expressão das modalidades típicas do subjuntivo em adverbiais de Muriaé-MG e de Feira de Santana-BA	147
Tabela 32: Cruzamento de variáveis sociais no uso do presente do indicativo (X presente do subjuntivo) em adverbiais de Muriaé-MG	150
Tabela 33: Consideração do fator <i>tipo de conjunção</i> na ocorrência da estrutura alternativa (& presente do subjuntivo) em adverbiais de Muriaé-MG.....	152
Tabela 34: Consideração do fator <i>tipo de conjunção</i> na ocorrência da estrutura alternativa (& presente do subjuntivo) em adverbiais de Feira de Santana-BA	152

Tabela 35: Consideração do fator <i>nível de escolaridade</i> na ocorrência da estrutura alternativa (& presente do subjuntivo) em adverbiais de Muriaé-MG .	153
Tabela 36: Consideração do fator <i>nível de escolaridade</i> na ocorrência da estrutura alternativa (& presente do subjuntivo) em adverbiais de Feira de Santana-BA	153
Tabela 37: Consideração do fator <i>faixa etária</i> na ocorrência da estrutura alternativa (& presente do subjuntivo) em adverbiais de Muriaé-MG	154
Tabela 38: Consideração da variável <i>faixa etária</i> na ocorrência da estrutura alternativa (& presente do subjuntivo) em adverbiais de Feira de Santana-BA	154
Tabela 39: Consideração do fator <i>sexo/gênero</i> na ocorrência da estrutura alternativa (& presente do subjuntivo) em adverbiais de Muriaé-MG	155
Tabela 40: Consideração do fator <i>sexo/gênero</i> na ocorrência da estrutura alternativa (& presente do subjuntivo) em adverbiais de Feira de Santana-BA ...	155
Tabela 41: Expressão das modalidades típicas do subjuntivo em relativas de Muriaé-MG e de Feira de Santana-BA	157
Tabela 42: Atuação da variável <i>nível de referência do antecedente</i> no uso do presente do indicativo (X presente do subjuntivo) em relativas de Muriaé-MG.....	158
Tabela 43: Atuação da variável <i>nível de referência do antecedente</i> no uso do presente do indicativo (X presente do subjuntivo) em relativas de Feira de Santana-BA	158
Tabela 44: Atuação da variável <i>animacidade do antecedente</i> no uso do presente do indicativo (X presente do subjuntivo) em relativas de Muriaé-MG	159
Tabela 45: Atuação da variável <i>animacidade do antecedente</i> no uso do presente do indicativo (X presente do subjuntivo) em relativas de Feira de Santana-BA	159
Tabela 46: Atuação da variável <i>conjugação verbal</i> no uso do presente do indicativo (X presente do subjuntivo) em relativas de Muriaé-MG	160

Tabela 47: Atuação da variável <i>conjugação verbal</i> no uso do presente do indicativo (X presente do subjuntivo) em relativas de Feira de Santana-BA	161
Tabela 48: Atuação da variável <i>paradigma verbal</i> no uso do presente do indicativo (X presente do subjuntivo) em relativas de Muriaé-MG	162
Tabela 49: Atuação da variável <i>paradigma verbal</i> no uso do presente do indicativo (X presente do subjuntivo) em relativas de Feira de Santana-BA	162
Tabela 50: Atuação da variável <i>nível de escolaridade</i> no uso do presente do indicativo (X presente do subjuntivo) em relativas de Muriaé-MG	163
Tabela 51: Atuação da variável <i>nível de escolaridade</i> no uso do presente do indicativo (X presente do subjuntivo) em relativas de Feira de Santana-BA	163
Tabela 52: Atuação da variável <i>faixa etária</i> no uso do presente do indicativo (X presente do subjuntivo) em relativas de Muriaé-MG	164
Tabela 53: Atuação da variável <i>faixa etária</i> no uso do presente do indicativo (X presente do subjuntivo) em relativas de Feira de Santana-BA	165
Tabela 54: Atuação da variável <i>sexo/gênero</i> no uso do presente do indicativo (X presente do subjuntivo) em relativas de Muriaé-MG	166
Tabela 55: Atuação da variável <i>sexo/gênero</i> no uso do presente do indicativo (X presente do subjuntivo) em relativas de Feira de Santana/BA	166
Tabela 56: Cruzamento de variáveis sociais no uso do presente do indicativo (X presente do subjuntivo) em relativas de Muriaé-MG	167
Tabela 57: Cruzamento de variáveis sociais no uso do presente do indicativo (X presente do subjuntivo) em relativas de Feira de Santana-BA	168
Tabela 58: Consideração do fator <i>nível de referência do antecedente</i> na ocorrência de estrutura alternativa (X presente do subjuntivo) em relativas de Muriaé-MG	169
Tabela 59: Consideração do fator <i>nível de referência do antecedente</i> na ocorrência de estrutura alternativa (X presente do subjuntivo) em relativas de Feira de Santana-BA	170

Tabela 60: Consideração do fator <i>animacidade do antecedente</i> na ocorrência de estrutura alternativa (X presente do subjuntivo) em relativas de Muriaé-MG	170
Tabela 61: Consideração do fator <i>animacidade do antecedente</i> na ocorrência de estrutura alternativa (X presente do subjuntivo) em relativas de Feira de Santana-BA	171
Tabela 62: Consideração do fator <i>conjugação verbal</i> na ocorrência de estrutura alternativa (X presente do subjuntivo) em relativas de Muriaé-MG	172
Tabela 63: Consideração do fator <i>conjugação verbal</i> na ocorrência de estrutura alternativa (X presente do subjuntivo) em relativas de Feira de Santana-BA	172
Tabela 64: Consideração do fator <i>paradigma verbal</i> na ocorrência de estrutura alternativa (X presente do subjuntivo) em relativas de Muriaé-MG	173
Tabela 65: Consideração do fator <i>paradigma verbal</i> na ocorrência de estrutura alternativa (X presente do subjuntivo) em relativas de Feira de Santana-BA	173
Tabela 66: Consideração do fator <i>nível de escolaridade</i> na ocorrência de estrutura alternativa (X presente do subjuntivo) em relativas de Muriaé-MG	175
Tabela 67: Consideração do fator <i>nível de escolaridade</i> na ocorrência de estrutura alternativa (X presente do subjuntivo) em relativas de Feira de Santana-BA	175
Tabela 68: Consideração do fator <i>faixa etária</i> na ocorrência de estrutura alternativa (X presente do subjuntivo) em relativas de Muriaé-MG	175
Tabela 69: Consideração do fator <i>faixa etária</i> na ocorrência de estrutura alternativa (X presente do subjuntivo) em relativas de Muriaé-MG	176
Tabela 70: Consideração do fator <i>sexo/gênero</i> na ocorrência de estrutura alternativa (X presente do subjuntivo) em relativas de Muriaé-MG	176
Tabela 71: Consideração do fator <i>sexo/gênero</i> na ocorrência de estrutura alternativa (X presente do subjuntivo) em relativas de Feira de Santana-BA	177

LISTA DE GRÁFICO

Gráfico 1: A expressão de modalidades subjuntivas em completiva e adverbiais do português contemporâneo.....	130
---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	31
------------------	----

CAPÍTULO I

1. APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA E REVISÃO DA LITERATURA	37
1.1. Um problema que são dois: a co-ocorrência presente do <i>indicativo/presente do subjuntivo</i> e o uso de estruturas alternativas.....	37
1.2. Revisão da literatura	46
1.2.1. Sobre modalidade e modalidade lingüística	46
1.2.1.1. A manifestação da modalidade na língua portuguesa	50
1.2.2. O uso do modo subjuntivo na tradição latina e na concepção da GT	52
1.2.2.1. Os modos verbais sob a ótica da GT	53
1.2.3. O uso variável do subjuntivo no português: Abordagens lingüísticas.....	60
1.2.4. Considerações finais	74

CAPÍTULO II

2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	77
2.1. A sociolingüística variacionista	77
2.2. Procedimentos metodológicos	80
2.2.1. As variáveis independentes	80
2.2.2. Sobre a seleção de informantes.....	88

2.2.3. Sobre a coleta de dados	90
2.2.4. Sobre sistematização e tratamento dos dados	91
2.2.5. Sobre os <i>corpora</i> em estudo	93

CAPÍTULO III

3. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	101
3.1. Análise em tempo real de longa duração	102
3.1.1. Sobre as ocorrências de estruturas alternativas	106
3.1.1.1. Sobre os tipos de estruturas alternativas	106
3.1.1.2. Sobre o uso de estruturas alternativas na expressão da modalidade ‘necessidade/obrigação’	109
3.1.1.2.1. Construções com o verbo ‘ter’	109
3.1.1.2.2. Construções com o verbo ‘haver’	114
3.2. Sobre as ocorrências no português do século XVI	115
3.2.1. Sentenças completivas	115
3.2.1.1. Estrutura alternativa & presente do subjuntivo	105
3.2.2. Sentenças adverbiais	119
3.2.2.1. Presente do indicativo X presente do subjuntivo	119
3.2.2.2. Estrutura alternativa & presente do subjuntivo	121
3.2.3. Sentenças relativas	123
3.2.3.1. Presente do indicativo X presente do subjuntivo	123
3.2.3.2. Estrutura alternativa & presente do subjuntivo	128
3.3. Sobre as ocorrências no português contemporâneo	130
3.3.1. Sentenças completivas	131
3.3.1.1. Presente do indicativo X presente do subjuntivo	121
3.3.1.1.1. Atuação de variáveis estruturais	133
3.3.1.1.2. Atuação de variáveis sociais	135
3.3.1.1.2.1. Cruzamento de variáveis sociais	139
3.3.1.2. Estrutura alternativa & presente do subjuntivo	140

3.3.1.2.1. Atuação de variáveis estruturais	140
3.3.1.2.2. Atuação de variáveis sociais	143
3.3.2. Sentenças adverbiais	147
3.3.2.1. Presente do indicativo X presente do subjuntivo	148
3.3.2.1.1. Cruzamento de variáveis sociais	149
3.3.2.2. Estrutura alternativa & presente do subjuntivo	151
3.3.2.2.1. Atuação da variável <i>tipo de conjunção</i>	151
3.3.2.2.2. Atuação de variáveis sociais	153
3.3.3. Sentenças relativas	156
3.3.3.1. Presente do indicativo X presente do subjuntivo	157
3.3.3.1.1. Atuação de variáveis estruturais	158
3.3.3.1.2. Atuação de variáveis sociais	163
3.3.3.1.2.1. Cruzamento de variáveis sociais	167
3.3.3.2. Estrutura alternativa & presente do subjuntivo	169
3.3.3.2.1. Atuação de variáveis estruturais	169
3.3.3.2.2. Atuação de variáveis sociais	174
 CONCLUSÕES	 179
 REFERÊNCIAS	 189

INTRODUÇÃO

Este trabalho analisa, à luz da Sociolingüística Quantitativa (LABOV: 1972, 1994), a expressão variável de modalidades típicas do subjuntivo (tempo presente) em sentenças completivas, adverbiais e relativas em duas sincronias do português, a saber: segunda metade do século XVI (dados do texto *História da província Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil*, (GANDAVO, 1556)) e contemporaneidade (dados de fala de Muriaé-MG e de Feira de Santana -BA). A razão de ser desse trabalho é, basicamente, testar a validade da hipótese central de que o uso pouco freqüente do presente do subjuntivo no português não é apenas decorrente da sua co-ocorrência com o presente do indicativo, mas também devido à recorrência às estruturas alternativas, as quais não se constituem contexto de uso de formas do presente do subjuntivo, a saber: estruturas com forma verbal no infinitivo, no gerúndio, nominalizada, elíptica, no futuro condicional e expressão com *ter modal* (*ter que* ou *ter de* + infinitivo).

Não são poucos os trabalhos que na literatura sociolingüística abordam o uso variável do subjuntivo no português do Brasil (cf. BIANCHET, 1996; ALVES NETA, 2000; MEIRA, 2006; FAGUNDES, 2007, dentre outros). Entretanto, Alves (2005), em fase de coleta de dados de cidade de Muriaé-MG, diante das poucas ocorrências de contexto de subjuntivo para expressar modalidades que são tipicamente expressas por sentenças com a forma verbal no subjuntivo (ou no indicativo, como um caso de variação lingüística), depara-se com outra realidade: além do uso de estruturas que comportem a forma verbal no presente do subjuntivo (ou presente do indicativo) o falante recorre a outras possibilidades que a língua oferece para expressar as modalidades ditas típicas do subjuntivo, as quais podem ser expressas por diversos mecanismos lingüísticos. Essas se instauram no âmbito do *irrealis* e se enquadram em dois grandes eixos: deôntico (que expressa *desejo, preferência, intenção, obrigação, manipulação e*

habilidade); e epistêmico, (que expressa *verdade, probabilidade, certeza, crença e evidência*) (COATES, 1995; GIVÓN, 2001). Seguem alguns exemplos:

(1)

- a. Desejo que meu aluno **passe** em um bom concurso. (subjuntivo)
- b. Desejo que meu aluno **passa** em um bom concurso. (indicativo)
- c. Desejo meu aluno passar em um bom concurso. (estrutura alternativa) [FS11TS]

(2) a. Caso você **queira** o produto , me avise. (subjuntivo)

b. Caso você **quer** o produto, me avise. (indicativo)

c. Você querendo, o produto me avise.(estrutura alternativa) [FS03CL]

d. Se você quiser o produto, me avise. (estrutura alternativa)

Pode-se observar nos exemplos (1) e (2) que há um caso clássico de variação, que se manifesta por meio da permuta das variantes *presente do subjuntivo*, em (1a) e (2a) pela variante *presente do indicativo*, em (1b) e (2b). Nos pares em (1), em contexto de sentença completiva, expressa-se a modalidade deôntica (volição) e em (2), em contexto de sentença adverbial, expressa-se a idéia de condição. Vê-se, também, que a referida modalidade (exemplo (1)) ou idéia (exemplo (2)) também pode ser expressa por meio de outras estruturas, como em (1c) e (2c) e (2d).

Diante dessas ocorrências, vê-se que o uso pouco frequente do presente do subjuntivo não está apenas relacionado ao uso do presente do indicativo (como um caso de variação lingüística), mas também ao uso de outras estruturas que a língua oferece na expressão de modalidades que são tipicamente expressas por sentenças com a forma verbal no subjuntivo. Essas estruturas alternativas (doravante, EAs) não se configuram como contexto de uso do presente do subjuntivo, por isso não podem ser tratadas como variantes linguística ao uso desse modo verbal. Nesse sentido, é oportuno enfatizar que o foco de investigação nesse trabalho não é o uso variável do presente do subjuntivo, mas sim as formas pelas quais as modalidades ditas típicas do subjuntivo, ou seja,

modalidade *irrelis*, deôntica e epistêmica, são expressas no português, como se demonstra, mais adiante, no capítulo 1.

Tendo, assim, detectado a necessidade de analisar, não a expressão variável do subjuntivo, mas sim a expressão de modalidades típicas do subjuntivo no português, fazem-se presentes hipóteses relacionadas à manifestação da co-ocorrência *presente do indicativo/presente do subjuntivo* e ao uso de EAs em: diferentes períodos do português (século XVI e contemporaneidade) e em diferentes dialetos do português (mineiro e baiano). Com isso, busca-se compreender o fenômeno sob uma ótica mais ampla, procurando, assim, realizar os seguintes objetivos centrais:

- i. Em relação à comparação em tempo real de longa duração, procura-se identificar quais as semelhanças e diferenças que o fenômeno em estudo apresenta nas duas sincronias em estudo, tendo como referencial que foi a partir do século XVI que se dispuseram dos primeiros manuais do português e que desde o latim vulgar os contextos em que se usava o modo subjuntivo começam a ceder espaço ao uso de estruturas alternativas, (MAURER, 1951). Nessa perspectiva, procura-se verificar a hipótese de que o não-uso do presente do subjuntivo (em função do uso de formas do presente do indicativo e de EAs) encontra-se presente no português desde fases pretéritas, a exemplo do português quinhentista;
- ii. Referente à comparação dos dados mineiros com os baianos, busca-se verificar em que estágio sincrônico encontra-se o fenômeno em cada localidade em estudo, ou seja, procura-se verificar a validade da hipótese de que o processo de variação pelo que passa o português do Brasil, encontra-se em estágio mais avançado entre os falantes mineiros do que entre os baianos. Portanto, acredita-se, que em Minas Gerais (Muriaé), o uso do presente do subjuntivo encontra-se menos freqüente do que na Bahia (Feira de Santana), sinalizando,

assim, a pouca exposição dos mineiros ao uso desse modo verbal em contexto de aquisição natural da linguagem. Em outras palavras, presume-se, *a priori*, que enquanto os mineiros necessitam de ambientes monitorados para a aquisição do presente do subjuntivo, o baiano, tende a adquiri-lo em contexto natural, sendo, portanto esse uso, independentemente de fatores sociais (nível de escolaridade, contexto de fala, ocupação, profissão, etc.), uma vez que se encontra muito freqüente no seu vernáculo.

- iii. Em relação à consideração de diversas variáveis estruturais e sociais, busca-se verificar em que medida essas estão influenciando o fenômeno em estudo.

Evidencia-se que são considerados nesse estudo apenas os casos em que se constituem obrigatório o uso do subjuntivo. Baseia-se na GT (CUNHA & CINTRA, 2001, dentre outros) e na literatura Lingüística (FAVERO, 1982; PERINI 1995) para a realização do controle necessário ao atendimento de tal proposta, conforme se aborda no capítulo da revisão da literatura. Em outras palavras, não se considera em sentenças completivas verbos que exibem “atitude proporcional de julgamento, os quais podem naturalmente ser encontrados com a forma verbal no indicativo ou no subjuntivo, eis alguns deles: *acreditar, admitir, compreender, conceber, conjecturar, desconfiar, confiar, imaginar, pensar, presumir, reconhecer, refletir*. Nas relativas, por sua vez, só foram considerados os casos em que se exhibe a modalidade verbal *existência possível*, posto que os que exibem a modalidade *existência real* são ambientes em que ocorre, naturalmente, o indicativo¹.

Não só é possível como também proveitoso, o desenvolvimento de um trabalho em que sejam considerados também os casos de uso opcional do subjuntivo, desde quando se apresente um dado diferencial no tratamento das ocorrências (MEIRA 2006; FAGUNDES, 2007). Será muito vantajoso e proveitoso,

¹ Exemplos sobre essas construções estão expostos nos referidos capítulos.

do ponto de vista teórico-metodológico, controlar distintamente as ocorrências em que o uso do subjuntivo se constitui obrigatório ou opcional, considerando, para isso, um dado grupo de fatores. Entretanto, caso se desenvolva um trabalho considerando indistintamente os dois tipos de ocorrência, pode-se estar praticando um grande descuido metodológico, visto que se atribui tratamento similar a itens que, por natureza, são diferentes.

No primeiro capítulo desse trabalho, aborda-se, na primeira seção, o problema em estudo, apresentando, assim, objetivos, hipóteses e sobre a co-ocorrência *indicativo/subjuntivo* e a respeito das características das EAs. Depois, apresenta-se a revisão da literatura, em que se expõe a respeito da temática modalidade (conceito, tipos de modalidades e os mecanismos pelos quais diversos tipos de modalidades costumam se manifestar na língua portuguesa). Em seguida, discorre-se a respeito do uso do modo subjuntivo na tradição latina e sobre a concepção e prescrição da GT, quanto ao uso dos modos indicativo e subjuntivo. Por fim, são apresentadas abordagens lingüísticas e sociolingüísticas em relação à co-ocorrência *subjuntivo/indicativo* e, também, estudos sobre a expressão de modalidades subjuntivas no português.

No segundo capítulo, expõe-se a respeito dos pressupostos teóricos e dos procedimentos metodológicos adotados, enfocando, assim, conceitos básicos da sociolingüística quantitativa, como: objeto de estudo, noções de variação e mudança lingüística, variante sintática. Expõem-se, também, informações básicas sobre as comunidades pesquisadas, referente aos *corpora* em estudo e a respeito da coleta e do tratamento atribuído aos dados.

No terceiro capítulo, os dados são descritos e analisados, atendendo, de acordo com as possibilidades, aos dois aspectos que são centrais ao tratamento de dados na perspectiva da sociolingüística quantitativa: tratamentos qualitativo e quantitativo. Esse capítulo apresenta a seguinte estruturação: em (3.1) apresenta-se análise em tempo real de longa duração, em (3.2), são apresentadas as ocorrências do português do século XVI; em (3.3) são apresentadas as ocorrências do português contemporâneo, em que se estabelecem comparações

entre os dados de Muriaé-MG e Feira de Santana-BA. Cada item desses consta de subitens em que são apresentadas as ocorrências dos seguintes contextos: adverbiais, completivas e relativas.

Por fim, são expostas as conclusões em que se apresentam resumidamente, os resultados, tendo sempre em vista a checagem das hipóteses testadas na presente pesquisa.

Em todo o trabalho, os quadros, os gráficos as tabelas e os exemplos apresentam-se em numeração contínua. Os exemplos utilizados nesta tese apresentam as seguintes características em sua disposição: quando há autoria, apresenta-se o exemplo em itálico; já quando o exemplo é fornecido pela própria autora dessa tese, ele é apresentado em fonte normal; quando é retirado do *corpus* em estudo, a especificação é fornecida no fim da linha, sempre entre colchetes. Os exemplos referentes às estruturas alternativas apresentam-se sempre em (x'), e, em alguns casos em (x'' e assim por diante) a estrutura co-referente, a saber, a estrutura com a forma verbal no subjuntivo. Esse procedimento está sendo tomado para que se torne possível verificar, na prática, o porquê de uma dada estrutura estar sendo considerada como uma forma alternativa na expressão de modalidade subjuntiva.

CAPÍTULO I

1. APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA E REVISÃO DA LITERATURA

1.1. Um problema que são dois: a co-ocorrência *indicativo/subjuntivo* e o uso de estruturas alternativas

Assume-se que o uso pouco freqüente do presente do subjuntivo no português não está apenas relacionado ao uso da variante *presente do indicativo*, mas também ao emprego de estruturas alternativas (as quais não se configuram contexto de uso do presente do subjuntivo, mas expressam as modalidades que são tipicamente expressas pela forma verbal no modo subjuntivo). Assim sendo, considera-se que para entender o uso variável do subjuntivo no português se faz necessário ultrapassar a barreira do entendimento da co-ocorrência *subjuntivo/indicativo* procurando, para isso, investigar o uso de estruturas alternativas para a expressão de modalidades típicas subjuntivas.

Na fase embrionária dessa pesquisa, tinha-se como objeto de estudo a análise da co-ocorrência do subjuntivo e do indicativo em dados de Muriaé/MG (ALVES, 2005), entretanto, na ocasião da coleta e das primeiras tentativas de sistematização dos dados, pôde-se perceber que se recorria com freqüência relativamente baixa ao uso de formas do presente do subjuntivo e do presente do indicativo. Observou-se, também, que o falante se expressava utilizando outras construções, o que poderia ser dito com a utilização de construções com a forma verbal no presente do subjuntivo. Seguem alguns exemplos:

- (3) Contexto de completiva expressando modalidade *volição*
- Quero [que você **venha**].
 - Quero [que você **vem**]. [MU01SI]
 - Quero [a sua **vinda**].
- (4) Contexto de adverbial, expressando idéia de finalidade
- O professor vai ter uma atitude [para que o aluno **melhore** o desempenho na disciplina] [MU03EM].
 - O professor vai ter uma atitude [para que o aluno melhora na disciplina].
 - O professor vai ter uma atitude [para o aluno **melhorar** na disciplina].
- (5) Contexto de relativa expressando modalidade existência real
- O cliente quer um sofá [que **seja** bonito e confortável].
 - O cliente procura um sofá que **é** bonito e confortável]. [MU09WA]
 - O cliente procura um sofá [] bonito e confortável

Vê-se, nos exemplos acima, a expressão de respectivas modalidades (ou ideia, em contexto de adverbiais) pode se manifestar por meio do uso de sentença com a forma verbal no: presente do subjuntivo, como em (3a, 4a, 5a); no presente do indicativo como em (3b, 4b, 5b) e de estrutura alternativa como em (3c, 4c, 5c) em que a forma verbal pode aparecer: nominalizada (3c), no infinitivo (4c) e elíptica (5c).

Diante dessas novas evidências, passou-se a perceber que o objeto de análise *uso variável do subjuntivo*, seria apenas parte de um fenômeno que precisa ser investigado: a *expressão de modalidades subjuntivas*. Buscou-se, a partir de então, compreender, sob outra ótica, os aspectos estruturais e sociais que estão relacionados à expressão de modalidades típicas do subjuntivo no português, procurando resposta para questões que estão relacionadas à co-ocorrência *indicativo/subjuntivo* e ao uso de estruturas alternativas, como:

- As estruturas alternativas podem ser consideradas variantes lingüísticas relativamente à expressão de modalidades típicas do

subjuntivo, tanto como são variantes lingüísticas o *presente do subjuntivo* (padrão) & *presente do indicativo* (não padrão)?

- b) Como categorizar os diferentes tipos de estruturas alternativas em termos sintáticos, semânticos e funcionais?
- c) Qual a atuação de fatores estruturais e sociais na co-ocorrência *indicativo/subjuntivo*, bem como na ocorrência de estruturas alternativas, tendo em vista a comparação de dados da sincronia do século XVI e da contemporaneidade?
- d) Considerando que, desde o latim vulgar, há uma tendência em se usar formas verbais do modo indicativo e também outras estruturas lingüísticas nos contextos em que, no latim, utilizava-se o modo subjuntivo, como entender as ocorrências de estruturas alternativas no português da contemporaneidade?
- e) Em se tratando de comparação de dados da contemporaneidade, quais as faces que o fenômeno apresenta em Minas e na Bahia?

Assim sendo, pretende-se atingir os seguintes objetivos específicos:

1. Proceder à caracterização sintática e semântica das estruturas alternativas, procurando, sobretudo, verificar se as mesmas se enquadram ou não no perfil de variante lingüística, não à expressão do subjuntivo, mas à expressão de modalidades subjuntivas;
2. Analisar qualitativamente e quantitativamente o uso do presente do indicativo *versus* presente do subjuntivo no português, bem como o uso de estruturas alternativas em relação ao uso do presente do subjuntivo, considerando, para isso, a atuação de fatores estruturais e sociais;

3. Estabelecer comparações entre o que ocorre nos dois *corpora* contemporâneos (Minas X Bahia) e entre o que ocorre no *corpus* do português do século XVI e do português da contemporaneidade.

Para isso, pretende-se, assim, testar a validade da hipótese central, segundo a qual o uso variável do subjuntivo no português está relacionado não apenas à realização das variantes tradicionalmente consideradas na literatura lingüística do português brasileiro, ou seja, com a co-ocorrência de *formas* presente do indicativo e *formas do* presente do subjuntivo (BIANCHET, 1996; ROCHA, 1997; ALVES NETA, 2000; MEIRA, 2006, dentre outros), mas também ao uso de outras possibilidades que a língua oferece à expressão de modalidades típicas do subjuntivo.

Procura-se também testar a validade das seguintes hipóteses:

- na expressão das modalidades típicas do subjuntivo, as três formas então consideradas apresentam-se comuns em fase pretérita do português, a exemplo do português do século XVI. Conforme se evidencia no capítulo 2, estudar documento dessa fase do português (isto é, 1556) pode ser muito útil, pois foi a partir do século XVI que se dispõem dos primeiros manuais normativos do português, conforme se cita mais adiante;
- no português contemporâneo, o uso de presente do indicativo e de estruturas alternativas pode estar manifestando o fenômeno “evite o subjuntivo”, o qual se encontra nos dados de Minas em estágio mais avançado do que nos dados da Bahia. Isso vem então justificar o porquê da utilização dos dados das duas referidas localidades.

Os estudos desenvolvidos a respeito do fenômeno *uso variável do subjuntivo no português* têm adotado a hipótese da co-existência de duas variantes lingüísticas: formas do presente do subjuntivo & formas do presente do

indicativo. Entretanto, buscando analisar o fenômeno sob outra ótica, considera-se como ponto fundamental não *o uso do subjuntivo*, mas *a expressão de modalidades típicas do subjuntivo*, uma vez que, essa expressão pode realizar-se mediante as seguintes possibilidades que podem ser consideradas semanticamente equivalentes, a saber:

- (i) por meio de estruturas que são contexto de uso de forma verbal no presente do subjuntivo, em que se constituem ambientes de variação entre o presente do subjuntivo, como em (6a) e o presente do indicativo, como em (6b) abaixo;
 - (ii) por meio de estruturas que não se constituem contexto de uso de forma verbal no presente do subjuntivo, ou seja, por meio de uso de estruturas alternativas, (como em 6 c);
- (6) a. Espero que ele **seja derrotado** nas urnas. (presente do subjuntivo)
[MUO4JO]
b. Espero que ele **é derrotado** nas urnas. (presente do indicativo)
c. Espero **a derrota** dele nas urnas. (estrutura alternativa)

Registra-se em (i) acima, um caso clássico de variação, que se realiza por meio da alternância de itens lexicais com as seguintes características: a marca da morfologia flexional encontra-se no presente do subjuntivo, como em (6a) e a marca da morfologia flexional encontra-se no presente do indicativo, como em (6b). Sendo assim, há entre (6a) e (6b) uma similaridade estrutural em todo o restante da sentença e uma variação de cunho morfológico, isto é, entre as formas verbais do presente do subjuntivo X presente do indicativo². Assim, por meio de uma ou outra variante, se expressa a mesma modalidade volição.

² A variante *forma do indicativo*, como em (6b), só pode ser denominada como *não-padrão* tendo em vista os parâmetros prescritivos da gramática normativa vigentes na língua portuguesa da contemporaneidade. Entretanto, considerando-se os dados do português do século XVI, não é apropriada a utilização do termo *não-padrão* uma vez que, nesse período a língua portuguesa ainda estava passando pelo processo de

Entretanto, a referida modalidade também pode ser expressa por meio de outras estruturas, como os exemplos 6c, que não configuram contexto de uso do presente do subjuntivo.

Na tentativa de deixar claro desde já o objeto de estudo, é pertinente o seguinte Diagrama:

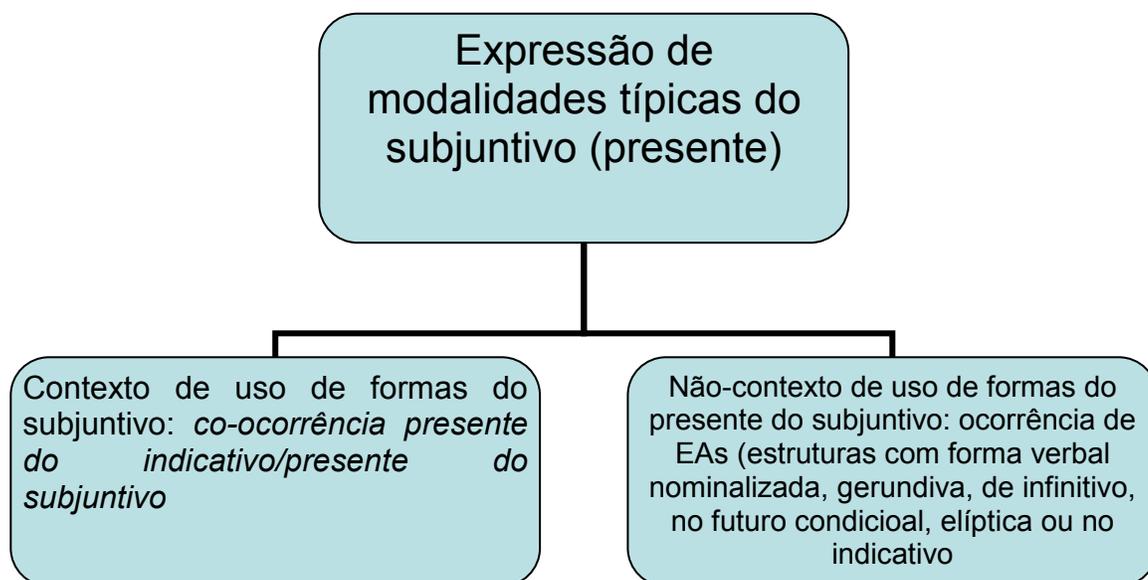


Figura 1: Representação hierárquica das formas de expressão de modalidades típicas do subjuntivo (presente)

normativização, que se iniciou “a partir de 1536 com a gramática de Fernão de Oliveira, e de 1940, com a gramática de João de Barros”, (MATOS E SILVA, 2006, p. 22).

Defende-se, então, que o falante dispõe de diversas formas para expressar as modalidades típicas do subjuntivo, sendo por meio de contexto de uso do subjuntivo ou não. No caso de contexto de uso do presente do subjuntivo, detecta-se a co-ocorrência *presente do indicativo/presente do subjuntivo*.

Em se tratando de ausência de contexto de uso do presente do subjuntivo, ocorrem: (i) sentenças com a forma verbal nominalizada, como no exemplo (7a); (ii) sentenças no infinitivo, como em (7b); (iii) sentenças no futuro condicional (futuro do subjuntivo), como em (7c); (iv) Sentenças com a forma verbal no gerúndio, como em (7d); (v) sentenças elípticas, como em (7e) e sentenças com a forma verbal no presente do indicativo, sem que seja contexto de subjuntivo, como em (7f), sentença com o ter modal (*ter que* ou *ter de*+ infinitivo), como em (7g):

(7)

a. Espero **a derrota** dele nas urnas. [MU04JO]

a'. Espero que ele **seja derrotado** nas urnas.

b. Fogão é chato, atrapalha a gente.... até eu **arrumar** aquele monte de vasilha, ... [MU02TF]

b'. até que eu **arrume** aquele monte de vasilha ...

c. Se uma porta se **fechar**, Deus abre um portão. [FS01QU]

c'. Caso uma porta se **feche**, Deus abre um portão.

d. O funcionário **chegando** atrasado todos os dias, merece levar falta.[MU06EL]

d'. Caso o funcionário **chegue** atrasado todos os dias, merece levar falta.

e. Pra você chegar em qualquer lugar, tem que ter simpatia, mesmo que [] de um jeito, assim, tímido,.. [MU03EM]

e'. ... mesmo que **seja** de um jeito assim tímido...

f. Se meu aluno passa num concurso, eu me sinto honrada. [FS11TS]'

f'.Caso meu aluno passe num concurso eu me sinto honrada.

g. **Tenho que chegar** cedo todos os dias. [MU06EL]

Nos exemplos em (7) encontram-se em (a), (b), (c), (d), (e), (f) e (g) as EAs por meio das quais se expressam modalidades típicas do subjuntivo. Em (a'), (b'), (c'), (d') e (e'), encontram-se as sentenças co-referentes a essas, evidenciando, assim, que as EAs mantêm para com as sentenças em que ocorrem as formas do presente do subjuntivo uma certa identidade. Isto é, defende-se que aquilo está sendo dito por meio de EAs pode também ser dito através de uma estrutura a qual se caracteriza contexto natural de uso de formas no presente do subjuntivo.

É visível, então, no exemplo (6), que todas as sentenças expressam a modalidade *volição*. Diante disso, eis então uma questão importante dessa investigação: diante do fato de as estruturas alternativas serem munidas do potencial de expressar as modalidades que são tipicamente expressas por forma verbal no subjuntivo, é viável considerá-las como variante lingüística? Essa é uma pergunta que demanda uma resposta complexa por pressupor a discussão sobre o próprio conceito de variante lingüística quando essa ocorre em nível sintático ou discursivo.

É inquestionável falar em variação no nível morfológico, a exemplo da variação existente entre os modos subjuntivo e indicativo, pelo fato de essa caracterizar-se, em termos estruturais, como uma mera permuta das marcas flexionais que assinalam a presença do modo subjuntivo ou indicativo, como se vê entre (6a) e (6b). No entanto, no caso das estruturas alternativas usadas para expressar modalidades típicas do subjuntivo, há uma dificuldade em caracterizá-las como 'variante lingüística' e essa dificuldade relaciona-se fundamentalmente a duas questões:

- (1) A identificação do tipo de relação existente entre estrutura alternativa e as variantes 'presente do indicativo' e 'presente do subjuntivo', mais especificamente, a consideração dos aspectos sintáticos, semânticos e discursivos envolvidos nos processos de alternância ou de complementariedade.

(2) A obtenção de algum nível de segurança para a identificação da possível relação semântico-pragmática existente entre a estrutura alternativa e o uso de estruturas com o presente do subjuntivo;

Veja o quadro abaixo:

Quadro 1: Representação do nível de identidade existente entre os itens

TIPO	Identidade	Variabilidade	Modalidade	Avaliação
A	Éspero Espero	que ele seja derrotado que ele é derrotado	Volição volição	caso clássico de variação
B	Éspero	a derrota dele	Volição	caso atípico

Conforme se encontra claramente visível no Quadro 1, verifica-se que, nos pares em (A), há um caso clássico de variação lingüística, em que se expressa a modalidade *volição*. Essa variação tem sido muito bem explicada na Sociolingüística Quantitativa, por apenas comprometer a permuta da forma verbal do modo subjuntivo pela forma do modo indicativo.

Entretanto, o exemplo (B), registra entre si e em relação aos pares em (A), a manutenção de identidade semântica e uma diferenciação no componente estrutural da sentença. Por isso, considerando os critérios semânticos da modalidade, pode-se entender que haja alguma correspondência semântica entre as referidas estruturas (A e B), uma vez que todas essas dão conta da expressão da modalidade *volição*. No entanto, devido ao caráter irregular que essas estruturas alternativas apresentam entre si, e justamente considerando esses aspectos sintáticos/estruturais, *não* é possível considerá-las como variantes lingüísticas de acordo com a clássica visão da sociolingüística variacionista.

Em síntese, essa proposta de estudo, busca caracterizar o uso de estruturas alternativas no processo de expressão de modalidades típicas do subjuntivo e, sobretudo, o tipo de relação existente entre essas estruturas e a co-ocorrência das variantes *presente do indicativo & presente do subjuntivo*. Enfatiza-se, então, que as estruturas alternativas à expressão de modalidades típicas do subjuntivo podem ser consideradas variantes em relação às estruturas ‘presente do indicativo’ e ‘presente do subjuntivo’ principalmente se se considera o plano funcional.

Procura-se, aqui, fundamentalmente, realizar a descrição e análise da ocorrência de estrutura alternativa e do presente do subjuntivo e da co-ocorrência *presente do indicativo/presente do subjuntivo* no processo de expressão de modalidades típicas do subjuntivo no português. Para isso, busca-se, verificar a validade das hipóteses de trabalho, as quais se pautam basicamente na comparação em tempo real (século XVI & contemporaneidade) e na comparação das amostras dos Estados de Minas Gerais e da Bahia.

Assim sendo, constituem âncoras fundamentais para entender a proposta desse estudo a exposição sobre as co-ocorrências entre presente do indicativo e presente do subjuntivo e sobre o uso de estruturas alternativas. É sobre isso que se discorre no próximo item desse capítulo.

1.2. Revisão da literatura

1.2.1. Sobre modalidade e modalidade lingüística

O estudo da modalidade lingüística tem sido desenvolvido em diversas áreas, a saber: sintaxe (ROSS, 1969, *apud* NEVES, 2002), semântica (LYONS, 1977), pragmática (PARRET, 1976; KERBRAT-ORECCHIONI 1977, *apud* NEVES, 2002).

Para Lyons (1977), as entidades humanas se constituem a partir de três categorias, a saber: as entidades de primeira ordem (os objetos concretos: pessoas animais e coisas); as entidades de segunda ordem (eventos, processos, estados de coisas, etc.); as de terceira ordem (que estão fora do tempo e do espaço). Para o autor, as modalidades podem ser: alética (ou lógica), deôntica (ou ética) e epistêmica (ou cognitiva).

Blühdorn & Evangelista (2000) entendem modalidade como *conjunto de relações entre proposições e enunciações*, sendo que esse conjunto deve ser acrescentado ao conjunto das três categorias proposta por Lyons, formando a categoria das *enunciações*, uma *entidade de quarta ordem*. Ao fazerem referência ao *conjunto de relações entre proposições e enunciações*, as referidas autoras, com base na gramática de casos (cf. FILMORE, 1968, *apud* BLÜHDORN & EVANGELISTA, 2000), pautam-se na separação da sentença em dois componentes: proposição e modalidade, associando, com isso, a modalidade à força ilocutória da sentença.

As considerações que se tecem na Linguística a respeito da questão modalidade são geralmente pautadas no universo da lógica. Bally (1944, *apud* RIDRUEJO, 1999), utilizando uma terminologia dos lógicos escolásticos, considerava a necessidade de distinção de dois elementos em todas as orações: a) o *dictum*, correlato do processo que constitui a representação e b) o *modus* a expressão da modalidade correlativa a operação de formulação do *dictum* por parte do sujeito falante.

Para Saint Pierre (1992, p. 1, *apud* NEVES, 2002), a modalidade deve ser entendida como uma operação, por parte do enunciador, de assunção do conteúdo proposicional de seu enunciado em relação a um evento ou a uma certa relação intersubjetiva. Sendo assim, o *dictum*, ou o conteúdo de pensamento, se distingue do *modus*, ou atitude que o sujeito apresenta no que se refere a esse conteúdo. De acordo com Maingueneau (1990, p. 8, *apud* NEVES, 2002), a modalidade “é a relação que se estabelece entre o sujeito da enunciação e seu enunciado”.

Seguem três noções de modalidade, conforme Kiefer (1987, *apud* NEVES, 2002): i) como expressão de possibilidade e de necessidade (seja alética, seja epistêmica, seja deôntica); ii) como expressão de atitudes proposicionais (com verbos que expressam estado cognitivo emocional ou volitivo + oração completiva); iii) como expressão de atitude do falante (qualificação cognitiva, emotiva ou volitiva que o falante faz de um estado de coisas).

Sob uma ótica funcionalista a noção de modalidade instaura-se, entre outros componentes, no universo pragmático do *irrealis* (cf. GIVÓN 1984, 1995), o qual comporta o traço da futuricidade e o da incerteza epistêmica. Nessa perspectiva, interpreta-se modalidade em dois grandes eixos: o que se refere à seus aspectos deôntico/avaliativo, que comporta valores como *desejo, preferência, intenção, obrigação, manipulação e habilidade*; e epistêmico, que engloba valores como verdade, probabilidade, certeza, crença e evidência, (COATES, 1995; GIVÓN, 2001). Há também quem trate de três eixos distintos de modalidade: *habilidade/capacidade; deôntica e epistêmica*, (TRAUGOTT & DASHER, 2005).

Tradicionalmente, o eixo deôntico caracteriza-se como mais pragmático e o epistêmico como mais voltado para a semântica. Givón (1995) corrobora a validade dessa associação, entretanto, propõe também a relação entre o eixo epistêmico com o universo da interação comunicativa intencional. Sobre o referido trabalho, são oportunas as palavras de Votre & Oliveira (1997, p.2):

O autor apresenta alguns princípios que permitem prever os contextos gramaticais (associados a *irrealis*) em que o modo subjuntivo tem mais probabilidade de gramaticalizar-se. Logo, o *irrealis* é apresentado simultaneamente como categoria conjuntivo-funcional e tipológico-gramatical. ... Givón constata quatro modalidades proporcionais epistêmicas, que redefinem em termos prototípicos, e a que associa o equivalente comunicativo: a) verdade necessária **vs** pressuposição; b) verdade factual **vs** asserção *realis*;

c) verdade possível x asserção *irrealis*; d) não-verdade vs NEG-asserção. “

A modalidade *irrealis* realiza-se formalmente por meio de contextos gramaticais em que a oração se vincula à sentença matriz com verbos de manipulação (querer) e a verbos de cognição-enunciação-percepção (acreditar) e a advérbios modalizadores (talvez, provavelmente).

Essa nova forma de visualizar a noção de modalidade, ou seja, por meio da definição de *realis* e *irrealis* possibilita um olhar mais abrangente, tendo em vista que proporciona nova perspectiva de análise dos aspectos voltados à cognição (*de verdade para certeza subjetiva*) e ao universo comunicativo-interacional (o foco não é mais o falante, mas sim a interação, o socialmente negociado).

Os verbos modais são considerados por alguns como ambíguo e por outros como casos de homonímia. Explica-se o seu caráter de ambíguo, pelo fato de ora se relacionarem mais ao campo do deôntico e, às vezes, ao universo do epistêmico (SWEETSER, 1990). Entretanto, de acordo com alguns teóricos os verbos modais por serem diferentes entre si e, conseqüentemente, exercerem papéis distintos, precisam ser tratados como itens homônimos (LYONS, 1977; LOBATO, 1975). Apresentando uma visão diferenciada, Coates (1995) e Givón (2001) assinalam a presença de gradação de significação oscilando entre as modalidades deôntica e epistêmica. Considerando também que ambos os tipos se enquadram na modalidade *irrealis* e compartilham da mesma origem histórica, os autores destacam a possibilidade de haver sobreposição ou mescla de significado.

Sobre o caráter camaleônico do verbo modal ‘poder’ em dados de fala do no português, Costa (2009, p. 3) investiga a seguinte hipótese:

.... não se trata de homonímia, e que eventuais ambigüidades podem ser desenvolvidas com base no contexto discursivo, pois o que ocorre é uma

situação de expansão polissêmica, com base na sobreposição de significados, caracterizando a multifuncionalidade do item.

A análise dos dados leva a autora concluir que o verbo *poder* não se comporta como um caso de homonímia ou de ambigüidade visto que possui face camaleônica e natureza multifuncional, adaptando-se, assim, grande capacidade de se adaptar ao contexto, como demonstra-se a partir do seguinte exemplo:

(8) As drogas são uma coisa muito ruim; *pode* levar até uma pessoa à morte.

Conforme a autora, fica evidente que o verbo *poder* oferece duas possibilidades de interpretação, uma no âmbito do deôntico e outra no campo do epistêmico. Assim sendo, no exemplo acima, há margem para entender uma das seguintes possibilidades: (i) *as drogas têm a capacidade de levar a pessoa a morte*; (ii) *é possível que as drogas levem alguém a morte se a pessoa não estiver atenta ao perigos que elas representam*.

1.2.1.1. A manifestação da modalidade na língua portuguesa

Neves (2002, p. 174) afirma que a modalidade pode se manifestar mediante a utilização de muitos mecanismos lingüísticos, a saber: verbo, como em (8a); advérbio, que também pode associar-se a um verbo auxiliar modal, como em (8b); adjetivo em posição de predicativo, como em (8c); substantivo, como em (8d); categorias gramaticais do próprio verbo (tempo, aspecto, modo), como em (8e):

(8)

- a. *Eu **acho** que o teatro não é tão assim divulgado.*
- b. ***Provavelmente**, ele **deve ter** falado com você.*
- c. *Ele disse que vai ser **necessário** um aborto.*
- d. *Eu **tenho a impressão** que eles comam coisas mais leves na hora das refeições diárias*
- e. *Eu **poderia** me alimentar só de carne.*

Assim, como se pode observar nos exemplos expostos por Neves (2002), a modalidade lingüística pode ser expressa por um ou vários elementos num enunciado lingüístico, como em (8b), onde se expõe a modalidade de *probabilidade* mediante a utilização do advérbio e da locução verbal que também expressa *probabilidade*; em (8a) tem-se, mediante a utilização de um verbo que expressa estado cognitivo, a expressão da concepção do falante em relação ao conteúdo exposto na sentença encaixada. Entretanto, no que se refere à construção exposta em (8e), não se entende que seja o tempo verbal (expressão do futuro do pretérito) que esteja expressando a modalidade, conforme sustenta a autora. É possível que se acredite sim que a expressão da modalidade *probabilidade/possibilidade*, também nesse exemplo, assim como em (8b), esteja sendo expressa pelo complexo verbal *poderia alimentar*. Um argumento de que não é a marca de tempo que expressa modalidade é o seguinte: caso se coloque o verbo auxiliar em questão, ou seja, *poderia*, no tempo presente, ele continuaria expressando, da mesma forma, a modalidade *probabilidade/possibilidade*. Sendo assim, é a própria semântica do verbo *poder* que expressa a referida modalidade.

Também em Koch (2003), ao se discorrer sobre *indicadores modais ou índice de modalidade*, são apontados meios lingüísticos por intermédio dos quais as modalidades são apresentadas ou lexicalizadas no discurso, a saber: sob forma de *expressões cristalizadas* do tipo “é + adjetivo” (é necessário); certos *advérbios* ou *locuções adverbiais* (talvez, provavelmente, etc.); *verbos auxiliares modais* (poder, dever, etc.); *construções de auxiliar + infinitivo* (ter de + infinitivo, precisar + infinitivo, etc.); *orações modalizadoras* (tenho certeza de que, não há dúvida de que). A autora evidencia também que: (a) uma mesma modalidade pode ser expressa por meio da utilização de diferentes tipos de recursos lingüísticos; (b) um mesmo indicador modal pode exprimir diferentes tipos de modalidade, a exemplo do verbo poder (que exprime, a depender do contexto, a modalidade de opcionalidade ou de possibilidade, etc.) e do verbo dever (modalidade de possibilidade ou de probabilidade).

Mateus *et all.* (1983, p. 143), em sua gramática da Língua Portuguesa, sustentam que as modalidades se constituem categorias gramaticais que expressam a atitude do locutor tanto em relação ao conteúdo proposicional do seu enunciado, quanto no que se refere a quem o enunciado se destina. As autoras afirmam também que as modalidades são quase que exclusivamente expressas pelos modos verbais e pelos verbos modais.

1.2.2. O uso do modo subjuntivo: na tradição latina e na concepção da GT

Maurer Jr. (1951), ao discorrer sobre a unidade da România Ocidental, adota a hipótese de que a notável semelhança das línguas românicas do Ocidente não se deve apenas ao fato de essas línguas terem como origem comum o latim vulgar do império romano, mas é também “o resultado de uma unidade contínua de contato interrupto entre todas as línguas da família” (p. 9). Nesse trabalho, comprova-se que muitas inovações manifestaram-se posteriormente à destruição do império romano pelas invasões bárbaras que, por sua vez, estenderam-se por toda a parte ocidental da România, ocasionando alteração cultural, enriquecimento do léxico e, às vezes, mudança na morfologia das línguas que a constituíam. Nessa obra, o autor, ao apresentar, dentre outros temas, aspectos que caracterizam a gramática românica ocidental, tece observações sobre algumas categorias verbais.

A respeito do modo subjuntivo, o autor evidencia que esse modo, desde o latim vulgar, não só perde alguns dos seus tempos, mas também, restringe as suas funções. Todavia, o preenchimento das lacunas de tempo, modo e aspecto é suprido pelo aparecimento de formas perifrásticas. O condicional, conforme o autor, “um modo de criação românica” (p.194), é empregado em diversos contextos da România Ocidental, a saber: (a) com valor de passado do futuro imperfeito; (b) na apódose do período hipotético; (c) como modo da dúvida; (d) com valor de subjuntivo potencial latino na segunda pessoa do plural para exprimir uma espécie de “impessoal”; (e) como modo da modéstia, da afirmação atenuada;

(f) como modo da delicadeza, da ordem ou da vontade atenuada. Assim, o condicional, “desenvolvendo o seu emprego modal, vai (...) entrando em concorrência com o subjuntivo”, (p.199) que era bem menos utilizado na língua popular do que na literária.

Maurer Jr. (1959), ao abordar a gramática do latim vulgar, dentre outros temas, discorre sobre os modos verbais. Conforme o autor, persiste no latim vulgar o uso dos três modos verbais: indicativo, subjuntivo e imperativo, entretanto essa língua, exibindo uma sintaxe mais paratática do que hipotética, não conservou o subjuntivo de subordinação. Esse autor esclarece também que o uso do modo subjuntivo no latim vulgar se reduz muito em relação ao latim clássico, uma vez que as funções que seriam correspondentes ao subjuntivo no latim clássico passam a ser expressas pelo indicativo e por perífrases constituídas de *auxiliar mais infinitivo*. Conforme Maurer Jr. (1959, p. 179-181), eis alguns contextos de uso do subjuntivo no latim clássico, os quais são ocupados pelo uso do indicativo no latim vulgar: (a) interrogação subjetiva de deliberação; (b) oração potencial independente (ex. poderá alguém dizer); (c) interrogação indireta; (c) oração consecutiva em que o verbo regente é afirmativo, entretanto, caso a oração regente seja negativa volitiva ou interrogativa, conserva-se o uso do subjuntivo; (d) oração relativa de valor circunstancial.

1.2.2.1. Os modos verbais sob a ótica da GT

Para diversos gramáticos da língua portuguesa (PEREIRA, 1929; SAID ALI, 1964; LUFT, 1989; BECHARA, 1999; CUNHA & CINTRA, 2001), os três modos verbais existentes, ou seja, o Indicativo, o Subjuntivo e o Imperativo, podem ser definidos da seguinte forma: Indicativo é o modo da certeza; Subjuntivo é o modo da dúvida; Imperativo é o modo do comando, do conselho.

Luft (1989, p. 129) assume que os modos expressam a atitude do sujeito que fala em relação ao processo verbal. Nesse sentido, o falante, mediante o modo indicativo, “*enuncia pura e simplesmente o processo*”, por meio do modo

subjuntivo, “*participa efetivamente da idéia verbal, desejando-a, supondo-a, ou a considerando duvidosa*” e, mediante o imperativo, “*impõe o processo verbal ao ouvinte assumindo atitude ativa*”. Este autor defende a relação entre os três modos verbais e as faculdades da alma: indicativo – inteligência; imperativo – vontade; subjuntivo – sensibilidade.

Em se tratando da formação do presente do Subjuntivo e do modo imperativo (afirmativo e negativo), Cunha & Cintra (2001, p. 390-391) afirmam que esses são derivados do Indicativo³. Assim, o tempo presente do modo subjuntivo é formado do radical da 1ª pessoa do presente do Indicativo, com a substituição da desinência - o pelas flexões próprias do presente do Subjuntivo (nos verbos de 1ª conjugação: -e, -es, -emos, -eis, -em; nos verbos de 2ª e de 3ª conjugações: -a, -amos, -ais, -am), conforme demonstra o Quadro abaixo:

QUADRO 2: Formas do Presente do Subjuntivo

CONJUGAÇÃO	PRIMEIRA	SEGUNDA	TERCEIRA
Formas: 1ª singular.	CANT – O	VEND – O	PART – O
Formas do Subjuntivo	-e	-a	-a
	-es	-as	-as
	-e	-a	-a
	-emos	-amos	-amos
	-eis	-ais	-ais
	-em	-am	-am

De acordo com quadro acima, o imperativo afirmativo só possui formas próprias de 2ª pessoa do singular e de 2ª pessoa do plural, as quais “são

³ Os autores evidenciam, também, que apenas os seguintes verbos da língua portuguesa não se enquadram na regra exposta acima: haver, ser, estar, dar, ir, querer, saber. Esses verbos aparecem no subjuntivo, nas respectivas formas: haja, seja, esteja, vá, queira e saiba.

derivadas das correspondentes do presente do indicativo⁴ com a supressão do morfema **-s** final”.

Segundo Cunha & Cintra (2001), o subjuntivo é visto como o modo “típico” das orações subordinadas, tendo em vista que “*denota que uma ação, ainda não realizada, é concebida como dependente de outra, expressa ou subtendida*”. Esse modo verbal é usado tanto nas orações subordinadas substantivas, quanto nas orações adjetivas e adverbiais.

Estes autores estabelecem princípios gerais que deverão nortear o emprego do modo Subjuntivo em orações subordinadas substantivas. Assim, o modo subjuntivo é exigido em orações que são dependentes de verbos cujo sentido está relacionado às ideias de ordem, de proibição, de desejo, de vontade, de súplica, de condição e outras correlatas, tais como: desejar, duvidar, implorar, lamentar, negar, ordenar, pedir, proibir, querer, rogar e suplicar. Conforme os autores, o subjuntivo deverá ser sempre utilizado em:

(I) oração subordinada substantiva que exprime: *vontade (nos matizes que vão do comando ao desejo) com referência ao fato de que se fala, como em (9); um sentimento ou uma apreciação que se emite com referência ao próprio fato em causa, como em (10); a dúvida que se tem quanto à realidade do fato enunciado, como em (11);*

(9) *Não quero que me **julgues** sem pudor, uma mulher de prendas desoladas, nada tendo a defender.*

(10) *Pior será que nos **enxotem** daqui...*

(11) *Não acredito que ela **chore** aqui.*

⁴ Não se enquadram nesta regra os verbos haver, ser, estar, ir, querer e saber.

(ii) **oração subordinada adjetiva que exprime**: um fim que se pretende alcançar, uma conseqüência; um fato improvável, como em (12); uma hipótese (13), uma conjectura, uma simulação (14):

- (12) *Portanto, quero coisa da igreja, coisa pia, que **dê** gosto a um bom sacerdote como é o padre Estevão.*
- (13) Gerson saiu rapidamente da igreja, e até o momento não há quem o **convença** a voltar lá⁵.
- (14) a. *Então não havia um direito que lhe **garantisse** a sua casa?*
b. Então não há um direito que lhe **garanta** a casa?

(iii) **orações subordinadas adverbiais**: para Cunha & Cintra (2001, p. 470), neste tipo de oração, o subjuntivo é desprovido de valor próprio, já que esse modo “é um mero instrumento sintático de emprego regulado por certas conjunções”, a saber: (a) *causais*, que negam a idéia da causa (não porque, não que), como em (15); *concessivas* (*embora, ainda que, conquanto, posto que, mesmo que se bem que, etc.*), como em (16); *finais* (*para que, a fim de que, porque, etc.*) como em (17); *temporais*, que marcam anterioridade (antes que, até que, etc.), consoante em (18); em orações comparativas iniciadas pela hipotética *como se*, como em (19); em orações condicionais, em que a condição é irrealizável ou hipotética, conforme em (20): em orações consecutivas, como em (21):

- (15) Não que não eu **queira** amar, mas amar menos, sem tanto sofrimento.
- (16) *O povo não gosta de assassinos **embora inveje** os valentes.*
- (17) Rubião não entendeu; mas o sócio explicou-lhe que será útil desligarem já a sociedade, a fim de que ele sozinho **liquide** a casa.
- (18) *Vamos **embora antes que nos veja**.*
- (19) *Cantavam os galos no poleiro **como se fosse** de madrugada.:*
- (20) a. *Se **viesse** o sol tudo mudava.*
b. Caso o sol **venha** tudo mudará
- (21) *Pôs-lhe uma nota voluntariamente seca de maneira que lhe **apagasse** a cor generosa da lembrança.*

⁵ Por decorrência de nem sempre ter encontrado na GT exemplificação com o verbo no presente do Subjuntivo e tendo em vista que construção desse tipo é naturalmente produtiva na língua portuguesa, adaptamos alguns exemplos (os quais se encontram em itálico) de forma que eles venham a exibir a forma verbal no presente do subjuntivo.

Bechara (2003), ao descrever os contextos de uso do subjuntivo, afirma que esse modo ocorre normalmente nas seguintes orações: independentes optativas, imperativas negativas e afirmativas, dubitativas com o advérbio *talvez* e subordinadas em que o fato é considerado como incerto, duvidoso ou impossível de se realizar. Para esse autor, as orações subordinadas nas quais devem ocorrer o Subjuntivo, são: orações substantivas, adjetivas e adverbiais.

Said Ali (1964 [1929]) mostra que o uso do subjuntivo (também chamado pelo autor de conjuntivo) é condicionado por fatores sintáticos, como os seguintes: (i) determinados verbos, como em (22); expressões impessoais, (23); determinadas conjunções, (24); alguns pronomes, como em (25):

- (22) a. Não *podes impedir* que as coisas **pareçam** o que são.
b. É de *admirar* que não **sejam** mais numerosos os candidatos.
- (23) a. É justo que todos **sejam** contemplados.
b. É necessário que **embarques** o mais cedo possível.
- (24) a. *Que se expressem* o que querem fazer a obra.
b. *Dá muitas esmolas embora* não **seja** rico.
- (25) *Quem há* que não **faça** o mesmo.

Já para Brandão (1963), apesar de em condições enfáticas a língua moderna ainda preferir o subjuntivo, o emprego do indicativo pode ocorrer em frases interrogativas e exclamativas enfáticas – com a intenção de destacar a surpresa e a admiração – quando se objetiva a contraposição da probabilidade com a realidade, como em (26):

- (26) *É possível que eu me **prezo** de um príncipe verdadeiro e que eu mandei cometer uma aleivosia tão grande?*

Ainda segundo esse autor, o indicativo em contexto de subjuntivo pode ser empregado:

(i) para se atenuar uma ordem ou persuadir o cumprimento de um conselho, de um pedido, como em:

- (27)a. **Faz** favor.

*b. Você agora **vai** tocar aquela música.*

(ii) quando se pretende insistir na realidade do fato expresso pela oração subordinada, como em:

(28)a. *Certo estou de que não haverá quem **duvide**.*

*b. Certo estou de que não haverá quem **duvida** de que estou certo.*

(iii) em estruturas como (29), em que há forma verbal no futuro do indicativo, precedida da expressão *pode ser*:

(29) *Pode ser que **descarregarei** eu nesse marinho o apetite da fúria com que ando.*

(iv) em orações interrogativas indiretas (ver 30a), com exceção de contextos em que se tem o objetivo de expressar dúvida e incerteza, como em (30b) e (30c) em que ocorre o subjuntivo.

(30) a. O genovês lhe pergunta por que o **chama** a desafio.

*b. Verdadeiramente não sei de que mais me **espante** (me hei de espantar).*

*c. Segue-me agora ver quais **sejam** os instrumentos.*

Said Ali (1964), por sua vez, também afirma que formas do imperativo podem ser substituídas por formas do presente do indicativo para que um convite ou um pedido adquira um tom mais insinuante, conforme ilustram as sentenças em:

(31) a. *Tu **jantas** hoje comigo.*

*b. Não te **demoras**.*

Também para Cunha & Cintra (2001), algumas formas do presente do indicativo podem ser utilizadas em contexto de imperativo com a finalidade de amenizar a rudeza da forma imperativa, como em:

(32)a. *O senhor me **traz** o dinheiro amanhã.*

*a'. **Traga-me** o dinheiro amanhã*

*b. **Toma** o remédio indicado*

b'. Tome o remédio indicado

Conforme Bechara (2003): (a) o subjuntivo pode ser substituído pelo indicativo quando a oração substantiva for introduzida pela expressão 'quem diria', como demonstram os exemplos em (33) abaixo; (b) o uso do indicativo pelo subjuntivo também pode ocorrer em orações subordinadas adverbiais em que a conjunção condicional (se) faz referência a uma coisa real ou tida como real, como demonstração em (34):

- (33) a. *Quem diria que ele **era** capaz disso.*
b. *Quem diria que ele **fosse** capaz disso.*
(34) *Não há momento que perder se **queremos** salvar-nos.*

Ainda consoante o referido autor, o indicativo também pode ser empregado em situações em que "parece que o indicativo deixa antever melhor a certeza de que o de que se duvida se pode bem realizar", como exemplificação em:

- (35) *Magistrado ou guerreiro de justo ou generoso se gaba: - e as turbas talvez o **aplaudem** e **celebram** o seu nome.*

Cunha & Cintra (2001, p. 472), sob o argumento de que algumas vezes "a construção com subjuntivo é pesada e malsoante", defendem que é conveniente substituí-la por expressão equivalente. Sobre isso, afirmam que a sentença com verbo no subjuntivo pode ser substituída por estrutura com forma verbal de infinitivo, de gerúndio, por um substantivo abstrato e, até mesmo, por uma construção elíptica, como nos respectivos exemplos:

✓ **O infinitivo:**

- (36) a. O professor pedirá que o aluno **leia** um romance. (Subjuntivo)
b. O professor pedirá para o aluno **ler** um romance. (substituição)

✓ **O gerúndio, principalmente em contexto de orações condicionais:**

- (37) a. caso **andemos** depressa, ainda o alcançaremos. (Subjuntivo)
b. **Andando** depressa ainda o alcançaremos. (substituição)

✓ **Um substantivo abstrato (ou nominalização):**

- (38) a. *Acredito **que ele esteja inocente**.* (Subjuntivo)
b. *Acredito em **sua inocência**.* (substituição)

✓ **Uma construção elíptica:**

- (39)a. ***Quer sejam ricos ou pobres, quer sejam brancos ou pretos, são...***
b. ***Ricos ou pobres, brancos ou pretos, são todos iguais perante a lei.***

Essas construções podem ocorrer alternativamente ao uso de construções com a forma verbal no subjuntivo em qualquer tempo verbal do subjuntivo. Entretanto, nesse estudo interessam apenas aquelas referentes ao presente do subjuntivo. Assim sendo, incluem-se ao rol dessas construções alternativas, as construções que portam a forma verbal no futuro do subjuntivo, isto é, construções em que geralmente se expressa condição, como evidencia o exemplo:

- (40) a. Caso você **precise faltar** ao trabalho, avise-me com devida antecedência.
b. Se você **precisar faltar** ao trabalho, avise-me com devida antecedência.

Os exemplos elencados acima (cf. 36-40) exibem dois tipos de expressão da modalidade subjuntiva: um com a utilização de sentenças em que a forma verbal está no presente do subjuntivo (cf. os exemplos em (a)) & o outro por meio de estruturas em que não se usa o presente do subjuntivo, ou seja, por meio de estruturas alternativas (cf. (b)).

No próximo item, procede-se à exposição e explicação de alguns pontos básicos no que se refere à caracterização lingüística das estruturas alternativas.

1.2.3. O uso variável do subjuntivo no português: abordagens lingüísticas

Após estudar a literatura lingüística procurando compreender como o uso ou o não-uso do subjuntivo no português vem sendo considerado, pode-se concluir que não são poucas as abordagens desse assunto. Em tais abordagens, o não uso de formas do subjuntivo pode ser entendido como: 1) **um caso de violação do valor semântico**, sob esta perspectiva estão os trabalhos de (BOTELHO PEREIRA, 1974; FÁVERO, 1982); 2) **uma forma alternativa de**

expressão do valor semântico, dentre estes serão considerados (CÂMARA Jr, 1976; PERINI, 1995; BARRA ROCHA, 1992); 3) **um caso de variação lingüística**, serão abordados (BIANCHET, 1996; ROCHA, 1997; SANTOS, 1998; ALVES NETA, 2000; MEIRA, 2006; ALVES 2007, dentre outros).

Botelho Pereira (1974), ao desenvolver um estudo intitulado “Aspectos da Oposição Modal Indicativo/Subjuntivo no Português Contemporâneo”, considera que existem três tipos de funções que podem ser desempenhadas tanto pelo indicativo quanto pelo subjuntivo, a saber: (i) função predominantemente semântica; (ii) função semântico-gramatical; (iii) função predominantemente gramatical.

Em se tratando de estruturas em que o subjuntivo desempenha uma **função gramatical**, para a autora, esse modo apresenta caracterização formal que funciona como ‘marca de subordinação’, como no seguinte exemplo:

(41) *As providências do governo evitariam que a epidemia se **propagasse**.*

Fávero (1982) defende que a atitude proposicional interpretativa ou não interpretativa do sujeito da oração matriz determina o modo verbal das orações completivas. Para a autora, **as orações de atitude proposicional não interpretativa**, em geral, têm o verbo numa das formas do Indicativo, conforme demonstrações em (42). A autora também afirma que se esses tipos de orações exibirem a forma verbal no modo subjuntivo, certamente não serão aceitas pelos falantes, como atestam as sentenças em (43):

- (42) a. *Sei que Mariana **estuda** português.*
b. *Sei que Mariana **está** estudando português.*
(43) a. **Sei que Mariana **estude** português.*
b. **Sei que Mariana **estudasse** português.*

De acordo com essa autora, nos contextos em que o sujeito da sentença matriz exerce uma **atitude proposicional interpretativa**, a forma verbal da sentença completiva poderá ou não ser utilizada no modo subjuntivo. Sendo

assim, o uso do Subjuntivo em alguns contextos é de caráter obrigatório e, em outros contextos, é de caráter alternativo. A autora distribui as orações de atitude proposicional interpretativa, em três grupos:

- a. orações de atitude proposicional volitiva;
- b. orações de atitude proposicional de julgamento;
- c. orações de atitude proposicional de sentimento.

As **orações de atitude proposicional volitiva** podem ser subdivididas em: (A) orações que têm a vontade do sujeito expressa como uma ordem, ou seja, atitude volitivo-interpretativa, como demonstração em (44); (B) orações que têm a vontade do sujeito expressa como um desejo, ou seja, atitude volitivo-optativa, conforme em (45a) e (45b):

- (44) a. *Ordeno que você **estude** português.*
b. **Ordeno que você **estuda** português.*
- (45) a. *Quero que Luís Paulo **estude** português.*
b. **Quero que Luís Paulo **estuda** português.*

Para a autora, tanto em contextos do tipo (A) quanto em contextos do tipo (B), caso as orações venham exibindo o verbo em uma das formas verbais do subjuntivo, as mesmas serão consideradas gramaticais, como demonstram os exemplos em (44a) e (45a). Entretanto, se essas exibem o verbo em uma das formas do indicativo, ocorre agramaticalidade da sentença como em (44b) e (45b). É importante salientar que esses contextos de oração (ou seja, as estruturas em que o sujeito da oração principal assume uma atitude proposicional volitiva) são considerados por Fávero (1982) como contextos em que não se permite o uso de formas do presente do indicativo, uma vez que caso esse uso ocorra, a sentença se torna agramatical na língua portuguesa.

Em se tratando das **orações de atitude proposicional de julgamento**, a autora defende que essas apresentam um comportamento diferente, na medida em que são portadoras (em sua sentença matriz) de verbos que aceitam que a sentença encaixada exiba forma verbal do modo indicativo e do modo subjuntivo. Eis alguns desses verbos: acreditar, admitir, compreender, conceber, conjecturar,

desconfiar, duvidar, confiar, imaginar, ignorar, pensar, presumir, reconhecer, refletir. Destarte, pode-se afirmar que o uso de formas do indicativo neste contexto não pode ser caracterizado como um caso de violação do conteúdo semântico. Para a autora, são considerados gramaticais no português tanto os exemplos do tipo (a), quanto os exemplos do tipo (b) em:

- (46) a. *Creio que Luís Paulo **estuda** português.*
b. *Creio que Luís Paulo **estude** português.*
(47) a. *Suponho que Luís **estuda** português.*
b. *Suponho que Luís **estude** português.*

Entretanto, Fávero (1982) defende que o uso do indicativo ou de subjuntivo em estruturas como (46) e (47) - nas quais o posicionamento do sujeito da sentença matriz é de **atitude proposicional de julgamento** - não ocorre sem que haja alteração no significado da sentença completiva:

Nos verbos de Julgamento podemos ter [+ ou – factivo] , mas o traço [+ factivo] ocorre quando o sujeito da oração matriz pressupõe que a oração completiva é verdadeira e [- factivo], quando o sujeito da oração não pressupõe a verdade ou falsidade dos fatos da oração completiva. Em ambos os casos a oração completiva se refere ao fato e o traço [+ factivo] não se refere ao fato, mas à verdade ou falsidade dos fatos. (FÁVERO, 1982, p. 11)

Para a autora, as **orações de atitude proposicional de sentimento** são consideradas **agramaticais** quando possuem o verbo em formas do indicativo, aceitando, assim, apenas, formas verbais do modo subjuntivo, como atestam os exemplos:

- (48) a. *Alegra-me que ele **venha** aqui.*
b. **Alegra-me que ele **vem** aqui.*

Em conclusão, Fávero (1982) evidencia que os verbos que possuem atitude proposicional são subcategorizados por traços semânticos que poderão, ou não, gerar o subjuntivo. Dessa forma, a existência do traço [+factivo] fará o verbo de julgamento gerar o indicativo, enquanto o traço [-factivo] gerará o verbo no modo subjuntivo. Em relação aos verbos de volição, o traço [+volitivo] gerará o verbo no

modo subjuntivo; com a presença do traço [-volitivo], no caso de verbos de sentimento, será gerado o verbo no modo subjuntivo.

Barra Rocha (1992, p. 12) desenvolve “um estudo contrastivo das formas e usos do subjuntivo das línguas portuguesa e italiana, em sua modalidade escrita”.

Dentre os objetivos, a autora propõe:

- *CONTRASTAR as estruturas frasais de subjuntivo, encontradas no corpus que houver sido formado, a partir das frases levantadas e das respectivas traduções;*
- *ANALISAR apenas os contrastes estruturais entre formas e usos do subjuntivo nas duas línguas, deixando de lado as identidades estruturais.*

Para a autora os **condicionadores morfossintáticos** do modo subjuntivo, são algumas conjunções, advérbios, pronomes e expressões verbais.

Barra Rocha (1992, p. 178-179) conclui que parece que o subjuntivo não é jamais vazio de significado, uma vez que seus valores podem exprimir tanto uma simples conjectura quanto um forte grau de possibilidade, como em (49). Sendo assim, em muitos casos, o uso do subjuntivo, que sendo “lingüisticamente obrigatório, pelo menos no registro formal”, como em (50), é considerado um fato de regência. E, em outros casos, este uso se manifesta “como expressão dos valores imanentes de seus próprios sufixos modo-temporais, ou seja, os valores semânticos do subjuntivo são condicionados e justificados por ele mesmo.”. Esta autora apresenta também o caráter opcional do uso do modo subjuntivo, como em (50c):

- (49) a. *Talvez **chova** hoje à tarde.*
b. *É possível que esse caso **pare** na polícia.*
c. *Há uma grande chance de que ele **seja** julgado e afastado do poder.*
- (50) a. *Não creio que este ministro **seja** do contra.*
b. ***Vá** com Deus, meu filho.*
c. *Em minha casa faço o que **quiser/quero**.*

Apresentando uma visão parcialmente similar à da autora acima, Perini (1995, p. 275) esclarece que tradicionalmente os verbos são considerados como elementos que expressam uma oposição semântica por meio do modo. Em termos

semânticos esse autor define o modo como caracterizador da “atitude do falante frente àquilo que está dizendo”. Assim, enquanto o indicativo exprime uma atitude de certeza do falante em relação ao que se declara, o subjuntivo exprime sentimentos de dúvida, incerteza e desejo que o falante tem em relação ao que declara.

Perini (1995, p. 257) reconhece que a oposição de modo (em especial a oposição entre indicativo/subjuntivo) em português apresenta uma tendência de se tornar puramente formal. Na maior parte dos casos, a oposição morfológica existente entre o modo indicativo e o modo subjuntivo “é governada por traços semanticamente não motivados dos verbos” e pode ser manifestada pela presença de itens como os advérbios, a exemplo de *talvez*. O autor salienta que os casos em que “se pode ver um efeito semântico imputável ao modo são excepcionais e tendem a desaparecer na língua moderna.”. Perini (1995, p. 175-176) também apresenta alguns contextos que são tipicamente específicos ao uso do modo subjuntivo e outros em que são permitidos os usos do modo Indicativo e do subjuntivo, ou seja, as condições formais de ocorrência do subjuntivo e/ou indicativo. Assim, conforme se observa na oração subordinada, enquanto em (51a) o verbo se encontra no modo indicativo, em (51b), a forma verbal está no subjuntivo. Sobre isso, Perini (1995, p. 175) afirma que “esta diferença pode ser atribuída ao verbo da oração principal.”:

- (51) a. *Lelé demonstrou que **podia** fazer o serviço.*
b. *Lelé duvidou que **pudesse** fazer o serviço.*

Esse autor, entretanto, demonstra que nos exemplos abaixo acontece algo semelhante, mas, nesses contextos o que vai ‘determinar’ o uso do subjuntivo não é mais o verbo da oração principal, mas sim a presença de elementos como preposição, advérbio, presença de uma negação verbal e, até mesmo, tempo do verbo da sentença matriz. Assim, enquanto nas orações subordinadas em contexto de preposição **para**, o verbo aparece no subjuntivo, como em (52), em

contexto de preposição **até**, o verbo aparece tanto no indicativo quanto no subjuntivo, conforme os exemplos em (53), (54):

(52) *Trouxemos este frango para que você o **mate**.*

(53) *Fiquei escondido até que você **chegou**.*

(54) *Ficarei escondido até que você **chegue**.*

Perini (1995, p. 176) defende que, em alguns casos, o tempo verbal da sentença matriz “pode condicionar a ocorrência do modo verbal da oração subordinada”, como nos exemplos em (55). Sobre isso, explicita que, em (55c), apenas o indicativo passa a ser aceitável, o que se pode atribuir ao fato de a forma verbal da sentença matriz estar no tempo presente. O autor esclarece também que, em contextos nos quais são possíveis o uso do indicativo e o uso do subjuntivo, é perceptível uma diferença de significação, mais ou menos nítida, entre as duas modalidades:

(55) a. *Ele pensou que **estivesse/estava** protegido.*

b. *Ele pensava que **estivesse /estava** protegido.*

c. *Ele pensa que ***esteja/está** protegido.*

Para esse autor, as condições que governam o uso do modo subjuntivo em oposição ao uso do modo indicativo, além de serem complexas, são mal compreendidas. No que se refere às condições semânticas de ocorrência de subjuntivo e de indicativo, defende que a oposição entre ‘certeza’ e ‘incerteza’ não parece desempenhar papel relevante em relação a qual modo utilizar, isso porque: (i) em ambos os modos é possível que se expresse uma certeza condicionada, como as estruturas em (56); (ii) com o uso de qualquer dos modos, pode-se expressar uma atitude de falta de certeza, conforme exposição em (57). Assim, em (56a), tem-se uma certeza pressuposta; em (57b) uma certeza afirmada. Desta forma, independentemente de a certeza ser afirmada ou pressuposta, o que se percebe é a presença da mesma:

(56) a. *Desconfio que Selma **fuma** cachimbo.*

- b. *Admito que Selma **fume** cachimbo.*
(57) a. *Eu sonhei que Selma **fumava** cachimbo.*
b. *Eu duvido que Selma **fume** cachimbo*

Ainda conforme Perini (1995, p. 258), “há pelo menos vestígios na língua de uma oposição semântica que, se não se identifica simplesmente com ‘certeza’ versus ‘incerteza’, é algo semelhante.” O autor demonstra isso com as evidências de que: (i) a maioria dos verbos que exprimem dúvida realmente exige subjuntivo; (ii) alguns verbos que exprimem certeza exigem o modo indicativo, embora, quando negados possam aceitar subjuntivo; (iii) nas orações relativas, isto é, adjetivas, o indicativo é utilizado para se referir a um ser geralmente tomado como existente (tomado referencialmente), e o subjuntivo é utilizado para se reportar a um ser de existência possível, ou seja, não necessariamente existente.

O autor também reconhece que um grande teor da carga semântica da oração pode ser atribuído mais ao verbo da oração principal do que ao modo verbal utilizado na sentença subordinada. Neste caso, inserem-se os verbos como *afirmar, querer duvidar*.

Em síntese, para Perini (1995), em muitos casos, o uso do modo subjuntivo funciona como uma expressão alternativa de valor semântico, uma vez que na própria construção muitos elementos e/ou fatores também desempenham a função para a qual o subjuntivo é empregado. Dentre esses fatores, foram ilustrados pelo autor: natureza semântica do verbo da oração principal, modo do verbo da oração principal, advérbios, elementos de negação, etc..

Para Câmara Jr. (1976, p. 133), em português, o uso de formas verbais no modo subjuntivo “vem a ser uma pura servidão gramatical, isto é, um padrão formal, apenas, e não a marcação de certos valores semânticos”. O autor sustenta essa afirmação demonstrando que, tanto em contexto de sentenças simples quanto em período composto por subordinação, a expressão do valor semântico (de dúvida, desejo, hipótese) não será apenas exposta pela forma verbal no subjuntivo, mas se dará também por elementos como advérbios, preposições, verbo da oração principal, etc., como em:

- (58) a. *Talvez seja verdade*
b. *Suponho que seja verdade.*

Assim, podemos afirmar que, para Câmara Jr. (1976), o uso do subjuntivo não é visto como relevante para se expressar o valor semântico da sentença, uma vez que, conforme se demonstrou em (58a), essa tarefa está sendo desempenhada pelo advérbio 'talvez' (que expressa dúvida), e em (58b), pelo conteúdo semântico da forma verbal da sentença matriz (suponho). Desta forma, para o autor, as sentenças abaixo (as quais trazem o verbo no modo indicativo em contexto de subjuntivo) expressam similaridades em termo de conteúdo semântico:

- (59) a. *Talvez é verdade.*
b. *Suponho que é verdade.*

Bianchet (1996) analisa a co-ocorrência de formas do subjuntivo e do indicativo em sentenças completivas do português contemporâneo (falado em Belo Horizonte/MG) e do latim vulgar. Nessa análise foram testados fatores estruturais (tempo do Vmatriz, presença ou ausência de negativa no Vmatriz, tempo do Vcompl, pessoa e número do Vcompl) e não estruturais (faixa etária e nível de escolaridade).

Buscando estabelecer uma comparação entre o processo de diferenciação modal que ocorreu no latim e que está ocorrendo no português contemporâneo, essa autora assume como hipóteses: (a) que o uso do indicativo em detrimento do subjuntivo em sentenças completivas no português contemporâneo estaria evidenciando uma etapa final de um processo de mudança no sistema de complementação do português; (b) que a co-ocorrência de indicativo e subjuntivo nas referidas orações do português depende da modalidade que o verbo da oração matriz expressa, sendo que no PB contemporâneo essa co-ocorrência é também influenciada por fatores estruturais e não-estruturais.

Em análise inicial, a referida autora constata: (i) ocorrência categórica do indicativo em orações completivas subcategorizadas por verbos *factivos* ; (ii)

poucas ocorrências do subjuntivo em orações completivas subcategorizadas por verbos *não-factivos* (do tipo I, como pensar, crer, supor, achar, imaginar, acreditar); (iii) competição entre o subjuntivo e o indicativo em orações subcategorizadas por verbos *não-factivos* (do tipo II, que expressam volição, comando).

Em conclusão, Bianchet (1996) apresenta o resultado de que a modalidade expressa no verbo da sentença matriz apresenta-se como elemento responsável por um processo de mudança que estaria ocorrendo na forma verbal da sentença completiva. Esse processo estaria se manifestando no uso variável de formas do indicativo e subjuntivo no português. Expondo de forma mais direta, a autora conclui que quando a modalidade evidenciada pelo verbo da sentença matriz expressar (1) factividade: ocorre o uso categórico do indicativo; (2) não-factividade I (dúvida, hipótese...): ocorre ampla oscilação entre o indicativo e o subjuntivo e predominância do indicativo; (3) não-factividade II (volição, comando...): (a) com Vcompl no pretérito perfeito e no presente, ocorre ampla oscilação entre o indicativo e o subjuntivo; (b) Vcompl. no pretérito imperfeito, ocorre oscilação bastante restrita com uso quase categórico do subjuntivo.

Rocha (1997) desenvolve análise da alternância de uso dos modos indicativo e subjuntivo em orações subordinadas substantivas do português que são introduzidas pela conjunção *que*. Verifica, para isso, a atuação das seguintes variáveis estruturais: carga semântica do verbo da oração matriz, estrutura da assertividade da oração matriz, paradigma flexional do verbo da oração encaixada e tipo de verbo da oração encaixada.

Em relação à carga semântica do verbo da oração matriz, a autora sustenta que, na seleção do modo verbal, as seguintes classes semânticas entram em atuação: (i) verbos não factivos volitivos (querer, esperar, preferir) como em (60); (ii) verbos e predicadores verbais não-factivos e não-volitivos, conforme o exemplo em (61); (iii) verbos factivos emotivos ou avaliativos, como em (62); (iv) verbos factivos não-emotivos ou avaliativos, como em (63); (v) verbos e predicados indiferentes de opinião, como em (64); (vi) verbos e predicados bicondicionais,

conforme (65); (vii) verbos implicativos negativos, como em (66); (viii) verbos performativos, conforme em (67); (ix) verbos condicionais, como em (68):

- (60) Espero que algum dia o governo federal **olha (olhe)**.
- (61) *Fico com medo que alguém **entra (entre)**.*
- (62) *Não gosto que ninguém **fale**.*
- (63) *Eu não sabia, né, que **virava (virasse)**...*
- (64) *Suponhamos que o Anchieta geralmente **precise** ...*
- (65) *Pode ser que eu **arranje** um universitário.*
- (66) *E isso não impede que ele **faça**.*
- (67) *...nem é garantido que ele **consiga**.*
- (68) *Certo que a casa **tem (tenha)** muito mais facilidade.*

Entretanto, após um trabalho de observação mais intenso do *corpus*, Rocha apresenta uma reorganização desse conjunto:

1. Tendo em vista a baixa ocorrência de verbos performativos e condicionais (garantir, afirmar, ser certo) no *corpus* analisado, esses verbos foram considerados como constituindo o mesmo grupo;
2. Os verbos de predicado bi-condicional (duvidar, ser possível) e implicativo negativo (impedir) foram organizados em um só grupo. Foram registradas dez ocorrências desses verbos no *corpus* estudado, sendo que oito se manifestam no uso do subjuntivo.
3. Os verbos de predicado de opinião ou suposição (considerar, imaginar, pensar, acreditar, supor, dizer) foram reorganizados em dois grupos: (i) verbos de predição indiferente de suposição (parecer); verbos de predicado indiferente de opinião (achar).

Finalmente, Rocha considerou as classes semânticas conforme a seguinte descrição: (i) verbo não-factivo volitivo (querer, esperar, preferir); (ii) verbo não-factivo volitivo (querer, esperar, preferir); (iii) verbo factivo não-emotivo ou avaliativo (saber); (iv) verbo bicondicional (duvidar, ser possível) e implicativo negativo (impedir); (v) verbo performativo e condicional (garantir, afirmar, ser certo); (vi) verbo ou predicado indiferente de opinião e suposição (considerar,

imaginar, pensar, acreditar, supor, dizer (significar)); (vii) verbo ou predicado indiferente de suposição (parecer); (viii) verbo ou predicado indiferente de opinião (achar).

Nos resultados, a autora defende que a *factividade* geralmente tende a desfavorecer o uso do subjuntivo e a *não-factividade* tende a favorecer o uso desse modo verbal. Os verbos *não-factivos não-volitivos* são favorecedores do uso do subjuntivo e os verbos *não-factivos volitivos* exercem um nível de favorecimento ainda maior quanto ao uso do subjuntivo.

Alves Neta (2000, p. 4), com a intenção de contribuir para que sejam ampliadas as reflexões a respeito do uso do subjuntivo no português, apresenta a seguinte proposta: “analisar o uso de formas do presente do Indicativo por formas do presente do Subjuntivo no português, falado e escrito, no Norte de Minas Gerais.”.

Nesse estudo a autora considerou os grupos de fatores: (i) estruturais (tipo de oração, tipo de conjunção de determinadas orações subordinadas adverbiais e o fator modalidade); e não-estruturais (nível de escolaridade, faixa etária e estilo de fala).

Em conclusão, Alves Neta (2000) expõe o que pode ser evidenciado nas seguintes palavras: (i) apenas a modalidade ordem/pedido favorece altamente o uso de formas do presente do indicativo por formas do presente do subjuntivo; (ii) o fato de os resultados mostrarem que os jovens não utilizam formas do presente do indicativo em estruturas em que se espera o uso do presente do subjuntivo, não confirma a hipótese de mudança em progresso; (iii) o uso de formas do presente do indicativo por formas do presente do subjuntivo é altamente favorecido pelo baixo nível de escolaridade; (iv) ao analisar os dados da escrita, constatou-se que nenhum dos grupos de fatores mostrou-se significativo.

O estudo do uso variável do subjuntivo também tem sido investigado com base na hipótese da *transmissão lingüística irregular* (doravante, TLI)⁶, a exemplo de Meira (2006). Essa autora, utilizando o suporte teórico da sociolingüística variacionista, se ocupa em “analisar o encaixamento desse processo variável na estrutura lingüística e social de comunidades afro-descendentes” localizadas no Estado da Bahia.

No emprego do subjuntivo em relativa, foram consideradas as seguintes variáveis lingüísticas explanatórias: (i) tipo de oração relativa (orações explicativas e orações relativas); (ii) nível de referência do antecedente (genérico, indefinido e definido); (iii) nível de realidade da predição contida na oração relativa (são eles: confractual, irreal, hipotético, real); (iv) tempo do subjuntivo previsto no uso culto (presente, futuro e imperfeito); (v) localização temporal do evento expresso na oração relativa em relação ao momento da enunciação (anterior, simultâneo e posterior); (vi) morfologia verbal (verbo regular e verbo irregular). Referente ao uso do subjuntivo em completivas, foram considerados os seguintes fatores lingüísticos: (i) tipo de oração em que a completiva está encaixada (afirmativo, negativo, interrogativo, condicional, verbo modal); (ii) tipo de verbo da oração em que a completiva está encaixada (volitivo, avaliativo, cognitivo, perceptivo, inquiritivo, causativo); (iii) tempo do verbo da oração em que a completiva está encaixada; (iv) tempo do subjuntivo previsto no uso culto; (v) avaliação do falante acerca do nível de realidade do evento referido na oração completiva (ocorrido, pressuposto, desejado, irreal, hipotético); (vi) morfologia verbal (saliência fônica em verbo regular; saliência fônica em verbo irregular). Diversos fatores de ordem social também foram considerados em todas as ocorrências.

⁶ Baxter (1998), ao discorrer a respeito de alguns aspectos fundamentais do chamado debate sobre a hipótese da crioulização prévia (HPC), apresenta evidências da “hipótese de que, no passado, a transmissão lingüística irregular em populações rurais tenha dado lugar a tendências estruturais divergentes visíveis nos dialetos rurais hoje em dia, e que encontram paralelos tipológicos nas línguas crioulas”, (p.97).

Após analisar nos dados de fala dessas comunidades, a atuação de fatores estruturais e não estruturais em sentenças completivas e relativas, a autora conclui que “a investigação aponta um reduzido uso do subjuntivo na gramática de comunidades rurais afro-brasileiras quando comparado com o que se observa na norma culta”, (MEIRA, 2006, p.7). Ainda conforme a autora, esse fato “confirma a idéia de uma redução na morfologia flexional dessa variedade afro-brasileira do PB em função do contato entre línguas”, (MEIRA, 2006, p.7).

Abordagem similar é, anteriormente, defendida por outros autores, a exemplo de Baxter (1998, p. 121), o qual sustenta que “o sintagma verbal do dialeto de Helvécia manifesta várias características que constituem reestruturação do sistema do português”. A essas características se enquadram em usos de formas verbais em tempo e/ou modo diferentemente do(s) qual (is) a sentença do português brasileiro padrão comporta, a exemplo do uso de formas verbais no modo indicativo em contextos em que a modalidade padrão do português prevê o uso de formas no modo subjuntivo. O autor afirma que “todos estes traços não-padrão fazem lembrar, até certo ponto, traços das gramáticas de crioulos de base portuguesa”. Afirma também que há pontos paralelos a esses no português despidginizante dos kamayurá. Assume também que alguns desses fenômenos se encontram presentes em dialetos rurais do português brasileiro e que o uso variável do subjuntivo no português brasileiro também é observado não só em dialetos rurais, mas também em dialetos urbanos.

A variação entre o subjuntivo e o indicativo também foi analisada por Fagundes (2007) em dados disponibilizados pelo VARSUL no Estado do Paraná. São consideradas as seguintes variáveis independentes (i) tempo verbal em que aparece o subjuntivo ou indicativo; (ii) tipo de oração; (iii) modalidade verbal - modalidade do conhecimento (ocorrências apresentavam contextos relacionados ao grau de conhecimento: certas, incertas, prováveis e possíveis) X modalidade da conduta e do desejo (expressão da obrigação, da solicitação, da vontade e do desejo); (iv) tempo verbal da oração principal. Em se tratando de variáveis sociais, foram consideradas as seguintes: localidade (Curitiba, Irati, Londrina e Pato

Branco); faixa etária; grau de escolaridade; sexo. Em conclusão, o autor afirma que, na análise, se mostraram relevantes o fator de ordem social 'localidade' e os fatores de natureza estrutural: tipo de oração e modalidade.

1.2.4. Considerações finais

Conforme se pode observar sobre o uso do subjuntivo, os estudos sociolingüísticos desenvolvidos até então, trabalham com a hipótese básica da co-ocorrência *indicativo/ subjuntivo*. É comum nesses estudos trabalhar com fatores que possibilitem checar a hipótese de que em relativas de contexto de existência real (ou nível de referência do antecedente definido) se utilizem mais o indicativo e em contexto de existência possível (nível de referência do antecedente genérico ou indefinido) se utilizem mais o subjuntivo (ALVES NETA, 2000; MEIRA 2006). Em relação a essa hipótese, uma pergunta se faz presente: considerando que, conforme a GT, apenas se constitui o contexto de uso do subjuntivo as relativas que portem nível de referência do antecedente do tipo genérico ou indefinido (ou que expressem existência possível), existe coerência, do ponto de vista teórico-metodológico, em avaliar o nível de referência do antecedente da sentença relativa portadora da modalidade existência possível? Em outras palavras, como considerar um caso de variação lingüística o uso de formas do indicativo em relativas do tipo existência real (ou de referencial definido) se, nesses contextos, a norma , ou seja, a (GT), prevê apenas o uso de indicativo? Caso se queira aferir o uso do subjuntivo tendo em vista esses dois contextos, é necessário atribuir um tratamento diferenciado a esses, especificando, assim que um é contexto de uso obrigatório e o outro é ambiente de uso opcional.

Também em relação ao tratamento atribuído por Meira (2006, p. 192) às orações em contexto de completivas, faz-se pertinente a seguinte questão: Do ponto de vista teórico-metodológico, há coerência em avaliar o uso variável do subjuntivo quando o verbo da sentença matriz for do tipo *declarativo* (dizer) e

cognitivo (acreditar), uma vez que nesses contextos a norma prevê o uso da forma verbal no indicativo? Nesses contextos, há uma necessidade também, de dar um tratamento diferenciado a esses itens, uma vez que uma coisa é abordar o uso do subjuntivo em contextos obrigatórios de uso, e outra coisa, muito diferente, é verificar a variação indicativo/subjuntivo em contextos que já são, conforme a prescrição, ambiente de co-ocorrência das duas formas.

A partir de análise preliminar de dados de fala na cidade de Murié-MG (ALVES, 2005), percebe-se que o uso variável do subjuntivo oculta uma face até então não explorada, isto é, à expressão de modalidades típicas do subjuntivo, ao lado da co-ocorrência das variantes *presente do indicativo* e *presente do subjuntivo*, existe também o uso de *estrutura alternativa*. A partir dessa constatação, investiga-se o fenômeno do uso variável do subjuntivo sob a hipótese da ocorrência dessas três variantes lingüísticas, buscando assim responder questionamentos voltados ao tema, sendo o mais polêmico dele o seguinte: Em que medida as estruturas alternativas à expressão de modalidades típicas do subjuntivo podem ser consideradas como variante lingüística?

Em Alves (2009), defende-se que, de fato, essas alternativas atuam como variante. Na oportunidade a autora conclui que:

(...) (I) as estruturas alternativas não devem ser consideradas como variantes ao uso de formas do presente do subjuntivo e de formas do presente do indicativo na expressão do subjuntivo, mas sim ao uso das referidas variantes na expressão de modalidades subjuntivas (modalidade *necessidade/obrigação; probabilidade/possibilidade* e *volição*); (II) Em se tratando de aspectos sintáticos, pode-se caracterizar as alternativas em sentenças que mantêm identidade estrutural similar aos contextos em que ocorrem as variantes *presente do indicativo* e *presente do subjuntivo* e em sentenças que não ocorre identidade estrutural a esses contextos. Entretanto, embora em casos em que não haja o mínimo de nível de identidade estrutural a sentenças co-referentes, trata-se de uma variante lingüística, sobretudo, por atender ao critério de 'compatibilidade funcional' (cf. LAVANDERA, 1984), (ALVES, 2009^a, p. 2485).

É até razoável a visão da autora, entretanto, sabe-se que para comprovar essa questão podem ser necessários elementos que contemplem a devida caracterização de aspectos sintáticos, semânticos e funcionais dessa variante⁷.

A expressão alternativa de modalidade típica do subjuntivo, de certa forma, já tinha sido reconhecida desde Maurer Jr. (1951). Conforme o evidente em (3.1), o condicional, que é um “modo de criação românica” (p. 194), “vai (...) entrando em concorrência com o subjuntivo” (p.199). Assim, o que esse autor chama de condicional seria inovação do Romance. Também conforme Maurer Jr. (1959), a realização de estrutura alternativa é evidenciada como uma característica presente no latim vulgar. Para o autor, é desde o latim vulgar que o subjuntivo deixa de ser realizado em função do uso de *perífrase verbal* constituída de *auxiliar mais infinito*. Para Mateus *et Alli* (1983), Neves (2002) e também para Koch (2003), como foi demonstrado no item (2), a expressão de modalidades na língua portuguesa se dá mediante ao uso de verbos modais (tem que comer, tem de comer, deve comer), e ao uso de outras estruturas. Também em Santos (1998), supõe-se que o falante parece estar realizando o fenômeno ‘evite o subjuntivo’ empregando, assim, a expressão das modalidades subjuntivas mediante ao uso de outras estruturas sintáticas

⁷Essa é uma questão que por si só já é uma boa razão para o desenvolvimento de uma tese, devido ao caráter complexo que envolve, o qual não apenas carece de discussões do campo da sociolingüística, mas também de suportes relacionados ao sócio-funcionalismo. Em outras palavras, querer sustentar que as estruturas alternativas assumem o papel de variante lingüística (no processo de expressão de modalidades típicas do subjuntivo) pautando-se apenas em argumentos fornecidos pela sociolingüística é uma proposta até razoável, mas pode fornecer muita margem à contra-argumentação, pois essa será melhor explicada numa perspectiva sócio-funcionalista.

CAPÍTULO II

2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

2.1. A sociolingüística variacionista

Estão sendo utilizados neste trabalho os pressupostos teórico-metodológicos da Sociolingüística Quantitativa (LABOV, 1972, 1994). Esta teoria concebe a língua como um sistema heterogêneo do qual a variação é parte inerente.

Para Labov (1972), pode-se explicar um grande número de variações como resultantes de condicionamentos específicos. Assim, os fatores atuantes na variação podem ser condicionados por variáveis internas (que podem ser de caráter morfológico, fonológico, sintático, semânticos, discursivos e lexicais, etc.), quanto por variáveis de natureza externa (etnia, sexo, idade, nível de escolaridade, nível de renda, profissão e classe social, etc.) E, as variantes, ou seja, formas diferentes de evidenciar um significado similar, podem ocorrer em todos os níveis da gramática: morfológico, sintático, fonológico, semântico, lexical, fonético-fonológico. Têm-se como exemplos de variantes, as seguintes construções presentes na oralidade do português contemporâneo: *os meninos / os menino* (variação morfológica); *andando / andano* (variação fonológica); *Esta é a menina de quem eu falei / Esta é a menina que eu falei / Esta é a menina que eu falei dela* (variação sintática), dentre outras.

Segundo Weinreich, Labov & Herzog (1968, p. 188) “nem toda variabilidade e heterogeneidade na estrutura lingüística envolve mudança; mas todas as mudanças envolvem variabilidade e heterogeneidade.” Um dado fenômeno de variação lingüística pode ser caracterizado como um caso de variação estável ou

como um caso de mudança em progresso. Desta forma, nem toda variação implica em mudança, mas toda mudança pressupõe uma variação. Em geral, as análises de variantes apontam para duas direções distintas: (a) estabilidade das adversárias no sistema lingüístico; (b) mudança em progresso. Pode-se ilustrar o caso da estabilidade das adversárias no sistema, ou seja, um caso variação estável, com os seguintes exemplos, os quais, conforme Naro (2003, p. 47), se caracterizam variações já constatadas há séculos no inglês que continuam existindo em todos os dialetos do inglês falado no mundo inteiro: (i) pronúncia do morfema *ing* (walking) em inglês, que pode ser realizado como velar [ŋ] ou dental [n]; (ii) pronúncia do fonema *th* que pode ter sua realização enquanto contínua [θ] ou oclusiva [d] (ex.: *think, this*)

De acordo com Labov (1982, p. 20), a mudança não se caracteriza como uma simples substituição de uma forma lingüística por outra, mas, é resultante de uma complexa variação, de modo que exhibe fases em que as variantes se encontram em concorrência, ao final das quais, uma variante termina por vencer a(s) outra(s). Para Labov (1972, 1982), os seguintes problemas estariam diretamente relacionados ao processo de mudança lingüística: a) **problema de fatores condicionantes** – as restrições universais em relação à mudança lingüística seriam independentes da comunidade lingüística analisada; b) **problema da transição** – está relacionado à compreensão de como e por quais caminhos um determinado processo de mudança lingüística ocorre; c) **o problema de encaixamento** – se preocupa em responder de que modo uma mudança lingüística específica se encaixa no sistema circundante de relações sociais e lingüísticas; d) **o problema da avaliação** – procura responder de que modo a mudança lingüística está sendo avaliada pelos membros de uma determinada comunidade, e principalmente, quais os reflexos dessa avaliação sobre o processo de mudança em si; e) **o problema da implementação** – investiga o porque, o espaço de tempo e o local da ocorrência de uma determinada mudança lingüística.

Os trabalhos iniciais na sociolinguística variacionista tratavam fenômenos lingüísticos que se enquadram no universo dos componentes fonético-fonológicos. Esse tipo de fenômeno é consensualmente considerado como o que incorpora o pressuposto básico da variação, isto é, em que há co-ocorrência de duas ou mais formas lingüísticas na condição de unidades alternantes apresentando, assim, o mesmo significado e ocorrendo em mesmo contexto. Entretanto, pelo fato de fenômenos lingüísticos para além do nível fonético-fonológico (a exemplo de fenômenos de natureza sintática) possibilitarem a emergência de muitas controversas acerca da equivalência semântica entre as formas que são apresentadas como variantes, não são poucas as discussões, na literatura lingüística, que tratam desse assunto (cf. LAVANDERA, 1978, 1979, 1984; WEINER & LABOV, 1983; BENTIVOGLIO, 1987; GRYNER, 1990; CALLOU, OMENA & PAREDES, 1991, entre outros).

Posicionando-se criticamente quanto ao tratamento dado ao fenômeno de variação para além do nível fonético-fonológico, Lavandera (1978) evidencia que na sintaxe as construções que parecem sinônimas podem não sê-lo, porque não é possível considerá-las membro de um mesmo conjunto de equivalências, sobretudo por apresentarem um significado referencial próprio. Ao discorrer sobre o assunto, Weiner & Labov (1983), utilizando-se de construções do tipo *ativa* e *passiva correspondente*, defendem que a realização de uma ou outra é uma questão de escolha sintática. Sustentam que ambas se referem a um mesmo estado de coisas, mesmo havendo uma diferença de “foco ou ênfase”. Os autores também reconhecem a existência de contextos em que há distanciamento entre as interpretações semânticas da ativa e da passiva, mas argumentam que tais contextos, por representarem apenas uma parte total desses usos, não podem invalidar o grupo de fatores que estão relacionados à escolha de uma das construções.

Assim, para Weiner & Labov (1983), enquanto o que está em foco é a análise da relação do mesmo valor de verdade, para Lavandera (1984), para a solução do problema do estudo da variação que vai além do nível fonético-

fonológico, é preciso que seja enfatizada não a condição de igualdade de significado, mas sim a condição de “compatibilidade funcional”. Esse novo olhar de Lavandera inaugura uma nova concepção do que, de fato, seja uma variável lingüística. Sendo assim, na perspectiva de Lavandera (1984), as seguintes estruturas sintáticas podem ser consideradas como variante de uma mesma variável - uma vez que essas construções exibem o mesmo significado referencial:

- (69) a. Estou com dor de cabeça.
b. Não gosto muito de barulho.
c. Por favor, abaixe o volume do som.

Conforme Paredes da Silva (2003, p. 69), para controlar fenômenos variáveis dessa natureza, a análise variacionista precisa “lidar com diferenças associadas a matizes semânticas ou propriedades discursivo-pragmáticas”, que podem ser controladas por meio de fatores que sejam postulados como relevantes ao fenômeno. Em outras palavras, lidar com fenômeno variável que vai além do componente fonético-fonológico requer do variacionista a consideração de fatores estruturais que permitam uma nova dimensão de análise, a saber, aquela que apreenda o componente da significação. Considerando essa proposta, muitos têm sido os trabalhos em que são estudadas “variantes portadoras de significados e das variáveis a elas correlacionadas” (GRYNER & OMENA, 2003, p. 89). Sendo assim, na abordagem variacionista, o tratamento de fenômenos variáveis que ultrapassem o componente fonético-fonológico pode ser considerado como uma questão bem estabelecida, sobretudo porque “o significado lingüístico não se esgota no conteúdo lexical, mas deriva em grande parte dos contextos lingüísticos ou situacionais em que a forma ocorre” (GRYNER & OMENA, 2003).

2.2. Procedimentos metodológicos

2.2.1. As variáveis independentes

Desenvolver análise de um dado fenômeno variável, levando em consideração a atuação de fatores sociais, conforme propõe a análise Sociolinguística Quantitativa (LABOV 1972, 1994), é muito importante, uma vez que contribui para que se entendam os fatores que poderão estar atuando no fenômeno da variação e/ou da mudança lingüística. É justamente procurando traçar o perfil do fenômeno variável *expressão de modalidades típicas do subjuntivo*, que se busca verificar a atuação de variáveis sociais (nível de escolaridade, sexo, idade) na co-ocorrência presente do indicativo/presente do subjuntivo e na ocorrência de estruturas alternativas em relação ao presente do subjuntivo.

Considerando que **a variável nível de escolaridade** poderá fornecer pistas a respeito da ação que a escola exerce sobre o uso das variantes, assume-se a hipótese de que, em Muriaé-MG, diferentemente de Feira de Santana-BA, a variável nível de escolaridade apresente-se relevante como condicionadora do fenômeno em estudo. Nesse sentido, espera-se que o não-uso do presente do subjuntivo - manifestando-se pelas ocorrências de presente do indicativo e de estruturas alternativas - esteja atuando em maiores índices no grupo de falantes de nível de escolaridade menos avançado, sinalizando, assim, a pouca intimidade do falante mineiro com o uso do presente do subjuntivo em contexto natural e de aquisição da linguagem e, em contrapartida, a importância da escola como agente difusor do uso do presente do subjuntivo no solo mineiro. Assim sendo, pode-se, então, fortalecer a ideia de que o estágio variacional pelo qual passa o português do Brasil em relação a esse fenômeno encontra-se mais avançado entre os mineiros do que entre os baianos.

A variável sexo está sendo considerada nessa pesquisa, tendo em vista que a mesma pode contribuir muito para evidenciar se uma dada variante encontra-se estável ou em processo de mudança. Essa variável é tradicionalmente considerada como significativa porque, desde Labov (1972) em estudo do [r] pós-vocálico do Inglês de Nova York, ficou constatado que a forma inovadora, desde quando exhibe prestígio, tende a aparecer mais na fala de

mulheres. Conforme se viu há pouco, a forma EA, independentemente de ser concebida como variante, não se enquadra na condição de não-padrão; contudo, ela representa uma opção para a não-realização do subjuntivo. Essa opção pode estar relacionada a diversos fatores, mas, sobretudo, ao fato de evitar o uso de uma forma tão “pesada” e “malsoante” como o subjuntivo. É possível, assim, que as estruturas alternativas representem a manifestação viva do “fenômeno evite o subjuntivo”, ou seja, sinalize o quanto as formas do presente do subjuntivo encontram-se ausentes.

Mais especificamente, quantificar a atuação da variável independente sexo na co-ocorrência de estrutura alternativa e de formas *do* presente do indicativo é importante para contribuir para o entendimento da avaliação social do fenômeno, sobretudo no que se refere à seguinte questão: o uso de estrutura alternativa representa uma estratégia da qual o falante lança mão para ser mais simpático, menos impositivo e, até mesmo, para que não seja interpretado como uma pessoa pedante, arrogante, grosseira? Entretanto não se sabe até que ponto é coerente fazer a relação de que o uso de estrutura alternativa em maior índice pelo sexo feminino pode estar evidenciando uma preocupação que as mulheres apresentam em serem mais delicadas, mais polidas e, conseqüentemente, em não serem antipatizadas. Apesar disso, tendo como base Labov (1972), entende-se que é razoável assumir a hipótese de que se as mulheres estão utilizando mais a estrutura alternativa e/ou a variante *presente do indicativo* é porque essas não possuem valor social negativo.

Considera-se também relevante à análise da atuação da **variável faixa etária**. Esse fator poderá contribuir, mediante uma análise em tempo aparente, para que se tenha uma idéia de que um dado fenômeno se encontra em variação ou apresenta aspectos de mudança em progresso. Assim, o fenômeno poderá ser qualificado como em processo de mudança em favor de uma dada variante se essa estiver sendo mais realizada por falantes mais novos.⁸ Em outras palavras,

⁸ É teoricamente coerente atentar para o fato de que a diferença entre uma faixa etária e outra tem que se configurar em diferenças de geração, ou seja, diferença que oscila em média entre 15 a 20

tomando-se por base LABOV (1994), que defende que uma abordagem em tempo aparente pode evidenciar se uma variação lingüística se trata de uma variável estável ou se caracteriza uma mudança em progresso, utiliza-se a **variável idade do falante**. Isso porque, neste trabalho, leva-se em consideração a hipótese de que o uso de *formas do presente do indicativo* por *formas do presente do subjuntivo* se constitui uma variável em processo de mudança. Atitude semelhante foi posta em prática por Bianchet (1996), quando utiliza o fator *faixa etária* para detectar se o problema da oscilação entre os modos *indicativo* e *subjuntivo* em orações completivas objetivas diretas seria um processo de mudança em andamento ou se trataria de uma variável estável.

Assim, estão sendo consideradas as variáveis *não-estruturais* ou *sociais*:

- *nível de escolaridade* (fundamental/médio e superior concluído);
- *faixa etária* (falantes mais novos - entre 21 a 30 anos e falantes mais velhos - entre 52 a 60 anos);
- *sexo/gênero* (masculino ou feminino).

Para entender a natureza da variação e da mudança lingüística, tão importante quanto os fatores extralingüísticos, são também os fatores internos ou estruturais, os quais são conhecidos por **variáveis lingüísticas**⁹.

Levando-se em consideração estudos sobre o uso do subjuntivo em português, (BARRA ROCHA, 1992; BIANCHET, 1996; ALVES NETA, 2000; MEIRA, 2006; FAGUNDES, 2007) assume-se que a co-ocorrência presente do

anos. Sendo assim, se a faixa 1 possui entre 22 a 30 a faixa 2 deverá conter no mínimo 15 anos a mais do que o falante mais velho da faixa 1, ou seja, entre 52 a 60 anos. Isso porque não havendo uma diferença de anos correspondente a uma geração entre os falantes não poderá se configurar como uma nova geração de falantes. Assim sendo, não foi possível a consideração de três faixas etárias, uma vez que, se assim o fosse, devido às características do *corpus*, não poderia configurar uma geração (em média, 15 anos) de diferença entre as faixas. Quando se trata de considerar também o nível superior não há facilidade de encontrar falantes com menos de 25 anos e com mais de 60 anos. Com isso, fica matematicamente inviável a consideração de três faixas etárias, desde quando se coloque entre cada uma das faixas o intercalo de 15 anos, isto é, de uma geração.

⁹ Desde as análises estruturalistas que se consideram a influência dos fatores internos. Nesta análise eram práticas constantes, verificar as influências do segmento fônico precedente ou subsequente e analisar o papel da sílaba tônica na flutuação da pronúncia de um fonema.

indicativo/presente do subjuntivo no português está sendo influenciada por variáveis de ordem estruturais, como tipo de oração, tipo de conjunção e tipo de modalidade.

Assim sendo, na variação entre formas do presente do indicativo e do subjuntivo estão sendo consideradas as seguintes variáveis estruturais:

a) Em contexto de completivas:

1. Tipo de oração (subjativa, objetiva direta/indireta, completiva nominal, predicativa);
2. Tipo de modalidade expressa pelo verbo da sentença matriz (necessidade/obrigação, possibilidade/probabilidade, volição).

b) Em contexto de adverbiais

1. Tipo de conjunção (final, temporal, condicional, concessiva, causal)
2. Nível de distância entre a conjunção e a forma verbal – apenas no *corpus* do século XVI (ausência de distância, menor distância (um item: advérbio, pronome), maior distância, dois ou mais itens: advérbio, pronome e sentença (s)).

c) Em contexto de relativas

1. Conjugação verbal (1ª, 2ª, 3ª);
2. Paradigma verbal (regular, irregular);
3. Nível de distância entre o pronome relativo e a forma verbal – apenas no *corpus* do século XVI (ausência de distância, menor distância, maior distância);

4. Nível de referência do antecedente do pronome relativo (genérico [-específico], indefinido [+ específico, - definido];
5. Animacidade do antecedente do pronome relativo (humano, animado ou inanimado).

Mesmo que as estruturas alternativas (EAs) não sejam consideradas, de uma forma geral, na perspectiva da sociolingüística clássica, como uma variante lingüística, mas como uma forma alternante de se expressar as modalidades típicas do subjuntivo, elas também podem ter suas ocorrências controladas em relação à atuação de fatores estruturais¹⁰. Sendo assim, quanto ao uso das *estruturas alternativas* estão sendo considerados os seguintes grupos de fatores estruturais:

d) Em estruturas alternativas em contexto de completivas:

1. Tipo de estrutura alternativa (de infinitivo; de gerúndio; de futuro condicional, ou seja, com a forma verbal no futuro do subjuntivo, com; com a forma verbal no indicativo (sendo contexto não de presente do subjuntivo, mas de estrutura alternativa); com a forma verbal elíptica);
2. Tipo de modalidade (necessidade/obrigação, possibilidade, volição (verbos como querer, preferir, desejar, alegrar, doer, entristecer)

e) Em estruturas alternativas em contexto de adverbiais:

¹⁰ Isso contribui para caracterização das EAs quanto à atuação de fatores estruturais. O mesmo também pode ser pertinente em relação à atuação de fatores sociais. Entretanto, sabe-se que é muito pertinente uma discussão em que as estruturas alternativas sejam caracterizadas numa perspectiva funcionalista. Assim sendo, se poderá melhor abranger aspectos relacionados aos eixos discursivos e pragmáticos. Mesmo assim, limita-se aqui a desenvolver uma abordagem sociolingüística tradicional, deixando, assim, um tratamento funcionalista ou sociofuncionalista para momento posterior.

1. Tipo de conjunção
2. Nível de distância entre a conjunção e a forma verbal

f) Em estruturas alternativas em contexto de relativas:

1. Conjugação verbal (1ª, 2ª, 3ª);
2. Paradigma verbal (regular, irregular);
3. Nível de distância entre o pronome relativo e a forma verbal – apenas no *corpus* do século XVI (ausência de distância, menor distância, maior distância);
4. Nível de referência do antecedente (genérico [-específico], indefinido [+ específico, - definido];
5. Animacidade do antecedente do pronome relativo (humano, animado ou inanimado)

O fator modalidade (*existência real* X *existência possível*) não foi considerado em relativas, tendo em vista que apenas são ambientes de uso do subjuntivo as relativas que exibem modalidade *existência possível*. Em outras palavras, sendo o fator modalidade existência real um ambiente próprio para o uso de formas no indicativo em relativas é incoerente considerá-lo ao lado do fator existência possível para avaliar a modalidade no uso variável do subjuntivo em sentenças relativas. Sendo assim, serão considerados os níveis de possibilidades que as relativas de existência possível podem exibir, sendo eles:

- mais próximo do real (quando exhibe o nível de referência do antecedente com traço + específico [-definido], como o explicitado em “.... Feira precisa de um prefeito que **seja** atuante”. [FS15ES];
- mais próximo do possível (quando exhibe o nível de referência do antecedente com traço + genérico [-específico], como o exposto em:

“A medicina precisa descobrir algo que **prolongue** a vida do indivíduo”. [FS05EV].

Conforme se expôs acima, estão sendo também considerados, no *corpus* do século XVI, os grupos de fatores *nível de distância entre o pronome relativo ou conjunção e a forma verbal* (em contexto de relativas e adverbiais). O uso dessa variável é motivado pela hipótese de que quanto mais distância houver entre os referidos itens, maior probabilidade se tem de uso da variante presente do indicativo e de estrutura alternativa. Inicialmente não se cogitava a relevância desse grupo de fatores, entretanto devido ao caráter da sintaxe da ordem em texto do português de épocas pretéritas, passou-se a considerá-lo (RIBEIRO, 1996; ALVES, 1997). Isso porque se pressupõe que ocorrendo mais distanciamento entre os itens, há maior probabilidade de “quebra” da referência semântica que há entre eles (por exemplo: entre conjunção e verbo).

Com isso, acredita-se que diminua a probabilidade de uso do presente do subjuntivo, aumentando assim, as chances de uso do presente do indicativo e de estruturas alternativas. Nesse sentido, acredita-se que haja certo nível de condicionamento entre conjunção e forma verbal, isto é que certas conjunções estejam condicionando o uso do modo subjuntivo (CUNHA & CINTRA, 2001). No caso das relativas, acredita-se que um maior distanciamento entre os itens comprometa a relação de identidade/referência que existe entre os itens (pronome relativo e forma verbal). Mais especificamente, supõe-se que quando há elementos intercalados entre pronome relativo e forma verbal, há mais probabilidade de ausência do resgate da modalidade, a qual possui a sua carga semântica representada pelo pronome relativo, influenciando com isso, ao uso do presente do indicativo, e até mesmo de estrutura alternativa, em contexto de uso do subjuntivo.

Conforme se pode ver, nas relativas estão sendo também consideradas as variáveis estruturais *conjugação verbal*, *paradigma verbal* e *animacidade do sujeito*, por acreditar que essas variáveis podem estar influenciando no uso das formas em estudo.

Quanto ao grupo de fatores *conjugação verbal*, supõe-se que com verbos da primeira conjugação tende-se a aplicar mais o presente do indicativo ou as estruturas alternativas, pelo fato de essa forma verbal (de 1ª conjugação) originar uma forma verbal no presente do subjuntivo a qual não é muito familiar ao falante, assim sendo, acredita-se que falar: ‘É necessário que eu **ame**’, causa mais estranhamento ao falante do que ‘É necessário que eu **venda**’.

Em se tratando da variável *paradigma verbal*, consideram-se os fatores regularidade e irregularidade dos verbos (cf. MEIRA, 2006). De acordo com o princípio da saliência fônica, adota-se a hipótese de que os verbos irregulares apresentam-se mais perceptíveis na oposição *indicativo/subjuntivo* e, por isso, tendem a favorecer o uso do subjuntivo, como em: “Eu quero que me **dê** mais atenção quando estou cansado”, [FS05EV]. E os verbos regulares, por sua vez, tendem a favorecer o uso do indicativo, como em: “Eu tenho que encontrar uma babá que gosta de criança”, [MU01SI].

E, finalmente, a variável animacidade do antecedente do pronome relativo está sendo considerada por se acreditar que em contextos de antecedente inanimado se tenha um ambiente mais favorável à expressão de um nível de modalidade mais próximo da existência real; em contrapartida, ambientes com antecedente animado/humano se configuram como o contexto mais típico da expressão da existência possível.

2.2.2 Sobre a seleção de informantes

Foram selecionados 32 informantes, sendo 16 de cada cidade considerada. Nessa seleção, foram levados em consideração os fatores sociais sexo, idade e nível de escolaridade, conforme evidenciam os Quadros (4) e (5) a seguir:

QUADRO 3: Seleção de informantes (dados Muriaé-MG)

Qtd	Escolaridade	Faixa etária	Sexo	Idade	Sigla	Nº fita
1	I Médio	I	F	23 anos	MU18LI	18
2	I Médio	I	M	21 anos	MU17AU	17
3	I Médio	I	F	28 anos	MU02TF	02
4	I Médio	I	M	30 anos	MU04JO	04
5	I Médio	II	F	57 anos	MU07GL	07
6	I Médio	II	M	60 anos	MU16SJ	16
7	II Superior .	II	M	52 anos	MU05CL	05
8	II Superior	II	F	52 anos	MU08JC	08
9	I Médio.	II	M	56 anos	MU09WA	09
10	I Médio	II	F	55 anos	MU11CC	11
11	II Superior	I	F	24 anos	MU03EM	03
12	II Superior	I	M	24 anos	MU10TI	10
13	II Superior	I	F	30 anos	MU01SI	01
14	II Superior	I	M	30 anos	MU06EL	06
15	II Superior	II	F	53 anos	MU12ZI	12
16	II Superior	II	M	55 anos	MU15SE	15

QUADRO 4: Seleção de informantes (dados de Feira de Santana-BA)

Qtd	Escolaridade	Faixa etária	Sexo	Idade	Sigla	Nº fita
1	I Médio	I	F	25 anos	FS01QU	01
2	I Médio	I	M	23 anos	FS02VD	02
3	I Médio	I	F	28 anos	FS12UD	12
4	I Médio	I	M	29 anos	FS03CL	03
5	I Médio	II	M	60 anos	FS08LH	08
6	I Médio	II	F	60 anos	FS12MD	16
7	II Superior .	II	M	52 anos	FS05EV	05
8	II Superior	II	F	58 anos	FS14LU	14
9	I Médio	II	M	56 anos	FS09PO	09
10	I Médio	II	F	55 anos	FS10NO	10
11	II Superior	I	F	28 anos	FS13DE	13
12	II Superior	I	M	30 anos	FS06ST	06
13	II Superior	II	F	52 anos	FS11TS	11
14	II Superior	II	M	55 anos	FS07ED	07
15	II Superior	II	F	53 anos	FS04IR	04
16	II Superior	II	M	55 anos	FS15ES	15

2.2.3. Sobre a coleta de dados

Os dados de fala utilizados nessa pesquisa foram obtidos por meio de realização de 32 entrevistas individuais (sendo que 16 em cada local considerado) cada uma com, em média, uma hora e meia de duração. Com a finalidade de que se conseguissem entrevistas que se aproximassem, ao máximo, da conversação

espontânea, foi feito um contato anterior à gravação para que fosse oportunizada uma relação mais amigável entre o entrevistador e o informante. Na entrevista, os falantes não foram motivados a expor apenas experiências pessoais, mas também a exprimir opiniões sobre diversos assuntos como *educação, política, religião, esportes*, uma vez que o modo subjuntivo e suas variantes tendem a aparecer mais em estruturas que expressam ordem, pedido, conselho, opinião, hipótese. Sendo assim, são mais prováveis as realizações do referido modo verbal e de suas variantes em diálogos. Assim, esperar que o falante contasse casos e mais casos, foi apenas uma forma de deixá-lo mais à vontade, mais descontraído. Entretanto, em momentos oportunos, foram necessárias perguntas estratégicas para que a possível resposta permitisse uma maior chance de ocorrências de estruturas interessantes ao pesquisador.

2.2.4. Sobre a sistematização e o tratamento dos dados

Na fase da coleta de dados se tinha como objeto de estudo a co-ocorrência das variantes *forma do subjuntivo* e *forma do indicativo*, (ALVES, 2005). Entretanto, o fato de se perceber que apesar de, em os dados, ocorrer o uso dessas variantes lingüísticas, eram muitas as construções alternantes em que eram expressas modalidades características do subjuntivo. A partir daí, passou-se a olhar não a questão do uso variável do subjuntivo, mas a expressão de modalidades típicas do subjuntivo.

O *corpus* em questão foi formado tendo em vista a seleção de todas as construções em que se realizam modalidades ditas típicas do subjuntivo (em tempo presente), ou seja, modalidade de ordem, pedido, necessidade, probabilidade, etc. Sendo assim, foram consideradas e submetidas à análise as seguintes construções: (a) que apresenta forma verbal no presente do subjuntivo; (b) que registra forma verbal no presente do indicativo, em contextos que são tradicionalmente tidos como de presente do subjuntivo; (c) que realmente

expressam modalidades ditas típicas do subjuntivo (no presente) mediante à utilização de estruturas alternativas (sentença com a forma verbal no infinitivo, futuro condicional, gerúndio, particípio, com a forma verbal elíptica, sentença com nominalização e também sentença que exhibe a forma verbal no indicativo, não sendo contexto de subjuntivo) que se fazem adaptáveis a sentenças que são contexto de subjuntivo em situação natural de fala cotidiana; (d) construções que expressam modalidades típicas subjuntivas, mas que não se apresentam naturalmente adaptáveis a contexto natural de uso desse modo.

Sendo assim, não é necessário nessa tese evidenciar em que medida uma dada estrutura alternativa se faz ou não compatível com uma sentença que seja o contexto natural de uso do presente do subjuntivo, pois não é fundamental (apesar de possível, conforme foi discutido no capítulo anterior) a argumentação em favor da comprovação do estatuto de variante das estruturas alternativas.

Todavia, procura-se nesse trabalho apenas sistematizar e analisar os contextos em que as modalidades típicas do subjuntivo são expressas, buscando sempre atentar para a atuação de fatores estruturais e sociais na ocorrência de estruturas alternativas e na co-ocorrência das variantes *presente do subjuntivo* e *presente do indicativo*. Mesmo assim, considera-se de grande valia, o mecanismo de exposição de possível (ou possíveis contextos) em que o que está sendo dito por meio de estrutura alternativa seja dito (ou pelo menos se aproxime do que foi dito) por meio da sentença em que se use o presente do subjuntivo, ou seja, por meio de uma sentença co-referente.

Após todas as entrevistas realizadas terem sido transcritas, todas as orações foram separadas e, em seguida, foram codificadas tendo em vista as variáveis estruturais e não-estruturais. Cada tipo de sentença (completiva, adverbial e relativa) foi codificada e analisada separadamente.

Esses dados foram sistematizados (com codificação indicando cada fator considerado) e foram submetidos ao programa computacional *GoldVarb* 2001 (ROBINSON; LAWRENCE & TAGLIAMONTE) com, sobretudo, a finalidade de que

se fossem calculadas as probabilidades de cada grupo de fatores, sendo, portanto efetuada a seleção de cada grupo mais relevante para a escolha das variantes.

2.2.5. Sobre os *corpora* em estudo

Procura-se desenvolver esse estudo comparativo das referidas sincronias por dois grandes motivos, sendo um deles: evitar afirmações ingênuas ou infundadas a respeito do comportamento das variantes em estudo, como, por exemplo, afirmar que uma dada variante é característica do português falado em solo brasileiro, com se registra na literatura lingüística a respeito do uso da variante *presente do indicativo*, considerada como inovadora (cf. MEIRA 2006).

A utilização de documento da segunda metade do século XVI, como objeto de investigação lingüística se caracteriza muito útil por diversos motivos, eis alguns deles: (i) por ser justamente a partir dessa fase que o processo de normatização gramatical passa a exercer possíveis influências nos textos escritos, conforme evidencia Matos e Silva (2006, p. 17): tanto gramáticas do português como o “português língua de escola” só entram na cena da nossa história no século XVI; (ii) porque um olhar ao passado da língua possivelmente nos forneça subsídio para que mais profundamente sejam entendidos os aspectos que estão envolvidos em um dado fenômeno lingüístico, conforme também evidencia Matos e Silva (*op. cit.*, p. 16): *variações do presente, heranças do passado*.

O *corpus* em análise é extraído do texto intitulado *História da província Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil*, dedicada a D. Leonis Pereira. Esse texto constitui-se uma descrição de aspectos da fauna e flora, bem como de características física, psicológicas e culturais de nativos (indígenas), datada de 1556, que Pero Magalhães Gândavo desenvolveu da então província de Santa Cruz, ou seja, do Brasil recém colonizado. A versão analisada não é a original, porém a editada por Paixão de Souza & Menezes, a qual se encontra fiel à original, com exceção de algumas adaptações ao português contemporâneo, no que se refere à grafia. Sendo assim, em se tratando da morfologia verbal e de

estruturas sintáticas, que são os objetos de investigação desse estudo, todas as características que o texto original apresenta continuam intactas na versão editada, ou seja, no texto em análise. A versão original do referido texto está disponível na Biblioteca Nacional de Lisboa (cf. referência da presente tese). Gandavo, dentre outras obras, também publicou em 1574 “as Regras que ensinam a maneira de escrever a orthographia da língua Portuguesa”, (MOURA, 2000).

Tradicionalmente, a literatura lingüística (cf., entre outros, SAID ALI, 1921, TEYSSIER, 1982; MATOS e SILVA, 1992) costuma rotular a escrita do português dessa época, ou seja, de 1556, como em seu período Clássico, o qual compreende textos quinhentistas tardios, seiscentistas e setecentistas. O período Clássico é considerado como intermediário ao período *Arcaico* (primeiros documentos até fins da Idade Média) e ao período Contemporâneo (escrita oitocentista - registra características diferentes da fase clássica e próximas ao português europeu da atualidade). Esses diferentes ciclos ou períodos têm sido reconhecidos com base em características lingüísticas documentadas em textos e em contextos históricos nos quais os textos foram escrito.

A periodização delineada tradicionalmente na Língua portuguesa, conforme Galves, Namiuti & Paixão de Sousa (2006, p. 2), de certa forma, também é adotada por *estudos pioneiros sobre a diacronia do português no quadro gerativo*. Nesse sentido, os estudos dessa corrente teórica inovam na medida em que apresentam uma quarta variante, a saber: o Português Brasileiro. Sobre os estudos desenvolvidos nesse quadro teórico, Galves, Namiuti & Paixão de Sousa (*op. cit.*, p. 2) concluem que *o problema da periodização remete a questões específicas*, as quais seguem: (i) *Quais dos períodos tradicionalmente considerados correspondem efetivamente a etapas gramaticais?* (ii) *Podemos datar precisamente as fronteiras entre as diferentes gramáticas assim definidas?*

Essas autoras, sob o construto teórico gerativo da gramática e mediante a investigação de fatos empíricos relacionados ao comportamento sintático dos clíticos pronominais, propõem que na diacronia do português a existência das seguintes etapas gramaticais denominadas: o Português Arcaico; o Português

Médio (“emerge entre os séculos 14 e 15, e cujas características serão progressivamente reveladas nos textos escritos até o início do século 16” (cf. p. 18)); O Português Europeu Moderno (“corresponde a uma gramática que emerge no século 18 em Portugal, e cujas características serão gradualmente incorporadas nos textos até o início do século 19” (cf. p. 18)).

Conforme exposto em diversos pontos dessa tese, busca-se escrutinar o fenômeno em estudo no português contemporâneo utilizando-se de dados de fala do português contemporâneo das seguintes distintas localidades: Muriaé/MG e Feira de Santana/BA. Assim sendo, faz-se necessário a explicação de o porquê da escolha das referidas localidade. A decisão de comparar resultados dessas duas localidades não foi casual, mas sim motivada pela hipótese de que o fenômeno apresenta diferentes estágios de variação nas duas localidades, principalmente em relação ao uso variável do presente do subjuntivo e do presente do indicativo, conforme se expõe no item (3.1.3), na apresentação de hipóteses e objetivos. Mas especificamente falando, supõe-se que na terra mineira, diferentemente da baiana, o uso do subjuntivo está cedendo espaço para o uso do indicativo e que isso se manifesta como um efeito de o subjuntivo não mais fazer parte do vernáculo dos mineiros, os quais contam com a escola (ou contato com a escrita, que logicamente se espera que seja mais necessariamente freqüente em pessoas com maior nível de escolaridade) como uma agencia forte de difusão.

Também foram coletados dados de fala em duas cidades brasileiras: Muriaé-MG e Feira de Santana-BA. O uso variável do subjuntivo em Minas já foi pesquisado em locais como Belo Horizonte (região Central de Mina, cf. BIANCHET, 1996) e Januária (Norte de Minas, cf. ALVES NETA, 2000). A cidade de Muriaé-MG foi escolhida porque busca-se verificar como o fenômeno do uso variável do subjuntivo vem se manifestando em dados de fala da Zona da Mata Mineira. Considera-se importante comparar as ocorrências dessa cidade da Zona da Mata mineira com os dados de Feira de Santana-Bahia, sob a hipótese de que em Minas o fenômeno “evite o subjuntivo” esteja mais avançado e na Bahia esteja menos avançado.

MAPA DA BAHIA



Muriaé: cidade da Zona da Mata mineira

A Vila de São Paulo de Muriahé foi elevada a condição de cidade em 25 de novembro de 1865. Entretanto, só a partir de 7 de setembro de 1923, teve a sua denominação alterada para Muriahé (passando a ser denominada **Muriaé** a partir da reforma ortográfica de 1930). Este município possui uma área de 842 km², a qual é constituída pela sede e por sete distritos. Esta cidade abriga uma população que gira em torno dos 96.000 habitantes, sendo 54,49% do sexo feminino e 48,51% do sexo masculino. O limite da cidade de Muriaé é estabelecido ao Norte com os municípios de Ervália, Miradouro e Vieiras; ao Sul

com Santana de Cataguases, Laranjal e Palmas; ao Oeste com Rosário da Limeira e Mirai; e ao Leste com Eunápolis, Patrocínio do Muriaé e Barão do Monte Alto.

Sua economia gira em torno de uma diversificada produção agrícola, da pecuária e da indústria de confecções. Hoje Muriaé, apresentando uma economia diversificada, ocupa lugar de destaque em Minas Gerais, ficando assim, entre as 20 maiores cidades do Estado.

Muriaé também se destaca como pólo educacional em todos os níveis de ensino. Os ensinos pré-escolar, fundamental e médio são constituídos por uma vasta rede composta por 77 escolas públicas municipais, 36 escolas públicas estaduais e por 28 escolas particulares. Em relação ao ensino superior nesse município, há três unidades, a saber: a Faculdade de Filosofia Ciências e Letras Santa Marcelina, a Universidade Presidente Antônio Carlos e a FAMINAS.

Feira de Santana: município do semi-árido baiano

Feira de Santana está situada na Mesorregião do Centro Norte Baiano e em um dos principais entroncamentos rodoviário do Nordeste do Brasil, no qual ocorre o encontro das seguintes BRs: 101, 116 e 324. Distancia-se da Capital baiana (Salvador) em apenas 107 KM. Originou-se de um povoado formado em torno de uma fazenda denominada Santana dos Olhos D'água, na qual passava a estrada por onde transitavam gados que seriam comercializados em Salvador, Cachoeira e Santo Amaro. Devido ao amplo movimento de vaqueiros e viajantes, formou-se uma feirinha e pequeno povoado. Em 1833, então povoado foi elevado a condição de Vila, a qual em 1873 foi elevada a categoria de a Comercial Cidade de Feira de Sant'Ana.

Destaca-se pelos setores de comércio e serviços, os quais se encontram potencializados por suprir as carências de seus mais de meio milhão de habitantes

(584. 497)¹¹ , mas ainda por suprir diversas necessidades de moradores de muitos municípios vizinhos. Estabelece limites geográficos com os seguintes municípios: Santa Bárbara, Santanópolis, Tanquinho, Candeal, Antônio Cardoso, São Gonçalo dos Campos, Santo Amaro da Purificação, Coração de Maria, Anguera, Serra Preta, Ipecaetá, Amélia Rodrigues e Conceição do Jacuípe.

Em se tratando da área de Educação, Feira de Santana é muito bem servida, sediando, assim, muitas instituições públicas de ensino no ensino primário, fundamental e médio administradas pela Rede Estadual ou Municipal. No ensino superior, destaca-se uma grande universidade (que possui 27 cursos regulares de graduação e diversos de pós-graduação), a saber: Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) e diversas faculdades particulares, eis algumas delas: FTC, FAT, FAN, etc.

¹¹ Estimativa da população para 1º de julho de 2008, conforme o IBGE.(Acesso à página oficial: 5 de setembro de 2008).

CAPÍTULO III

3. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

3.0. Preliminares

Como é inerente a trabalhos sociolingüísticos, considera-se a atuação de fatores estruturais e sociais, buscando-se verificar a validade de hipóteses. Nesse sentido, é importante atentar-se para o fato de que apenas estão sendo analisadas como variantes lingüísticas as ocorrências do presente do indicativo e do presente do subjuntivo. Esse fato é estritamente caracterizado por apenas essa co-ocorrência ser submetida a rodadas do nível multidimensional, ou seja, ao *GoldVarb*, com a finalidade de extrações de pesos relativos. Entretanto, procurando subsídios para entender a utilização de *estruturas alternativas* à expressão de modalidades típicas do subjuntivo, consideram-se, com base em arquivos de células, como essas se apresentam em relação a fatores estruturais e sociais (quando forem pertinentes).

Segue a descrição e a análise dos dados, tendo em vista a seguinte estruturação: no primeiro item (3.1.), apresenta-se análise em tempo real de longa duração; em (3.2), são apresentadas as ocorrências no seu total, do português do século XVI; em (3.3) são apresentadas as ocorrências do português contemporâneo, em que são estabelecidas imediatas apresentações e comparações entre os dados de Muriaé-MG e Feira de Santana-BA. Basicamente os mesmos itens são retomados em cada tópico do item (3.2) e (3.3), por decorrência da necessária apresentação de orações adverbiais, completivas e relativas. Para evitar que o texto fique repetitivo, quando são apresentados os fatores estruturais e sociais da primeira seção, ou seja, das sentenças completivas, são apresentadas as hipóteses que explicam a utilização de cada grupo de fatores. Assim sendo, ao apresentar novamente as variáveis sociais das

outras seções (das adverbiais e relativas) não há necessidade de apresentar hipótese, a não ser quando se esteja procedendo às análises, isto é, verificando se cada hipótese aventada ou testada foi ou não confirmada.

Entender a descrição e análise dos dados acabará sendo uma tarefa um pouco cansativa devido ao grande número de itens e subitens que constitui o presente capítulo e, sobretudo, devido à apresentação e descrição das ocorrências, procedimento que é comum no capítulo de análise de dados de qualquer trabalho socioquantitativo.

Para proporcionar maior leveza e conseqüentemente mais fácil acesso à leitura de descrição e análise de dados de trabalhos sociolingüísticos, é uma alternativa viável a apresentação e descrição apenas dos resultados do *GoldVarb*, o que vem compreender a demonstração da atuação dos grupos de fatores que foram apontados como relevantes pelo *GoldVarb*. Entretanto, se assim for feito, corre-se o risco de simplificar demais a análise devido ao fato de perder a oportunidade de caracterizar o fenômeno em estudo tendo em vista as informações fornecidas pelo arquivo de células, como, por exemplo, analisar resultados com ocorrência categórica do fenômeno em um dado grupo de fatores.

Sendo assim, considerando que *o objetivo final de qualquer estudo quantitativo em pesquisa dialetal não é produzir números (por exemplo, medidas estatísticas para resumir os dados), mas identificar e explicar os fenômenos lingüísticos* (GUY & ZILLES, 2007, p.31), assume-se aqui as seguintes posturas diante dos dados: descrevem-se as ocorrências, apresentando simultaneamente as análises qualitativas e quantitativas, buscando verificar, principalmente, o que os números representam em relação à confirmação ou não das hipóteses testadas.

3.1. Análise em tempo real de longa duração

Verifica-se a distribuição das ocorrências no tempo real (século XVI & contemporaneidade) procurando testar a hipótese de que desde a fase pretérita

do português a expressão de modalidades típicas do subjuntivo não se dá apenas por ocorrências das variantes *presente do subjuntivo* e *presente do indicativo*, mas também pelo uso de *estruturas alternativas*. Essa análise tem um caráter mais qualitativo, motivo pelo qual os dados não foram submetidos ao programa *GoldVarb*. Nessa apresentação seria coerente não expor na mesma tabela os casos de estruturas alternativas, pois as EAs mantêm, para com as outras duas (*presente do indicativo* e *presente do subjuntivo*), uma relação diferente, na medida em que não se tratam de co-ocorrências (como *indicativo/subjuntivo*), mas de ocorrências à expressão de modalidades típicas subjuntivas. Entretanto, opta-se por apresentar o índice geral de ocorrências das três, pois, assim sendo, usufrui-se da possibilidade de apresentar nas duas sincronias em que medida as três formas são recorrentes no processo de expressão das modalidades estudadas¹², (cf. Tabelas 1, 2, 3).

Foram encontradas nos dois *corpora*, as três formas em estudo, conforme apresentam os exemplos:

No corpus do século XVI

(70) forma do presente do subjuntivo

a.[g_008_s_181] *E assim antes de muito tempo (segundo a gente vai crescendo) se espera que haja outros muitos edificios e templos muito suntuosos com que de todo se acabe nesta parte a terra de enobrecer.* (contexto de completiva)

(71) forma do presente do indicativo

a.[g_008_s_192] *Estas raízes a cabo deste tempo se fazem muito grandes à maneira de Inhames de São Thomé, ainda que as mais delas são compridas, e revoltas da feição de corno de boi .* (contexto de adverbial)

(72) estrutura alternativa

a.[g_008_s_183] *E a primeira coisa que pretendem adquirir , são escravos para nelas lhes fazem suas fazendas: e se uma pessoa chega na terra a alcançar dois pares, ou meia dúzia dele,...* (contexto de adverbial)

¹² Não dispensando, portanto, o tratamento individualizado da co-ocorrência *indicativo/subjuntivo*, busca-se enfatizar esse aspecto na ocasião em que os dados são apresentados nos subitens (3.2) e (3.3).

No *corpus* contemporâneo

(73) forma do presente do subjuntivo:

- a. Quero que [ele **seja** gente grande de valor]. [MU01SI], (contexto de completiva)
- b. Eu educo meus alunos [de maneira que eles num **sofram** tanto]. [MU01SI], (contexto de adverbial)
- c. Quero ir pra uma casa [onde não **tenha** nada]. [MU02TF], (contexto de relativa)

(74) forma do presente do indicativo:

- a. Eu não gosto [que me **cobra** nada]. [MU02TF], (contexto de completiva)
- b. Embora que [no plenário da câmara não **pode manifestar**] ... [MU04JO], (contexto de adverbial)
- c. Tem que se de um jeito [que não **vai agredir** a criança]. [MU01SI] (contexto de relativa)

(75) estrutura alternativa:

- a. Eu tenho que **saber** o nível da questão, [MU04JO], (contexto de completiva)
- b. O povo tem que participar [pra **poder cobrar** também do prefeito] . [MU04JO], (contexto de adverbial)
- c. Você faz [o que você **quiser** fazer]. [MU06EL], (contexto de relativa)

As ocorrências, contando com os dois *corpora*, totalizam 1.851 casos, sendo 1.584 no português contemporâneo (dados de fala de Muriaé-MG e de Feira de Santana-BA) e 267 no documento do século XVI (GANDAVO, 1556). Essas ocorrências encontram-se apresentadas nas Tabelas a seguir:

Tabela 1: Expressão de modalidades típicas do subjuntivo em completivas do século XVI e da contemporaneidade

Formas	Século XVI	Contemporaneidade
Alternativa	22 (78,6%)	485 (71,2%)
Indicativo	-	23 (3,4%)
Subjuntivo	6 (21,4%)	173 (25,4%)
Total	28	681

De acordo com a Tabela 1 acima, observa-se que há, nesse contexto, certa similaridade na distribuição das ocorrências nas duas sincronias. Isso acontece porque: a variante *presente do subjuntivo* ocorre em torno dos 20% nos dois períodos, sendo que a margem diferencial entre o século XVI e a contemporaneidade fica em torno de 4 pontos percentuais; a variante *presente do indicativo* registra ocorrência apenas na contemporaneidade, a qual fica em apenas 3,4%; as estruturas alternativas lideram as ocorrências em margem superior a 70%, sendo que o índice mais elevado encontra-se no português do século XVI.

Tabela 2: Expressão de modalidades típicas do subjuntivo em adverbiais do século XVI e da contemporaneidade

Formas	Século XVI	Contemporaneidade
Alternativa	80 (48%)	608 (84,3%)
Indicativo	11 (6,5%)	13 (1,8%)
Subjuntivo	76 (45,5%)	100 (13,9%)
Total	167	721

Entretanto, em se tratando de contexto de adverbiais, o quadro de ocorrência apresenta uma tendência diferente da apresentada na Tabela 2, isso porque, conforme apresenta a Tabela 2, há significativa redução do século XVI até a contemporaneidade, dos índices das variantes *presente do subjuntivo* (de 45,5% para 13,9%) e *presente do indicativo* (de 6,5% para 1,8%) e um grande salto nos índices das *estruturas alternativas* (de 48% para 84,3%).

Tabela 3: Expressão de modalidades típicas do subjuntivo em relativas do século XVI e da contemporaneidade

Formas	Século XVI	Contemporaneidade
Alternativa	4 (5,3%)	29 (16%)
Indicativo	30 (39,5%)	98 (53,8%)
Subjuntivo	42(55,2%)	55 (30,2%)
Total	76	182

Com base nos números apresentados na Tabela 3 acima, observa-se redução do uso do presente do subjuntivo e aumento proporcional no uso de formas do presente do indicativo e de estruturas alternativas, isto é: as formas do presente do subjuntivo reduzem-se em 25%, o uso de formas do presente do indicativo registra um acréscimo de, em média, 13% e, as estruturas alternativas registram em torno de 10% de acréscimo.

3.1.1. Sobre as ocorrências de estruturas alternativas

3.1.1.1. Sobre os tipos de estruturas alternativas

Conforme se expôs no capítulo 2, Cunha & Cintra (2001, p. 472), sob o argumento de que algumas vezes “a construção com subjuntivo é pesada e malsoante”, é conveniente substituí-la por expressão equivalente, tais como: estrutura com forma verbal de infinitivo, de gerúndio, por um substantivo abstrato e por construção elíptica. Eis alguns exemplos:

No *corpus* do século XVI

(76) estrutura alternativa de nominalização

a.[g_008_s_162] ... que há nestas partes, pela qual podem quaisquer naus entrar e sair a todo tempo sem temor de nenhum perigo.

(77) **estrutura alternativa de infinitivo**

a.[g_008_s_178] E assim fica cada ... de suas jurisdições , para desta maneira poderem os moradores da terra ser melhor governados e à custa de menos trabalho.

(78) **estrutura alternativa elíptica**

a.[g_008_s_242] E se tomar quantidade de uma casca de noz , morrerá sem nenhuma remissão .

(79) **estrutura alternativa de indicativo**

a.[g_008_s_424] E muitas vezes pode neles tanto a imaginação , que se algum deseja a morte, ...

(80) **estrutura alternativa de futuro do subjuntivo**

a. [g_008_s_373] Também se coze com couves e guisa-se como carne, e assim não há pessoa que o coma, que o julgue por peixe: salvo se o conhecer primeiro.

No corpus contemporâneo

(81)

- a. Mesmo que ele quer ser motorista, [ele **tem que estudar**] prá ele tirar a carteira. [MU05CL]
- b. Mesmo que ele quer ser motorista, ele tem que estudar [pra ele **tirar a carteira**]. [MU05CL]
- c. Ele tem que estudar [pra ele **conhecer** a sinalização]. [MU05CL]

(82)

- a. Hoje me dia, [se a pessoa não **tiver** estudo], passa por dificuldade na vida [MU05CL]
- b. [Se você **pegar** um elemento] e misturar com outro, ... [MU06EL]
- c. [Se ele **souber**] como procurar o ponto certo pra fazer aquele aluno aprender,... [MU06EL]

(83)

- a. [Se você **é** colocado de lado], você não aprende.[MU03EM]
- b. [Se você **faz** uma visita na escola], você já vê muita coisa. [MU03EM]

(84)

- a. A gente tem que ser simpático, [mesmo que... [] de um jeito, assim, tímido], [MU03EM]
- b. espero de um pessoa dessa [uma postura [] de acordo com aquilo] que ela vai representar. [MU03EM]

(85)

- a. [Eu não deixo que ...] Eu não deixo a depressão tomar conta. Tem gente por aí que deixa a depressão o tomar conta. [MU05CL]

(86)

- a. Eu sei que tem que ser um relacionamento profissional , mas se você fica internada 3, 4 dias comigo, [**querendo** ou não], você se apegá. [MU05CL]
(87)
- a. Tem campanha [prá a **legalização** do aborto] [MU12ZI]
b.Você tem o seu tempo disponível [tanto prá o **estudo**] como prá aproveitar o lazer.[MU12ZI]

Essas ocorrências têm seus números apresentados na Tabela 4, a seguir:

Tabela 4: ocorrências dos tipos de estruturas alternativas no século XVI e na contemporaneidade

Tipo de Sentenças	Século XVI	Contemporaneidade
Infinitivo	79 (59%)	813 (71,9%)
Futuro condicional	9 (6,7%)	215 (19%)
Indicativo	16 (11,9%)	54 (8,8%)
Elíptica	20 (14,9%)	33 (2,9%)
Gerundiva	3 (2,2%)	9 (0,79%)
Nominal	7 (5,2)	5 (0,35%)
Total	134	1.134

De acordo com os números da Tabela 4, as estruturas alternativas com a forma verbal no infinitivo lideram as ocorrências nos dois períodos com 59% no português do século XVI e 71,9% na contemporaneidade. Vê-se também que as ocorrências nos dois períodos não apresentam muita similaridade, tendo em vista que apenas a do tipo indicativo (sem, necessariamente, ser contexto de subjuntivo) apresenta índices aproximados (11,9% & 8,8%). Entretanto há alguns tipos de estruturas alternativas que se apresentam mais recorrentes na sincronia passada do que na atual, a saber: elíptica (14,9% X 2,9%); nominal (5,2% X

0,35%). A estrutura alternativa do tipo futuro condicional, desperta a atenção por fazer o movimento inverso: apresenta maior índice na contemporaneidade (6,7% X19%).

Ao analisar as estruturas alternativas com a forma verbal no infinitivo, que são registradas em maior ocorrência (71,9%), são notáveis as seguintes características:

- (i) Quando são em contexto de completiva, expressam modalidade necessidade/obrigação; volição e possibilidade. Sendo que ao contrário das modalidades volição e possibilidade, a modalidade *necessidade/obrigação* é quase exclusivamente expressa por estruturas alternativas (92%);
- (ii) No *corpus* contemporâneo, essas estruturas são, predominantemente, constituídas pela seguinte perífrase verbal: *ter* + *preposição* (que) + *infinitivo*;
- (iii) Quando são em contexto de adverbial, geralmente expressam idéia de finalidade. E essa idéia é também, quase que categoricamente, expressa por estruturas alternativas (93%).

3.1.1.2. Sobre o uso de estruturas alternativas na expressão da modalidade *necessidade/obrigação*

3.1.1.2.1. Construções com o verbo ‘ter’

O verbo *ter* expressando modalidade, isto é o *ter modal*, é constituído de *ter* + *preposição* (*de* ou *que*) + *infinitivo*, formando-se, assim, uma perífrase verbal. A respeito dos elementos que constituem a estrutura dessa perífrase verbal, Comrie (1976) sustenta que “o primeiro verbo apresenta o segundo plano a um dado evento, enquanto que o evento em si é introduzido pelo segundo verbo. O segundo verbo dá a totalidades da situação referida (...) sem referência ao seu

círculo temporal interno.”¹³ (p. 3, tradução nossa). Mas para Benveniste (1995 [1966]) nas perífrases verbais, a harmonia entre auxiliar e principal determina a categoria de aspecto. Advoga também a favor dessa ideia Coelho (2006, p.206), segundo a qual “ao verbo principal não compete apenas à expressão da carga semântica da perífrase, mas também a função de auxiliador na precisão da categoria aspectual.” Seguem os exemplos:

(88)

a. Eu tenho que varrer a casa todos os dias.

a'. É necessário que eu varra a casa todos os dias.

(89)

a. Para ser aprovado ele tem de estudar muito.

a'. Para ser aprovado, é preciso que ele estude muito.

Em relação à presença da preposição na perífrase verbal, Said Ali (2001 [1921]) evidencia que em contexto de perífrase verbal em que o verbo se encontra no infinitivo, a preposição age conjuntamente com o verbo auxiliar integrando, assim, a auxiliarização.

Kayne (1981) defende que as preposições *de* e *di* assumem, respectivamente no Francês e no Italiano, o estatuto de complementizador em relação ao infinitivo. Conforme Coelho (2006, p. 207), adotando essa mesma ideia para o português, a preposição, nas perífrases verbais de infinitivo, tem a função de precisar o tempo e o aspecto, tendo em vista que a referida forma nominal não possui tais funções gramaticais.

Nos exemplos (88) e (89) acima, nota-se que fica expressa a modalidade necessidade/obrigação, a qual fica evidente nas sentenças em (a) mediante a utilização de estrutura alternativa e em (a') por meio de uma sentença completiva com forma verbal no presente do subjuntivo. Ao analisar um exemplo similar ao exposto em (88a) e (89a), Coelho (2006, p. 207) afirma que “a presença da

¹³ “the first verb presents the background to some event, while that the event itself is introduced by the second verb. The second verb presents the totality of the situation referred to (...) without reference to its internal temporal constituency.” (COMRIE, 1976, p.3)

preposição entre o verbo auxiliar e a forma nominal de infinitivo introduz a ideia aspectual de necessidade iminente ...” . A ideia dessa autora está de acordo com Travaglia (1985 [1981]), quem, ao referir da importância que as preposições exercem na constituição da perífrase verbal, defende que essas evocam a expressão de noções aspectuais.

Discordando das palavras de Coelho (2006), defende-se aqui que em (88a) e (89a) a preposição funciona como elemento aglutinador das perífrases constituídas por *ter* + infinitivo, sendo ela, portanto, parte integrante de um complexo verbal no qual toda a expressão é responsável por atribuir o componente semântico que expressa o teor modal, que, no caso, é a modalidade necessidade/obrigação.

Em relação à questão em (b) acima, interroga-se se as construções com *ter modal* encontram-se presentes em outras fases do português. A literatura lingüística registra na fase arcaica do português, conforme Mattos e Silva (2001 [1994]), a existência de construções em que o verbo *ter* expressa a modalidade *necessidade/obrigação*, isto é, com *ter* + *preposição* + *infinitivo*. Comprova-se a existência desse tipo de construção em outras fases do português, conforme Coelho (2006), com base em estudo diacrônico do processo de expansão gramatical e lexical do verbo *ter* (dentre outros verbos denominados auxiliares). Segundo a autora, os resultados “atestam a co-ocorrência de *ter* tanto como as formas nominais do particípio quanto do infinitivo em todos os três períodos analisados” (p.200) sendo que, a frequência do infinitivo revela-se menor que a de particípio. Dos 12 contextos apresentados por Coelho (2006, p. 197-198) é relevante aqui a apresentação dos 4 seguintes:

Quadro 5: Alguns contextos sintáticos do verbo TER, com base em Coelho (2006)

CONSTRUÇÃO	PERÍODO ARCAICO	PERÍODO MODERNO	PERÍODO CONTEMPORÂNEO
Presente do indicativo + preposição + infinitivo (tem que agradecer)		X	X
Pretérito perfeito do indicativo + preposição + infinitivo (teve que entrar)			X
Pretérito imperfeito do indicativo + preposição + infinitivo (Tínhamos de partir)			X
Presente do subjuntivo + preposição + infinitivo (tenha que dar)	X		X

Nota-se que as construções do tipo *ter* modal que estão expostas no quadro, marcam presença em apenas um tipo de contexto nos períodos arcaico e moderno do português. Entretanto, em se tratando da fase contemporânea, registra-se a ocorrência do *ter modal* em todos os tipos de estrutura exposta no quadro. Na perspectiva teórica da gramaticalização, a expansão dos contextos sintáticos em que um dado elemento ocorre pode estar atestando a sua expansão gramatical. Dentre as evidências empíricas da gramaticalização, Bybee e Pagliuca (1985, p. 72) sustentam que a frequência das ocorrências sinaliza que um dado processo de gramaticalização foi instaurado, uma vez que, segundo os autores “à medida que ocorre a generalização dos sentidos, e os domínios se expandem a frequência aumenta ...”. Assim, na instauração do processo de gramaticalização

de um dado item, como conseqüência natural da sua expansão semântica, o que desencadeia em seu uso polissêmico, ocorre o aumento de freqüência. Assim, a expansão do contexto estrutural de uso do *ter* expressando modalidade *necessidade/obrigação* vem só corroborar que o verbo *ter* passou por um processo de gramaticalização, conforme comprovam as seguintes palavras:

Considerando-se o critério da freqüência das formas plenas e gramaticais, é lícito afirmar que a mudança já detectada no período arcaico se difundiu ao longo dos períodos clássicos e contemporâneo. O aumento da freqüência registrado nos índices referentes ao emprego da forma gramatical do verbo ter, que já se encontrava gramaticalizada na Língua Portuguesa desde o período arcaico, atesta a expansão gramatical dessa forma verbal. (COELHO, 2006, p. 124)

Assim, a literatura lingüística atesta a existência do verbo *ter* expressando modalidade *necessidade/obrigação* desde a fase arcaica do português. No *corpus* do século XVI, não registra ocorrência da expressão dessa modalidade com o verbo *ter*. Conforme os dados expostos nesta tese, foram detectadas 2 ocorrências nas quais se expressam a modalidade *necessidade/obrigação*, sendo que uma com o uso do infinitivo e a outra com o uso do subjuntivo. Eis as ocorrências:

(90) estrutura alternativa expressando modalidade necessidade
a.g_008_s_282] Enfim que a fartura supérflua , não somente apaga a prudência , a fortaleza do ânimo , e a viveza do engenho ao homem : mas ainda aos brutos animais inabilita e faz incapazes de usarem de suas forças naturais , posto que tenham necessidade de as exercitarem para defesa de sua vida.

(91) variante presente do subjuntivo em contexto de modalidade necessidade
a.[g_008_s_529] Porém que lhe lembre que assim como tomam de suas mortes vingança nele , que assim também os seus o hão de vingar como valentes homens , e haverem se ainda com ele e com toda sua geração daquela mesma maneira.

3.1.1.2.2. Construções com o verbo ‘haver’

Há a possibilidade de utilização do verbo *haver* para expressar modalidade, por meio da perífrase verbal constituída de *haver* + *preposição* + *infinitivo*. Seguem exemplos:

(92) Eu **hei de varrer** esta casa todos os dias.

(93) Eu **tenho de varrer** esta casa todos os dias.

Não se faz necessário esforço algum para identificar que as sentenças acima expressam diferentes modalidades: registra-se a modalidade desejo/volição em (92) e a modalidade *necessidade/obrigação* em (93). Sendo assim, não se registra um caso de variação lingüística entre essas sentenças, visto que cada uma delas expressa uma significação particular, ou seja, cada uma exibe um valor semântico. Essa identidade única que cada qual comporta veta a possibilidade de caracterizá-las como variantes entre si, visto que se detecta a atuação de cada uma dela em contexto de distribuição complementar.

Entretanto há casos em que ambas as perífrases apresentam de fato uma relação de variante lingüística, como demonstram os exemplos seguintes:

(94) *Há de se considerar a possibilidade de uma reanálise semântica.*

(95) *Tem de se considerar a possibilidade de uma reanálise semântica.*

Conforme Coelho (2006, p. 222), há nesses exemplos não a expressão de um desejo, mas “existe um alerta para o caráter imperativo de se considerar a possibilidade de uma reanálise semântica”.

Ainda conforme Coelho (2006), estruturas com as referidas perífrases também “constituem contextos pragmaticamente optativos”, como demonstram os seguintes exemplos:

(96) Ele há de conseguir aquele emprego, afinal se esforçou tanto.

(97) Ele tem de conseguir aquele emprego, afinal se esforçou tanto.

Sobre isso, Coelho (2006, p. 222) conclui com a seguinte afirmação: “na contemporaneidade, não se verifica o emprego de *ter de* apenas para instaurar uma modalidade necessitativa, embora seja esse o seu emprego mais recorrente, nem o de *haver de* para demarcar a volição de algo que se efetive”. Nesse sentido, a autora argumenta que conforme expressam os seus dados, em alguns contextos do período contemporâneo “está se processando uma reanálise semântica da modalidade expressa por esses dois auxiliares”.

Fica então evidente que as perífrases constituídas por *ter de* e *haver de* podem apresentar os seguintes perfis:

- exibição contexto de distribuição complementar, como em (92) e (93), em que em cada estrutura apresenta-se uma dada modalidade.
- apresentação de caso de variação lingüística, isto é, uma pode ser utilizada pala outra, como em (94) e (95), em que expõe algo que pode ser traduzido pela modalidade necessidade/obrigação. Enquadra-se também nesse conjunto os exemplos (96) e (97), mas com o diferencial de que ambas apresentam a modalidade que expressa desejo/volição.

Enquanto os dados registram altíssimo índice de ocorrências do *ter modal*, expressando a modalidade necessidade/obrigação conforme o visto anteriormente, não se registra ocorrência do *haver* à expressão dessa modalidade.

3.2. Sobre as ocorrências no português do século XVI

3.2.1. Sentenças completivas

São registrados 28 casos de completivas, sendo que todos esses se realizam mediante a ocorrência de estruturas alternativas 79% (22 casos) e de formas do presente do subjuntivo 21% (6 casos). Sendo assim, o presente do indicativo não se realiza nos dados em contexto de completivas. Por conta disso não será exposta nesse item uma abordagem quantitativa.

3.2.1.1. Estruturas alternativas & presente do subjuntivo

A variável *modalidade verbal*

Considera-se esse grupo de fatores procurando testar a validade da hipótese segundo a qual o tipo de modalidade verbal pode estar influenciando no uso do indicativo em contextos para os quais se prevê o uso do subjuntivo (cf. BIANCHET, 1996; ALVES NETA, 2000; MEIRA 2006; FAGUNDES, 2007, dentre outros). Em relação ao tipo de modalidade que podem ser expressas em contexto de oração completiva (substantiva), foram consideradas, neste trabalho, as modalidades *volição/sentimento*, *possibilidade* e *necessidade*, como nos exemplos:

(98) **estrutura alternativa de infinitivo expressando *modalidade possibilidade***

a.[g_008_s_98] ... , *é nem mais nem menos como um braço de mar, até onde se pode navegar por entre as ilhas sem nenhum impedimento.*

(99) **estrutura alternativa expressando *modalidade volição***

a.[g_008_s_456] *Algumas Índias há também entre eles que determinam de ser castas : as quais não conhecem*

(100) **estrutura alternativa expressando *modalidade necessidade***

a.g_008_s_282] *Enfim que a fartura supérflua , ... , posto que tenham necessidade de as exercitarem para defesa de sua vida.*

(101) **variante presente do subjuntivo em contexto de *modalidade volição***

a.[g_008_s_181] *E assim antes de muito tempo (segundo a gente vai crescendo) se espera que haja outros muitos edifícios e templos muito suntuosos com que de todo se acabe nesta parte a terra de enobrecer.*

(102) **variante presente do subjuntivo em contexto de *modalidade necessidade***

a.[g_008_s_529] Porém que lhe lembre que assim como tomam de suas mortes vingança nele , que assim também os seus o hão de vingar como valentes

Essas modalidades estão sendo consideradas tendo como base Fávero (1982) para quem a atitude proposicional do sujeito da sentença matriz (que poderá ser interpretativa ou não interpretativa) determinará o uso do modo verbal da sentença completiva adverbial. Desta forma, para a autora, quando os verbos da sentença matriz expressam **atitude proposicional interpretativa volitiva** (verbos como *ordenar, suplicar, rogar, querer, desejar, preferir*) a forma verbal da oração subordinada substantiva tem que ser realizada no modo subjuntivo, caso não o seja, estas sentenças são caracterizadas como agramaticais no português. Ainda conforme Fávero (1982), quando o verbo da sentença matriz expressa **atitude proposicional de sentimento** (verbos como *alegrar, entristecer, doer*), o verbo da sentença subordinada substantiva precisa ocorrer em uma das formas do subjuntivo para que a sentença seja considerada gramatical no português.

Conforme se pode observar na Tabela 5 a seguir, de um total de 28 sentenças em contextos de completivas, 22 casos ocorreram em forma de *estrutura alternativa*. Em se tratando da *modalidade possibilidade* 95% das ocorrências se deram com estruturas alternativas. Entretanto, no que se refere à *modalidade volição*, dos 5 casos existentes, 4 (80%) manifestaram-se com a variante presente do subjuntivo. Assim, de acordo com esses números, confirma-se a hipótese de que o fator *modalidade* apresenta relevância quanto ao uso de uma ou outra forma em análise. Entretanto, devido ao fato do baixo índice dessas ocorrências (modalidades *volição* e *necessidade*), é uma atitude prudente, não ser categórico na interpretação.

Tabela 5: Consideração do fator *modalidade verbal* na ocorrência de estrutura alternativa e do presente do subjuntivo em completivas do século XVI

Modalidade	Alternativa	Subjuntivo
Possibilidade	19(95%)	1 (5%)
Volição	1 (20%)	4 (80%)
Necessidade	2 (66,7%)	1 (33,3%)
Total	22 (78,6%)	6 (21,4%)

A variável *tipo de oração*

Esse grupo foi considerado pra testar a hipótese de que o uso de formas do indicativo por formas do subjuntivo pode estar sendo influenciado pelo fator tipo de oração (cf. BIANCHET, 1996; ROCHA, 1997; ALVES NETA, 2000, dentre outros). Acreditando também que esse fator esteja relacionado à co-ocorrência de estruturas alternativas e do presente do subjuntivo, testa-se a relevância desse grupo de fatores.

Vê-se na Tabela 6 que as completivas subjetivas são favorecedoras ao uso de estruturas alternativas (87,5%), enquanto em contexto de completivas objetivas diretas registra-se baixo índice de estrutura alternativa 25% (1 caso). Assim, confirma-se a hipótese de que o tipo de completiva influencia no uso de uma dada variante.

Tabela 6: Consideração do fator *tipo de oração* na ocorrência de estrutura alternativa e do presente do subjuntivo em completivas do século XVI

Tipo de Sentença	Alternativa	Subjuntivo
Subjetiva	21(87,5%)	3 (12,5%)
Objetiva direta	1 (25%)	3 (75%)
Total	22 (78,6%)	6 (21,4%)

3.2.2. Sentenças adverbiais

3.2.2.1. Presente do indicativo X presente do subjuntivo

Das 167 ocorrências em adverbiais, 11 (6%) se realizaram por meio de formas do presente do indicativo. Devido aos percentuais categóricos (nocautes) nas ocorrências dessa variante, não foi possível submetê-las a um tratamento mais quantitativo, ou seja, ao programa *GoldVarb*.

Considerando como universo de ocorrências os 76 casos (11 do presente do indicativo e 65 do presente do subjuntivo) são encontrados os seguintes números: 15% de presente do indicativo e 85% de presente do subjuntivo. É com base na ocorrência dessas duas variantes que são extraídos os percentuais apresentados a seguir.

Com o fator estrutural *tipo de conjunção*, foram registradas as seguintes ocorrências: em concessivas, 22% (8 casos) de indicativo, 77% (28 casos) de subjuntivo; em temporais 37% (3 casos) de indicativo, 62% (5 casos) de subjuntivo; em contexto de *causa/conseqüência*, *finalidade* e *condição* não houve ocorrência do presente do indicativo. Em se tratando do fator *conjugação verbal*, o presente do indicativo é registrado com os seguintes números: 12% (5 casos) em verbos de segunda conjugação; 15% (5 casos) em verbos de primeira conjugação e 20% (1 ocorrência) em contexto de terceira conjugação. Em relação ao fator *tipo*

da forma verbal (simples ou composta) registrou-se o presente do indicativo conforme os seguintes índices: 14% (9 casos) em simples; 16% (2 casos) em composta. Considerando o *fator nível de distanciamento entre a conjunção e a forma verbal*, o presente do indicativo ocorre conforme os números que seguem: 4% (1 caso) sem distanciamento, ou seja, com ausência de elemento entre a conjunção e o verbo; 15% (5 casos) em contexto de pouco distanciamento entre a conjunção e o verbo; 22% (5 ocorrências) em nível maior de distanciamento. Tendo em vista essas ocorrências, pode-se inferir que a co-ocorrência *presente do indicativo/presente do subjuntivo* se dá em diversos ambientes das adverbiais do século XVI. Entretanto, as ocorrências do indicativo apresentam percentuais que variam em torno de 10 a 20%, com exceção das temporais em que o presente do indicativo ocorre em 37% dos casos. Sendo assim, vê-se que o uso do presente do indicativo não se caracteriza predominante em nenhum contexto das adverbiais. Por isso, não se pode corroborar a validade das hipóteses subjacentes aos grupos de fatores.

Eis alguns exemplos:

(103)

- a. [g_008_s_192] ... se fazem muito grandes à maneira de Inhames de São Thomé, ainda que as mais delas são compridas, e revoltas da feição de corno de boi .
- b. [g_008_s_275]... e ao gado dos moradores; aos quais chamam Tigres, ainda que na terra a mais da gente os nomeia por Onças; mas ...
- c. [g_008_s_284] E cada filho tem sua teta pegada na boca , da qual a tiram nunca até que se acabam de criar .

Nesses exemplos, estão evidentes usos do presente do indicativo em sentenças adverbiais que expressam idéia de concessão, como em (a) e (b) e idéia de temporalidade como em (c). Sendo assim, pode-se afirmar que o uso de formas do presente do indicativo em contexto de adverbiais é uma característica também comum ao português do século XVI, ou seja, não marca uma

especificidade do português brasileiro, como dão a entender alguns adeptos à hipótese da TLI, (MEIRA, 2006).

3.2.2.2. Estruturas alternativas & presente do subjuntivo

Considerando as ocorrências desses dois itens, conforme já se expôs nos preliminares, não será necessário a submissão dos dados às rodadas do GoldVarb, tendo em vista que não se assume que haja entre elas uma relação de variação lingüística. Assim sendo, faz-se mister apenas a exposição de resultados do arquivo de células, por meio dos quais se expõem os percentuais que as alternativas apresentam frente aos grupo de fatores considerados.

A variável *tipo de conjunção*

Conforme a Tabela 7 a seguir, são encontrados diversos tipos de estruturas alternativas em contexto de adverbiais. Veja alguns exemplos:

(104) estrutura alternativa de infinitivo expressando condição

a.[g_008_s_195] ...: porque é tão peçonhento , e em tanto extremo venenoso , que se uma pessoa , ou qualquer outro animal o beber, logo naquele instante morrerá.

(105) estrutura alternativa de infinitivo expressando finalidade

a.[g_008_s_161] ... , e vinte e seis de largo: na qual se pode fazer uma fortaleza para defesa da terra se cumprir

(106) estrutura alternativa de infinitivo expressando temporalidade

a.[g_008_s_247] ... , torna logo pouco a pouco a estender-se , até ficar outra vez tão robusta e verde como dantes .

Tabela 7: Consideração do fator *tipo de conjunção* ocorrência da estrutura alternativa e do presente do subjuntivo em adverbiais do século XVI

Tipo de conjunção	Alternativa	Subjuntivo
Concessiva	2 (6,7%)	28 (93%)
Causal	8 (38,2%)	13 (61,8%)
Final	22 (57,9%)	16 (42,1%)
Condicional	55 (94,9%)	3 (5,1%)
Temporal	4 (44,4%)	5 (55,6%)
Total	91 (58,3%)	65 (41,7%)

De acordo com a Tabela 7, os ambientes em, que prevalecem estruturas alternativas são: adverbial do tipo condicional, com altíssimo índice (94,9%); e do tipo final (57,9%). E o uso de formas do presente do subjuntivo predomina em: adverbiais concessivas (93%) e causal (61,8%). Sendo assim, corrobora-se a hipótese que motiva a utilização desse grupo de fatores, segundo a qual o tipo de conjunção poderia estar influenciando no uso de uma ou de outra forma em estudo.

A variável *nível de distância* entre a conjunção e a forma verbal

Tabela 8: Consideração do fator *distância entre conjunção e forma verbal* na ocorrência de estrutura alternativa e de formas do presente do subjuntivo em adverbiais do século XVI

Distanciamento	Alternativa	Subjuntivo
Ausência	30 (58,8%)	21 (41,2%)
Pequeno	30 (52,6%)	27 (47,4%)
Grande	17 (50%)	17 (50%)
Total	77 (54,2%)	65 (45,8%)

Os números expostos na Tabela 8 não confirmam a hipótese que motiva a utilização desse grupo de fatores, segundo a qual há maior probabilidade de uso de estrutura alternativa em contexto em que há intercalação entre conjunção e verbo. Vê-se que acontece justamente o contrário do que a hipótese prevê, ou seja, usa-se mais a estrutura alternativa em contexto de pouco (pequena distância, em que há um único elemento, como por exemplo, um pronome) ou nenhum elemento entre os itens.

3.2.3. Sentenças relativas

As relativas perfizeram um total de 75 ocorrências, sendo que dessas 5,3% (4 casos) manifestaram-se por meio do uso de estrutura alternativa, 37,4% (28 casos) com o presente do indicativo e 57,6% (43) com o presente do subjuntivo.

3.2.3.1. Presente do indicativo X presente do subjuntivo

Considerando as ocorrências dessas variantes em relativas, totalizam-se 71 casos, sendo que 39,4% (28 casos) de presente do indicativo e 60,6% (43 casos) de presente do subjuntivo.

A variável *nível de referência do antecedente*

Essa variável está sendo utilizada para testar a hipótese de que quando o antecedente exibe traço referencial *genérico* [-específico], encontra-se maior probabilidade de ocorrência de formas subjuntivo, por esse se caracterizar um contexto mais acentuado de expressão da modalidade *existência possível*. Por outro lado, considera-se a hipótese de que quando o nível de referência do antecedente apresentar o traço *indefinido* [+ específico , - definido] encontra-se

um ambiente mais apropriado a ocorrência de formas do presente do indicativo (ou ao uso de estruturas alternativas) por esse se revelar um ambiente mais próximo da expressão da modalidade *existência real*.

Tabela 9: Atuação da variável *nível de referência do antecedente* na co-ocorrência *presente do indicativo/ presente do subjuntivo* em relativas do século XVI

Nível de referência do antecedente	Indicativo	Subjuntivo
Genérico	3 (21,4%)	11 (78,6%)
Indefinido	25 (43,9%)	32 (56,1%)
Total	28(39,4%)	57 (61,6%)

É visível na Tabela 9 que com o nível de referência do antecedente tipo *genérico* há maior possibilidade do uso de formas do presente do subjuntivo (78,6% X 21,4%). O predomínio de uso dessas formas continua em ambientes de nível de referência *indefinido*, (56,1% X 43,9%). Em outra ótica, pode-se afirmar que as formas do presente do indicativo apresentam-se mais recorrente em ambientes de nível de referência do tipo indefinido do que em tipo genérico, como evidenciam os seguintes percentuais: 43,9% X 21,4%. Sendo assim, em termos de percentuais, confirma-se a hipótese que motiva a utilização desse grupo de fatores, segundo a qual o uso do presente do indicativo apresenta-se mais acentuado em ambientes de referente do tipo indefinido. Esse grupo de fatores não foi selecionado como relevante pelo *GoldVarb*, por isso não se registra a extração de pesos relativos.

A variável *animacidade do antecedente*

A utilização dessa variável é motivada pela hipótese de que há mais probabilidade de uso de formas do presente do indicativo em contexto de

antecedente inanimado do que em contexto de animado. Isso porque, espera-se que em contexto de animacidade do antecedente a manifestação da modalidade pode ser mais atuante, configurando-se assim pelo uso da forma verbal no presente do subjuntivo.

Tabela 10: Atuação da variável *animacidade do antecedente* na co-ocorrência *presente do indicativo/presente do subjuntivo* em relativas do século XVI

Animacidade do antecedente	Indicativo	Subjuntivo
Humano	19 (38,8%)	30 (61,2%)
Animado	7 (63,6%)	4 (36,4%)
Inanimado	2 (18,2%)	9 (81,8%)
Total	28 (39,4%)	44 (60,6%)

De acordo com as ocorrências expostas na Tabela 10, as relativas portadoras de referentes que exibem traço do *Inanimado* são as que mais favorecem ao uso do presente do subjuntivo (81,8% X 18, 2%). E as que exibem traço + *Humano* são também muito favoráveis ao uso dessa variante (61,2% X 38,8%). Sendo assim, o único contexto que se apresenta favorável ao uso da variante *presente do indicativo* é o que exhibe traço + *Animado*, (63,6% X 36, 4%). Esse resultado não corrobora a validade da hipótese que motiva a utilização desse grupo de fatores.

A variável *conjugação verbal*

Utiliza-se essa variável para checar a hipótese que se fundamenta no princípio da freqüência de ocorrência, segundo a qual o falante tende a realizar mais uma dada forma verbal no presente do indicativo (ou construções do tipo estrutura alternativa, quando for o caso) quando a mesma pertence ao grupo

verbal da primeira conjugação, isso porque as formas verbais dessa conjugação geralmente originam o presente do subjuntivo em uma configuração com a qual o falante não está muito familiarizado por não ser muito recorrente na língua, como em: (amar ⇒ ame). Seguindo esse critério, considera-se que as formas verbais da segunda e terceira conjugações, originam formas verbais no presente o subjuntivo em uma configuração mais recorrente na língua, causando, assim menos estranhamento ao falante, como em: (correr ⇒ corra; partir ⇒ parta).

Tabela 11: Atuação da variável *conjugação verbal* na co-ocorrência *presente do indicativo/presente do subjuntivo* em relativas do século XVI

Conjugação Verbal	Indicativo	Subjuntivo
Primeira	15 (55,6%)	12 (44,4%)
Segunda e terceira	13 (29,6%)	31 (70,4%)
Total	28 (39,4%)	43 (60,6%)

De acordo com os números expostos na Tabela 11, as relativas que portam a forma verbal da primeira conjugação se constituem ambientes mais favoráveis ao uso da variante *presente do indicativo* (55,6% X 44,4%), e as portadoras da forma verbal da segunda e terceira conjugações são favorecedoras ao uso da variante *presente do subjuntivo*, (74,4% X 29,6%). Esses números comprovam a hipótese que motiva a utilização dessa variável independente.

A variável *paradigma verbal*

Considera-se essa variável pautando-se no princípio da saliência fônica, o qual fundamenta a hipótese de que os verbos irregulares tendem a favorecer o uso de formas verbais no presente do subjuntivo, pois em contexto desse paradigma verbal a oposição indicativo/subjuntivo faz-se mais perceptível. Assim

sendo, considera-se que os verbos que se enquadram no paradigma verbal do tipo *regular* (em que a oposição indicativo/subjuntivo manifesta-se menos saliente) são ambientes apropriados ao uso da variante não-padrão presente do indicativo (ou de estrutura alternativa), ou seja, são ambientes apropriados ao não-uso do presente do subjuntivo.

Tabela 12: Atuação da variável *paradigma verbal* na co-ocorrência presente do indicativo e presente do subjuntivo em relativas do século XVI

Paradigma Verbal	Indicativo	Subjuntivo
Regular	21 (43,8%)	27 (56,2%)
Irregular	7 (30,4%)	16 (69,6%)
Total	28 (39,4%)	43 (60,6%)

Conforme os números expostos na Tabela 12, ambos os paradigmas são favoráveis ao uso de formas do presente do subjuntivo: 69,2% em relativas que portam verbos irregulares e 56,2% em relativas que exibem verbos regulares. Sendo assim, não se confirma a validade da hipótese que motiva a utilização dessa variável independente. Entretanto, as relativas que portam verbos regulares, apresentam-se mais favoráveis ao uso de formas do indicativo do que as relativas que portam verbos irregulares (43,8% X 30,4).

Fator distância entre pronome relativo e forma verbal

Tabela 13: Atuação da variável *distância entre pronome relativo e forma verbal* na co-ocorrência presente do indicativo e presente do subjuntivo em relativas do século XVI

Distanciamento	Indicativo	Subjuntivo
Ausência de	15 (53,6%)	13 (46,4%)
Pequeno	5 (17,8%)	23 (82,1%)
Grande	8 (53,3%)	7 (46,6%)
Total	28 (39,4%)	43 (60,6%)

De acordo com a tabela 13, obtêm-se os seguintes resultados: uso mais acentuado da variante presente do indicativo se dá em ambientes em que não há item intercalado entre o pronome relativo e a forma verbal, ou seja, em que se registra ausência de distância entre os itens (53,6% X 43,4%); o segundo maior uso do presente do indicativo ocorre em contexto que há maior distância entre os itens (53,3% X 46,7%); e o uso menos acentuado do presente do indicativo ocorre em contextos em que há pouco distanciamento entre pronome relativo e forma verbal (17,8% X 82,1%). Vê-se, então, que a hipótese que motiva a utilização desse grupo de fatores é corroborada apenas em parte, pois, são contextos favorecedores de uso do presente do indicativo não apenas ambiente de grande distância entre os itens (conforme a previsão), mas também ambientes em que os itens não se encontram distantes.

3.2.3.3. Estrutura alternativa & presente do subjuntivo

Conforme se expôs no início desta seção, os dados revelam poucas ocorrências de estruturas alternativas em contexto de relativas (4 casos). Esses

casos representam 8,5% de ocorrências, tendo em vista o total de 47, sendo que 43 desses são de uso do presente do subjuntivo. Porque as ocorrências da estruturas alternativas são poucas, não se sente necessidade de demonstração em tabelas.

A estrutura alternativa do tipo relativa não apresenta ocorrências com verbos de primeira e terceira conjugações. Dessa forma, todas as duas ocorrências de realização verbal se dão com verbo da *segunda conjugação* e as outras duas são de alternativa com *forma verbal elíptica*. Três ocorrências se deram com verbo *irregular* e uma com *regular*. Três ocorrências se deram com o antecedente *indeterminado* e uma com o antecedente *genérico*. E todas as quatro ocorrências com o antecedente do tipo *animado*. Considerando outro ambiente de nocaute da alternativa relativa, apresenta-se o grupo de fatores *nível de distância entre o pronome relativo e a forma verbal*. Nesse sentido, só se registrou estrutura alternativa relativa em quando não se intercala elemento algum entre o pronome relativo e a forma verbal, conforme demonstram os exemplos (a) e (b):

(107)

- a. [g_008_s_184] *Pois daqui se pode inferir quanto mais serão acrescentadas as fazendas daqueles que tiverem duzentos , trezentos escravos , como há muitos*
- b. [g_008_s_522] *... à maneira de laranjas com que possa atirar e ofender a quem quiser.*

Diante dessas ocorrências, pode-se advogar que os ambientes em que não ocorre a *estrutura alternativa* não são favorecedores. Entretanto, essa será uma afirmação sem base por decorrência de ausência de dados para fundamentá-la. Sendo assim, para que se afirme algo nesse sentido será necessário analisar a atuação desses grupos de fatores em relativas de outros documentos.

3.3. Sobre as ocorrências no PB contemporâneo

Sobre as ocorrências das três estruturas em estudo

Foram analisadas 1.584 ocorrências em sentenças completivas, adverbiais e relativas, sendo que 769 de Muriaé-MG e 815 de Feira de Santana-BA. Esses dados são constituídos por construções em que foram expressas diversas modalidades mediante a realização das três formas em estudo, conforme mostra o gráfico a seguir:

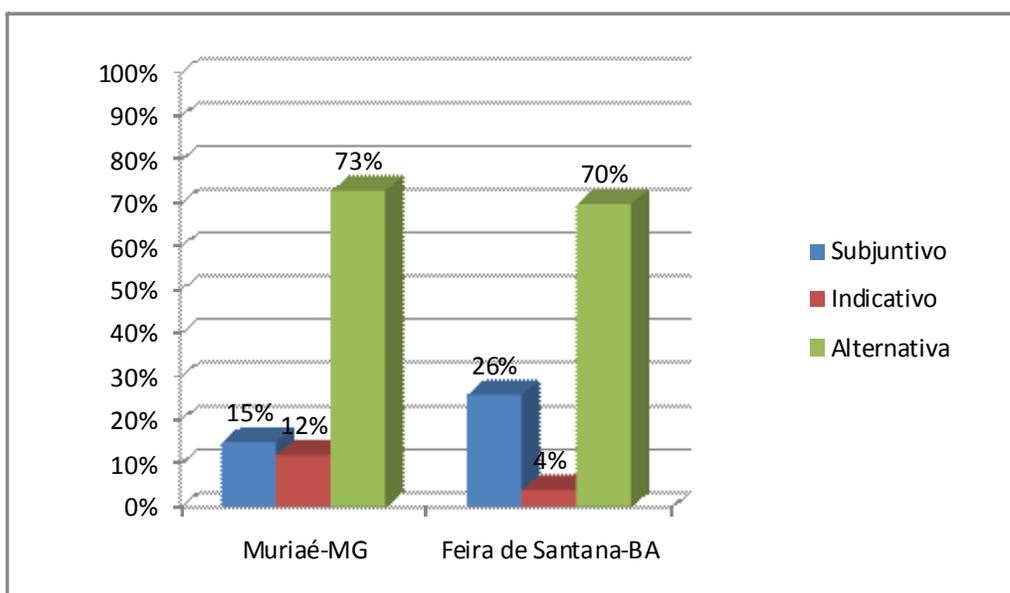


Gráfico 1: A expressão de modalidades subjuntivas em completiva e adverbiais do português contemporâneo

Considerando os contextos de completivas e adverbiais, percebe-se um comportamento diferenciado no que se refere à frequência de uso das variantes *presente do subjuntivo* (padrão) e *presente do indicativo* (não-padrão). Assim, enquanto nos dados de Muriaé-MG, a variante padrão é utilizada em (15%), em

dados de Feira de Santana-BA, essa variante apresenta o índice de uso de (26%). É claramente perceptível que em dados de Muriaé-MG o baixo uso da variante padrão representa um aumento proporcional ao uso da variante não-padrão. Em dados de Feira de Santana-BA, o uso relativamente baixo da variante não-padrão vem refletir no uso relativamente alto da variante padrão. Em relação ao uso da estrutura alternativa, altas e similares freqüências foram apresentadas nos dados dos dois locais analisados.

Entretanto, em relação às relativas, as ocorrências se manifestam com mais freqüência, não nas estruturas alternativas, mas entre as variantes *presente do indicativo* e *presente do subjuntivo*. Assim, Muriaé-MG e Feira de Santana-BA registram respectivamente: 63% X 43% da variante *presente do indicativo*; 21% X 38% da variante *presente do subjuntivo*; 14% X 17% da estrutura alternativa. De acordo com esses números, há diferença significativa na realização do presente do indicativo e no presente do subjuntivo nas duas localidades, com base na qual, pode-se até confirmar a hipótese de que o não-uso do subjuntivo seja um fenômeno mais avançado no solo mineiro.

3.3.1. Sentenças completivas

Foram encontradas 681 ocorrências em contexto de completivas, sendo que 291 de Muriaé-MG e 390 de Feira de Santana-BA. Em Muriaé-MG foram detectadas nas completivas as três formas em estudo. Entretanto, em Feira de Santana-BA, não se registrou a variante *presente do indicativo*, como se demonstra na Tabela 14:

Tabela 14: Expressão das modalidades típicas do subjuntivo em completivas de Muriaé-MG e de Feira de Santana-BA

Formas	Muriaé-MG	Feira de Santana-BA
Alternativa	209 (71,8%)	276 (70,8%)
Indicativo	23 (7,9%)	-
Subjuntivo	59(20,3%)	114 (29,2%)
Total	291	390

Com essas ocorrências, em que não se registra nocaute em Muriaé-MG, tem-se a possibilidade de analisar, em nível multidimensional, duas realidades nos dados: (1) a atuação de fatores estruturais e sociais na co-ocorrência do presente do indicativo (não-padrão) e do presente do subjuntivo (padrão); (2) a atuação de fatores estruturais e sociais na ocorrência de estruturas alternativas e do presente do subjuntivo.

3.3.1.1. Presente do indicativo X presente do subjuntivo

Conforme já dito, não se registrou nos dados de Feira de Santana-BA a ocorrência da variante presente do indicativo em contexto de completiva. Sobre as ocorrências dessa variante *não-padrão* em Muriaé-MG, são registrados 23 casos. Esse número perfaz uma margem de (28%) considerando um total de 82 casos de co-ocorrência de presente do subjuntivo X presente do indicativo. Nos exemplos a seguir, são expostos em contexto de completiva, ocorrências do presente do subjuntivo em (110a – c) e ocorrências do presente do indicativo em (110d – f).

(108)

- a. Espero [que ele não **esteja** envolvido nesse mensalão!] [MU04JO]
- b. Quero [que ele **seja** gente grande de valor] [MU01SI]
- c. O que você quer [que eu **fale**?/] [MU01SI]

- d. Angela dizia: - Mário não gosta [que **bate** nos meninos] [MU02TF]
- e. Eu não gosto [que me **cobra!**] [MU02TF]
- f. Quero [que ela **vai** prá outra escola] [MU01SI]

Considerado essa co-ocorrência, o *GoldVarb* registrou *input* inicial de .28, selecionou os grupos de fatores sociais *nível de escolaridade* e *sexo do falante* e descartou, nesta ordem, os grupos *faixa etária*, *tipo de modalidade verbal* e *tipo de oração*.

3.3.1.1.1. Atuação de variáveis estruturais

A consideração de cada grupo de fator estrutural, conforme se expõe no capítulo 3, é útil para testar hipóteses e, como isso, caracterizar melhor um dado fenômeno. Portanto, se constitui relevante que a atuação que cada um apresenta para com um dado fenômeno variável, seja inter-relacionada à motivação pela qual é utilizada¹⁴.

A variável *modalidade verbal*

(109) **Modalidade volição**

- a. Eu não deixo [isso me **atingir** lá dentro] [MU01SI] (estrutura alternativa)
- b. Quero que [ele **seja** gente grande de valor] [MU01SI] (presente do subjuntivo)

(110) **Modalidade necessidade**

- a. Nós recomendamos [que esse gelo **esteja** sempre limpinho] [MU11CC] (subjuntivo)
- b. Eu **tenho que ensinar** separado [MU01SI] (estrutura alternativa)

(111) **Modalidade possibilidade/probabilidade**

- a. Gente, [essa mulher não **pode ser** isso tudo] [MU03EM] (estrutura alternativa)
- b. Eu acho que é aí que [pode ser que **peque**] [MU15SE] (presente do subjuntivo)

¹⁴ Para que seja evitada repetição, obviamente desnecessária, à mediada em que cada grupo de fatores esteja sendo discutido, faz-se breve menção aos motivos pelos quais esse está sendo utilizado, dispensando, com isso, mais atenção para discutir o que os números representam em relação ao que cada hipótese prevê.

Tabela 15: Atuação da variável *modalidade verbal* na ocorrência do presente do indicativo (X presente do subjuntivo) em completivas de Muriaé-MG

Modalidade	Ocorrência/Total	Percentual
Necessidade	3/12	25%
Volição	19/65	29,2%
Possibilidade	1/5	20%
Total	23/82	28%

Como mostra a Tabela 15, com as modalidades consideradas é predominante o uso do subjuntivo. Sendo assim, não se confirma a hipótese segundo a qual há relevância do grupo de fatores *modalidade verbal* à aplicação da regra, ou seja, ao uso do presente do indicativo. Esse resultado é também corroborado pelo *GoldVarb* na medida em que esse programa não considerou a relevância desse grupo de fatores.

A variável *tipo de oração*

Tabela 16: Atuação da variável *tipo de oração* na ocorrência do presente do indicativo (X presente do subjuntivo) em completivas de Muriaé-MG

Tipo de Oração	Ocorrência/Total	Percentual
Objetiva direta	20/68	29,4%
Nominal	1/2	50%
Subjetiva	2/12	16,7%
Total	23/82	28%

É visível, nessa Tabela, que se usa a variante *presente do indicativo* em todas as orações consideradas, entretanto predomina o uso do presente do subjuntivo em contexto de subjetiva com 83,3% (10) e em objetiva direta com 70,6% (48). Sendo assim, o grupo de fatores *tipo de oração* não comprova a hipótese que motiva a sua utilização. Esse resultado é corroborado pelo *GoldVarb* pois não detectou relevância nesse grupo de fatores.

3.3. 1.1.2. Atuação de variáveis sociais

Conforme já exposto no capítulo 3, a consideração de cada grupo de fatores de ordem social pode revelar muitos aspectos do fenômeno variável.

Sobre o fator *nível de escolaridade*

Considerou-se esse grupo de fatores para testar a hipótese de que em Muriaé-MG, diferentemente de Feira de Santana-BA, o presente do subjuntivo tem a escola como um importante difusor, devido ao fato de que processo de variação se encontra, no solo mineiro, num estágio mais avançado. Assim, assume-se a hipótese de que em Feira de Santana-BA o fator escolaridade não se apresenta relevante visto que o uso do subjuntivo é uma marca comum no dialeto baiano, exceto em contexto de relativa.

Tabela 17: Atuação da variável *nível de escolaridade* na ocorrência do presente do indicativo (X presente do subjuntivo) em completivas de Muriaé-MG

Escolaridade	Ocorrência/Total	Percentual	Peso Relativo
Fundamental	20 /46	43,5%	.72
Superior	3/36	8,3%	.22
Total	23/82	28%	

Conforme demonstra a Tabela 17, há diferença significativa de percentual entre os níveis de escolaridade considerados. Assim, o presente do indicativo foi muito mais realizado por falantes de nível de escolaridade menos elevado do que por falantes de nível mais elevado. Assim, pode-se dizer que o nível menos elevado de escolaridade apresenta-se como favorecedor ao uso da variante *presente do indicativo*. A relevância que o GoldVarb atribui a esse grupo de fatores vem confirmar a sua importância à aplicação da regra, conforme evidenciam os pesos relativos .72 (ao nível fundamental de escolaridade) e .22 (ao nível superior). Esse resultado vem fortalecer a hipótese de que a escola é, no solo mineiro, um importante veículo difusor do subjuntivo, tendo em vista que este atualmente não se encontra tão presente no processo natural de aquisição da linguagem.

A variável *faixa etária*

Esse grupo geralmente é considerado visando verificar, com base em tempo aparente, se um dado fenômeno variável apresenta característica de estável ou apresenta indícios de mudança em curso (cf. LABOV, 1992). O estudo da mudança no tempo aparente está baseado no postulado de que por meio de cada geração pode-se detectar um estágio de um língua, sendo que os grupos etários mais jovens tendem a introduzir novas variantes as quais tendem a substituir as correspondentes utilizadas pela faixa etária mais avançada. Essa pressuposição se pauta na hipótese clássica que “prevê que o processo de aquisição da linguagem se encerra mais ou menos na puberdade, estabilizando-se a partir desse momento ou, pelo menos, não sofrendo modificações significativas a partir de então.” (PAIVA & DUARTE, 2002, p. 14).

Evidenciam os números da Tabela 18, a seguir, que na faixa etária mais jovem utiliza-se mais o presente do subjuntivo (80,8%) do que da variante inovadora, a qual é mais utilizada por falantes da faixa etária mais avançada.

Assim, tendo em vista os números, não se confirma a hipótese de que as formas do presente do indicativo estejam ocupando os espaços da variante presente do subjuntivo. Corroborando, assim, a irrelevância desse grupo de fatores à aplicação da regra, o *GoldVarb* não o selecionou como importante.

Tabela 18: Atuação da variável *faixa etária* na ocorrência do presente do indicativo (X presente do subjuntivo) em completivas de Muriaé-MG

Faixa Etária	Ocorrência/Total	Percentual
I (22 a 30)	5 /26	19,2%
II (52 a 60)	18/56	32,1%
Total	23/82	28%

A variável sexo/gênero

Ao considerar esse grupo de fatores, pretende-se verificar se o fator *sexo/gênero* do falante apresenta-se como relevante, uma vez que o mesmo poderá apresentar características de um dado fenômeno, como por exemplo, se uma dada variante apresenta prestígio ou se não apresenta estigma social, ela tende aparecer com mais frequência na fala de mulheres.

Vê-se na Tabela 19, a seguir, que o uso da variante não-padrão aparece com maior frequência na fala de mulheres do que de homens. Assim enquanto as mulheres realizam o presente do indicativo em 42% os homens realizam em 12%. Pode-se inferir, por meio da atuação desse grupo de fatores, que a variante não-padrão não é portadora de avaliação social negativa, ou seja, não possui estigma social. Isso vem corroborar a hipótese de que a aplicação da regra por muriaeenses se caracteriza um processo natural, uma vez que o emprego do

presente do indicativo é um evento natural e, como tal, a esse não é atribuído juízo de valor.

Tabela 19: Atuação da variável *sexo/gênero* na ocorrência do presente do indicativo (X presente do subjuntivo) em completivas de Muriaé-MG

Sexo/gênero	Ocorrência/Total	Percentual	Peso Relativo
Feminino	18/42	42,9%	.69
Masculino	5/40	12,5%	.28
Total	23/82	28%	

Em outras palavras, considerando que uma variante inovadora tende aparecer mais na fala de mulheres quando não apresenta estigma, ou também quando exibe certo prestígio social (cf. LABOV 1966 [1972]), sustenta-se o argumento de que o fato de a variante inovadora aparecer com mais freqüência na fala de mulheres pode estar sinalizando que a mesma não possui um caráter negativo na avaliação da comunidade. Mas, acredita-se que seja mais coerente o argumento de que para os falantes mineiros a ocorrência do presente do indicativo em contexto de subjuntivo seja tão natural que acaba não sendo percebida pelos falantes, a menos que estes tenham um nível de escolaridade mais avançado.

De acordo com o que demonstram as Tabelas 13, 14 & 15 apresentadas acima, o uso da variante não-padrão *presente do indicativo*, na terra mineira, apresenta-se mais freqüente na fala de mulheres com nível de escolaridade menos elevado.

3.3.1.1.3. Cruzamento de variáveis sociais

Buscando uma melhor caracterização da atuação conjunta desses fatores sociais, procedem-se a cruzamentos das variáveis sociais consideradas nesse estudo.

Tabela 20: Cruzamento de variáveis sociais no uso do presente do indicativo (X presente do subjuntivo) em completivas de Muriaé-MG

Escolaridade & Faixa etária	Escolaridade & sexo/gênero	Gênero/sexo & Faixa etária
F1 – 33% (2/6)	FM – 25% (3/12)	M1 – 23% (2/17, .66)
F2 – 45% (18/40)	FH – 43,75% (7/16)	M2 – 56% (14/25, .71)
S1 – 15% (2/20)	SM – 0% (0/2)	H1 – 11% (1/9, .41)
S2 – 0% (0/16)	SH – 4,8% (1/21)	H2 – 12% (4/31, .28)

Vê-se, então, de acordo com a Tabela 20 que, em contexto de sentenças completivas, o uso do presente do indicativo prevalece entre os muriaeenses: menos escolarizados, sobretudo os da faixa etária mais elevada, (cf. primeira coluna, 45% & 33%); portadores de nível de escolaridade mais baixo, principalmente em se tratando do sexo feminino (cf. segunda coluna, 43,75% e 25%); do sexo feminino que se inserem na faixa etária mais avançada (cf. terceira coluna, 56% e 23%).

Contudo, em relação a rodada do *GoldVarb* apenas foi possível com os fatores apresentados em relação ao cruzamento *gênero/sexo & faixa etária* (cf. na terceira coluna), por ocorrerem nocautes nos cruzamentos das duas colunas anteriores (0% de uso do presente do indicativo entre os mais velhos de nível superior & também 0% entre os homens portadores do nível superior. Assim sendo, considerando o cruzamento das variáveis *gênero/sexo & nível de escolaridade* foram atribuídos pelo *GoldVarb* os seguintes pesos relativos

significativos: .71 entre as mulheres com mais idade e .66 entre mulheres mais novas.

3.3. 1.2. Estrutura alternativa & presente do subjuntivo

Conforme exposto nos capítulos 1, o subjuntivo é tradicionalmente tido como o modo da expressão de modalidades que expressam os universos epistêmicos e deônticos: como, *hipótese, dúvida, necessidade/obrigação, possibilidade/probabilidade, ordem, pedido* etc. Entretanto, a língua oferece outros mecanismos para expressão dessas modalidades típicas, os quais são denominados por Alves (2006, 2007 2008) de estruturas alternativas e que se caracterizam variantes lingüística, ocorrendo, assim, com formas do subjuntivo e formas do indicativo.

3.3. 1.2.1. Atuação de variáveis estruturais

A variável *modalidade*

Esses outros mecanismos, aqui denominados de *estruturas alternativas*, co-ocorrerem com o subjuntivo, expressando, assim, diversos tipos de modalidades, como evidenciam os exemplos:

(112) Modalidade necessidade/obrigação

- a. Eu **tenho que ensinar** separado[MU01SI] (alternativa)
- b.[Você **tem que ser** excelente], prá ser reconhecido no mercado... [MU01SI] (alternativa)
- c. Eu aconselho que esses pais **continuem** acompanhando o estudo (subjuntivo)

(113) Modalidade possibilidade/probabilidade

- a. Você vai separar algumas, [porque não **pode por** certas na máquina] [MU08JC] (alternativa)

b. Prá ser reconhecido na profissão, você não **pode ser** mais ou menos, ... [MU01SI] (alternativa)

c. Pode ser que [eu **tenha** ido] no dia que o povo não tava (subjuntivo)

(114) **Modalidade volição**

a. Eu não vou deixar [isso me **atingir** lá dentro][MU01SI] (alternativa)

b. Eu não vou deixar [esse homem **apresentar** minha quadrilha] [MU01SI] (alternativa)

c. Normalmente eu só peço a Deus [que **dê** a saúde]. (subjuntivo)

Conforme fica evidente anteriormente (em 3.2.1.1.1), se considera o grupo de fatores modalidade verbal para testar a hipótese de que esse grupo de fatores está influenciando no uso do presente do indicativo.

Tabela 21: Consideração da variável *modalidade verbal* na ocorrência de estrutura alternativa (X presente do subjuntivo) em completivas de Muriaé-MG.

Modalidade	Ocorrência/Total	Percentual
Necessidade	153/162	94,4%
Possibilidade	21/25	84%
volição	35/81	43%

Tabela 22: Consideração da variável *modalidade verbal* na ocorrência de estrutura alternativa (X presente do subjuntivo) em completivas de Feira de Santana-BA.

Modalidade	Ocorrência/Total	Percentual
Necessidade	203/220	92,3%
Possibilidade	47/51	92,2%
Volição	26/119	21,8%

É visível, nas Tabelas 21 e 22, certa similaridade nos índices de ocorrência do presente do indicativo nos dados de ambas as localidades: realiza-se menos a estrutura alternativa em contexto de modalidade *volição* e mais nos outros dois contextos. Assim, com bases nesses percentuais pode-se considerar válida a hipótese que motiva a utilização desse grupo de fatores, segundo a qual o uso de uma dada forma estaria sendo influenciado pelo tipo de modalidade verbal expresso na sentença matriz.

A variável *tipo de oração*

Pode-se observar com as Tabelas 23 e 24, a seguir, que o uso de estruturas alternativas tem, em ambos os locais, o contexto de *subjativa* como favorecedor. Entretanto, não há similaridade nas ocorrências nos contextos de *completiva nominal* e de *objetiva direta*: em Muriaé-MG, 50% e 42,2% e em Feira de Santana-BA, 60% e 19%. Com base nesses percentuais retirados dos arquivos de células sustenta-se que o fator tipo de oração apresenta-se relevante ao uso da estrutura alternativa, sobretudo, tendo por base as ocorrências quase categóricas em contexto de *subjativa* nos dois locais considerados.

Tabela 23: Consideração da variável *tipo de oração* na ocorrência de estrutura alternativa (& presente do subjuntivo) em completivas de Muriaé-MG

Oração	Ocorrência/Total	Percentual
Objetiva	35/83	42,2%
Completiva nominal	1/2	50%
Subjetiva	173/183	94,5%

Tabela 24: Consideração da variável *tipo de oração* na ocorrência de estrutura alternativa (& presente do subjuntivo) em completivas de Feira de Santana-BA

Oração	Ocorrência/Total	Percentual
Objetiva	22/116	19%
Completiva nominal	3/5	60%
Subjetiva	251/269	93,3%

3.3.1.2.2. Atuação de *variáveis sociais*

O fator nível de escolaridade

O grupo de fatores *nível de escolaridade*, como se expôs em (5.2.1.1.2) está sendo considerado para testar a hipótese de que o nível de escolaridade exerce influência quanto ao uso da estrutura alternativa. Ao assumir essa hipótese, presume-se que em Muriaé-MG, diferentemente de Feira de Santana-BA, o nível de escolaridade fundamental realiza mais as estruturas alternativas e, em contrapartida, o falante nível superior realiza mais o presente do subjuntivo. Acredita-se também que os feirenses realizam as alternativas em índice inferior aos falantes muriaeenses, uma vez que o uso das alternativas para os muriaeenses, diferentemente de para os feirenses, representam um recurso, mesmo que inconsciente, para não usar uma construção com a qual não está naturalmente familiarizado, tendo em vista que o fenômeno se encontra tão avançado no solo mineiro que não é muito familiar a esses falantes, salvo àqueles que possuem um nível de escolaridade mais avançado.

As Tabelas 25 e 26, a seguir, apresentam ocorrências de estruturas alternativas. Nessas Tabelas fica evidente que, em Muriaé-MG, a estrutura

alternativa ocorre em maior índice por falantes de nível fundamental (84,8% X 66%), configurando-se, assim, 19 pontos percentuais para menos na realização por falantes de nível superior. Entretanto em Feira de Santana-BA, vê-se certa similaridade nos índices: 72% (nível alto) X 74% (nível baixo). Tendo em vista esses percentuais, tem-se base para confirmar a hipótese que motiva a utilização desse grupo de fatores.

Tabela 25: Consideração da variável *nível de escolaridade* na ocorrência de estrutura alternativa (& presente do subjuntivo) em completivas de Muriaé-MG.

Escolaridade	Ocorrência/Total	Percentual
Fundamental	145/171	84,8%
Superior	64/97	66%

Tabela 26: Consideração da variável *nível de escolaridade* na ocorrência de estrutura alternativa (& presente do subjuntivo) em completivas de Feira de Santana-BA.

Escolaridade	Ocorrência/Total	Percentual
Fundamental	154/208	74%
Superior	131/182	72%

Defende-se aqui que o fato de esse grupo de fatores só evidenciar relevância em dados de Muriaé-MG só vem fortalecer os seguintes argumentos: muriaeenses contam com um nível mais alto de escolaridade para realizar mais o subjuntivo, enquanto feirenses realizam o subjuntivo independentemente do nível de escolaridade, uma vez que esse modo verbal faz naturalmente parte do dialeto baiano.

A variável *faixa etária*

Considera-se esse grupo de fatores para verificar, com base no tempo aparente (cf. LABOV, 1992), se o fenômeno em estudo está estável ou apresenta-se em processo de mudança.

Tabela 27: Consideração da variável *faixa etária* na ocorrência de estrutura alternativa (& presente do subjuntivo) em completivas de Feira de Santana-BA

Faixa Etária	Ocorrência/Total	Percentual
Faixa I (22 a 30)	159/204	78%
Faixa II (52 a 60)	117/186	62,9%

Tabela 28: Consideração da variável *faixa etária* na ocorrência de estrutura alternativa (& presente do subjuntivo) em completivas de Muriaé-MG

Faixa Etária	Ocorrência/Total	Percentual
Faixa I (22 a 30)	120/141	85,1%
Faixa II (52 a 60)	89/127	70,1%

As Tabelas 27 e 28 mostram que, nas duas localidades, a faixa etária 2 (constituída por falantes mais velhos) realiza menos a variante estrutura alternativa do que a faixa 1 (constituída por falantes mais novos). Assim em termos percentuais, pode-se dizer que a margem de diferença entre as faixas etárias das duas localidades (de 15 pontos percentuais) fornece argumento para cogitar que o fenômeno variável esteja em curso de mudança. Em outras palavras, a realização da estrutura alternativa em 15% a mais pelos falantes mais jovens,

poderá dar margem a interpretar que essa variante esteja substituindo a forma concorrente *presente do subjuntivo*.

A variável *sexo/gênero*

Com base em Labov (1972), adota-se a hipótese de que uma dada forma costuma ser mais freqüente na fala de mulheres quando não é desprestigiada. Tendo em vista que a variante *presente do subjuntivo* muitas vezes é interpretada como 'pesada' e 'malsoante', assume-se que a variante *estrutura alternativa* seja portadora de certo nível de prestígio social.

Os números nas Tabelas 29 e 30 mostram oposição nos percentuais das duas localidades consideradas: as estruturas alternativas estão mais presentes na fala de mulheres muriaeenses e de homens feirenses. Assim, apenas com base em dados de Muriaé-MG, pode-se confirmar a hipótese de que as alternativas exibem certo prestígio social.

Tabela 29: Consideração da variável *sexo/gênero* na ocorrência de estrutura alternativa (& presente do subjuntivo) em completivas de Muriaé-MG.

Sexo/Gênero	Ocorrência/Total	Percentual
Feminino	126/150	84%
Masculino	83/118	70,4%

Tabela 30: Consideração da variável *sexo/gênero* na ocorrência de estrutura alternativa (& presente do subjuntivo) em completivas de Feira de Santana-BA

Sexo/Gênero	Ocorrência/Total	Percentual
Feminino	123/198	62,1%
Masculino	143/179	79,9%

3.3.2. Sentenças adverbiais

Foram analisadas 721 ocorrências de adverbiais, sendo que 334 de Feira de Santana-BA e 387 de Muriaé-MG. Na Tabela 31, são apresentadas, em ambas as cidades, as ocorrências das três formas, sendo que as estruturas alternativas lideram em mais de 80%. Seguem alguns exemplos:

(115) **Variante Subjuntivo**

- a. Eu quero [que meu filho **tenha** uma direção]. [FS12UD]
- b. Vou direcioná-lo [para que ele **tenha** uma qualidade de vida boa]. [FS05EV]

(116) **Variante indicativo**

- a. [Apesar de que nós **temos** alcançado muita coisa], precisamos ... [FS07ED]
- b. Quero levar as coisas á sério [não porque a igreja **determina**], mas porque ... [FS07ED]

(117) **Estrutura alternativa**

- a. [Os filhos **devem escolher** a profissão] sem interferência dos pais porque aí eles vão fazer o melhor para eles. [FS05EV]
- b. Os filhos **devem escolher** ... [sem a interferência dos pais] ... [FS05EV]

Tabela 31: Expressão das modalidades típicas do subjuntivo em adverbiais de Muriaé-MG e de Feira de Santana-BA

Formas	Muriaé-MG	Feira de Santana-BA
Alternativa	336 (86,9%)	272 (81,4%)
Indicativo	11 (2,8%)	2 (0,6%)
Subjuntivo	40(10,3%)	60 (18%)
Total	387	334

3.3.2.1. Presente do indicativo X presente do subjuntivo

Não foi possível desenvolver análise em nível multidimensional com as ocorrências do presente do indicativo nas adverbiais, uma vez que o arquivo de células apresenta muitas ocorrências categóricas (nocautes) por haver poucas realizações, as quais são 2 nos dados de Feira de Santana-BA, que estão no exemplo (120) e 11 nos de Muriaé-MG, que estão em (121).

Entretanto essas ocorrências podem ser observadas na interessante ótica do universo total da co-ocorrência *indicativo/subjuntivo*, conforme a qual os seguintes resultados são apresentados: considerando o universo de 51 ocorrências nos dados mineiros, tem-se o percentual de 23,7% (11 casos) do uso do presente do indicativo; levando em consideração o total de 60 casos nos dados da Bahia, detecta-se o percentual de 3,3% de ocorrência do presente do indicativo. Com base nesses números já se pode considerar válida a hipótese de que o fenômeno do não-uso do subjuntivo encontra-se em estágio mais avançado entre os mineiros. É justamente procurando corroborar ou invalidar essa hipótese que se segue procurando verificar o que apontam as variáveis estruturais e sociais consideradas.

(118)

- a. [Apesar de que nós **temos** alcançado], precisamos ... [FS07ED]
- b. Quero levar as coisas á sério [não porque a igreja **determina**], mas ... [FS07ED]

(119)

- a. Trabalhar é bom [para que você **distrai**]. [MU11CC]
- b. Vá passear no final de semana [pra que você **areja** um pouco]. [MU11CC]
- c. É bom ir participar na Câmara, [embora a gente não **pode** ir nenhum vereador, ...] [MU04JO]
- d. [Embora a comunidade não **pode** elogiar nenhum vereador], é importante participar. [MU04JO]
- e. [Embora que este partido não **existe** aqui em Muriaé], eu vou me filiar a ele. [MU04JO]
- f. [Embora que no Plenário da Câmara a gente não **pode** manifestar], mas é bom participar das sessões. [MU04JO]

- g. [Mesmo que ele **quer** ser motorista], ele tem que ter o segundo grau [MU05CL]
- h. [Apesar de que eu **converso** muito com meus alunos], eles ainda tem muita dúvida. [MU06EL]
- i. [Apesar de que ele ainda **tem** esse processo hoje], ele pode ser prefeito.[MU04JO]
- j. [Apesar [DE] que **resiste** bem], deve ter cuidado.[MU09WA]
- l. [Apesar de que eu **tô** com o segundo grau só], eu acho o estudo muito importante hoje. [MU005CL]

Nos exemplos em (120) estão as duas únicas ocorrências de indicativo realizadas em Feira de Santana-BA, as quais expressam respectivamente as idéias de concessão e de causa. Nos exemplos em (121) encontram-se todas as ocorrências de indicativo em dados de Muriaé-MG. É visível que expressam basicamente dois tipos de ideia: de finalidade (121a, 121b); e de concessão (121c – l).

Assim, nestes exemplos esgotam-se todas as ocorrências em contexto de adverbiais, as quais, conforme se pode observar, se resumem aos contextos de finalidade e concessão. Sendo que, as que expressam idéia de concessão constituem 9 das 11 ocorrências registradas em Muriaé-MG, isto é, em torno de 90% das ocorrências. Sendo assim, pode-se afirmar que o fator *tipo de conjunção*, se caracteriza relevante ao uso do presente do indicativo em Muriaé-MG. Essa afirmação só não pode ser testada sob a análise multidimensional, por decorrências de nocautes em arquivo de células.

3.3.2.1.1. Cruzamento de variáveis sociais

Embora as ocorrências dos arquivos de células não tenham sido apresentadas, é proveitoso apresentar os resultados provenientes de cruzamentos de variáveis sociais para, assim, caracterizar os contextos de ocorrências de uso do presente do indicativo. Assim sendo, seguem os resultados na tabela abaixo:

Tabela 32: Cruzamento de variáveis sociais no uso do presente do indicativo (X presente do subjuntivo) em adverbais de Muriaé-MG

Escolaridade & Faixa etária	Escolaridade & Sexo/gênero	& Gênero/sexo & Faixa etária
F1 – 33,3% (2/6)	FM – 25% (3/12)	M1 – 37,7% (3/8)
F2 – 45% (18/40)	FH – 43,75% (7/16)	M2 – 0% (0/6)
S1 – 15% (3/20)	SM – 0% (0/2)	H1 – 24% (6/25)
S2 – 0% (0/16)	SH – 4,8% (1/21)	H2 – 16,7% (2/12)

Conforme mostra a Tabela 32, os seguintes resultados foram encontrados nas adverbais de Muriaé-MG: em relação ao cruzamento das variáveis *nível de escolaridade* e *faixa etária*, o uso do presente do indicativo registra maior frequência com falantes de menor nível de escolaridade, principalmente na fala dos mais velhos, (cf. primeira coluna da referida Tabela, 45% e 33,3%); Em se tratando do cruzamento das variáveis *nível de escolaridade* e *sexo/gênero*, o maior índice de formas do presente do indicativo realiza-se na fala dos menos escolarizados, sobretudo na dos homens (cf. segunda coluna, 43,75% e 25%); considerando o cruzamento das variáveis *gênero/sexo* e *faixa etária*, apresenta-se maior índice de uso do presente do indicativo na fala dos mais novos, principalmente na das mulheres (cf. terceira coluna, 37% e 24%). O *GoldVarb* não aponta como relevante a atuação de nenhum grupo de fatores gerado a partir desses cruzamentos realizados, por isso, não se extraiu peso relativo.

3.3.2.2. Estrutura alternativa & presente do subjuntivo

3.3.2.2.1. Atuação da variável estrutural *tipo de conjunção*

Considera-se esse grupo de fatores para testar a hipótese de que o tipo de conjunção pode estar influenciando na expressão de modalidades típicas do subjuntivo. Sendo assim, assume-se que a realização da estrutura alternativa pode estar sendo sensível ao fator tipo de conjunção em contexto de sentenças adverbiais. Esse grupo de fatores já vem sendo testado em relação ao uso de indicativo por subjuntivo em sentenças adverbiais (cf. BARRA ROCHA, 1992; BIANCHET, 1996; ALVES NETA, 2000, dentre outros).

Foram detectadas alternativas com diversos tipos de conjunção ou ideia: a saber: causa/ consequência; finalidade; condição; tempo; concessão:

(120) **Causa /conseqüência**

a. A estrutura do país não tem feito [esse povo **usufruir** dessa riqueza].[FS05ED]

(121) **Finalidade**

a. É bom ter concursos [prá **dar** oportunidades a muitos]. [FS11TS]

b. Provavelmente eu dê entrada na aposentadoria [para **descansar** um pouquinho]. [FS11TS]

(122) **Condição**

a. [Se você **tiver** fome], você vá comer. [FS12UD]

b. [Se não **comer**], não está com fome. [FS12UD]

(123) **Tempo**

a. Os filhos têm que se preparar, [enquanto os pais **estiverem** com vida]. [FS03CL]

(124) **Concessão**

a. [Mesmo **sendo** leigo] eu tenho que enxergar os dois lados. [FS05EV]

Tabela 33: Consideração da variável *tipo de conjunção* na ocorrência da estrutura alternativa (& presente do subjuntivo) em adverbiais de Muriaé-MG

Conjunção	Ocorrência/Total	Percentual
Causal/consecutiva	15/22	68,2%
Final	165/174	94,8%
Condicional	137/142	96,5%
Temporal	5/9	55,6%
Concessiva	14/29	48,3%

Tabela 34: Consideração da variável *tipo de conjunção* na ocorrência da estrutura alternativa (& presente do subjuntivo) em adverbiais de Feira de Santana-BA

Conjunção	Ocorrência/Total	Percentual
Causal/consecutiva	4/13	30,8%
Final	130/176	73,9%
Condicional	128/128	100%
Temporal	2/3	66,7%
Concessiva	8/12	66,7%

Tendo em vista as ocorrências dessas variantes nos arquivos de células, apresentam-se as Tabelas 33 e 34, em que se observam diversidades nas freqüências das estruturas alternativas, exceto em contexto de condicional. Com esse tipo de adverbial, são registradas 96,5% em Muriaé-MG e 100% em Feira de Santana-BA.

Vê-se que, nos dados de Muriaé-MG, as ocorrências das estruturas alternativas lideram em contexto de condicionais e finais. As mesmas palavras podem ser aplicadas quanto às ocorrências em dados de Feira de Santana-BA.

3.3.2.2.2. Atuação de variáveis sociais

A variável *nível de escolaridade*

Tabela 35: Consideração da variável *nível de escolaridade* na ocorrência da estrutura alternativa (& presente do subjuntivo) em adverbiais de Muriaé-MG

Escolaridade	Ocorrência/Total	Percentual
Médio	217/235	92,3%
Superior	119/141	84,4%

Tabela 36: Consideração da variável *nível de escolaridade* na ocorrência da estrutura alternativa (& presente do subjuntivo) em adverbiais de Feira de Santana-BA

Escolaridade	Ocorrência/Total	Percentual
Médio	137/161	85,1%
Superior	137/173	79,2%

Nas Tabelas 35 e 36, vê-se que o nível escolaridade mais baixo realiza mais a estrutura alternativa tanto em Muriaé-MG (92,3% X 84,4%) quanto em Feira de Santana-BA (85,1% X 79,2%). Assim, registrou-se, nos dados mineiros, diferença de 8 pontos percentuais e nos dados baianos, diferença de 6 pontos. Entretanto, vê-se que nos dados de Minas Gerais esses percentuais não fornecem

margem diferencial suficiente a ponto de que se confirme a hipótese que justifica a utilização desse grupo de fatores, segundo a qual, a estrutura alternativa seria utilizada em maior escala nos dados mineiros por falantes de menor nível de escolaridade, sinalizando, assim, a pouca intimidade desses com o uso de estruturas em que aparecessem formas verbais no presente do subjuntivo.

A variável *faixa etária*

Tabela 37: Consideração da variável *faixa etária* na ocorrência da estrutura alternativa (& presente do subjuntivo) em advérbios de Muriaé-MG

Faixa Etária	Ocorrência/Total	Percentual
Faixa I (22 a 30)	155/179	86,6%
Faixa II (52 a 60)	181/197	91,9%

Tabela 38: Consideração da variável *faixa etária* na ocorrência da estrutura alternativa (& presente do subjuntivo) em advérbios de Feira de Santana-BA

Faixa Etária	Ocorrência/Total	Percentual
Faixa I (22 a 30)	128/162	79%
Faixa II (52 a 60)	146/172	84,9%

De acordo com os números das Tabelas 37 e 38, são registrados 5,3 pontos percentuais de diferença entre os níveis de cada localidade. Vê-se então que, com base na abordagem em tempo aparente, não se têm pistas de que a

estrutura alternativa esteja substituindo o uso do subjuntivo, uma vez que é o grupo de falantes mais velhos que a utiliza.

A variável *sexo/gênero*

Tabela 39: Consideração da variável *sexo/gênero* na ocorrência da estrutura alternativa (& presente do subjuntivo) em advérbios de Muriaé-MG

Sexo/Gênero	Ocorrência/Total	Percentual
Feminino	155/166	93,4%
Masculino	181/210	86,2%

Tabela 40: Consideração da variável *sexo/gênero* na ocorrência da estrutura alternativa (X presente do subjuntivo) em advérbios de Feira de Santana-BA

Sexo/Gênero	Ocorrência/Total	Percentual
Feminino	135/162	83,3%
Masculino	139/172	80,8%

Fica evidente nas Tabelas 39 e 40 que o uso de estruturas alternativas predomina na fala das mulheres nas duas localidades. Porém, enquanto Muriaé-MG revela uma margem de diferença de 7,2 pontos entre os sexos/gêneros, Feira de Santana-BA revela de 2,5 pontos. Essas margens diferenciais a favor das mulheres, em ambos os locais, não apresentam significância por serem pouco expressivas (inferior a 10%). Entretanto, se essas margens fossem iguais ou superiores a 10% poderiam estar sinalizando que a estrutura alternativa não porta estigma social, ou até mesmo, que ela é um mecanismo de fuga ao uso do subjuntivo, uma vez que essa forma verbal é tida como ‘pesada’ e ‘malsoante’.

3.3.3. Sentenças relativas

As relativas totalizam 182 ocorrências, sendo, coincidentemente, 91 de cada localidade. Essas ocorrências se manifestaram com as três formas em estudo, como se demonstra na Tabela 41 mais adiante.

Ao observar os exemplos 125 e 126, a seguir, é relevante a seguinte questão: tendo em vista que há uma diferença semântica motivada pelo emprego do presente do indicativo ou do presente do subjuntivo, é possível pensar em variação? De fato, existe a possibilidade dos dois empregos, (cf. capítulo 1), entretanto de acordo com o exposto no capítulo 2 a respeito dos grupos de fatores, seriam consideradas apenas as relativas em contexto de existência possível. Dessas, seriam analisados dois níveis de modalidade (*mais próximo do real & mais próximo do possível*). Como então avaliar seguramente se o ambiente expressa a modalidade existência real ou possível? Isso é verificável, certamente, com as pistas que o contexto como um todo (trecho em que a sentença está inserida) pode oferecer.

(125) Variante Subjuntivo

- a. Eu quero alugar uma casa [onde não **tenha** nada]. [MU02TF]
- b. Procuo alguém [que também **goste** de liberdade]. [MU02TF]

(126) Variante indicativo

- a. Eu adoto tudo [que não **vai agredir** a criança]. [MU01SI]
- b. Eu gosto [do que **dá** resultado]. [MU01SI]

(127) Estrutura alternativa

- a. O [que você **quiser fazer**] para melhorar você pode fazer! [UM01SI]
- b. Eu vou apoiar tudo [que o professor **precisar**] para desenvolver um bom trabalho. [MU06EL]

Tabela 41: Expressão das modalidades típicas do subjuntivo em relativas de Muriaé-MG e de Feira de Santana-BA

Variante	Muriaé-MG	Feira de Santana-BA
Alternativa	13 (14,3%)	16 (17,5%)
Indicativo	58 (63,7%)	40 (44%)
Subjuntivo	20(22%)	35 (38,5%)
Total	91	91

Vê-se que não é muito recorrente o uso das estruturas alternativas nas duas localidades. Tendo em vista o universo da co-ocorrência *indicativo/subjuntivo*, do total de 78 casos, foram detectados 58 do presente do indicativo nos dados mineiros, número que representa 74,4% das ocorrências; de um total de 75 casos nos dados baianos, 40 se manifestam por meio do uso do presente do indicativo, número que totaliza 53,3% das ocorrências. É visível, então, que é bem mais acentuado o uso da variante *presente do indicativo* na cidade mineira. Assim sendo, atesta-se também, em contexto de sentença relativa, a validade da hipótese de que o uso de formas do presente do subjuntivo, representando o fenômeno *evite o subjuntivo*, apresenta-se em etapa mais evoluída de variação entre os mineiros do que entre os baianos.

3.3.3.1. Presente do indicativo X presente do subjuntivo

Não se registrou nocaute algum nos arquivos de células, sendo, com isso, possível a submissão desses dados ao *GoldVarb*. Considerando as ocorrências nos dados mineiros, apresenta-se um nível de significância .024, registra-se um input inicial de .74 de aplicação da regra (presente do indicativo). Com os dados

baianos, o nível de significância apresentado é de .036 e o input inicial de aplicação da regra é de .53. O referido programa considerou relevante a atuação dos seguintes grupos de fatores: *faixa etária* e *sexo/gênero* (nessa ordem) em dados de Muriaé-MG; *animacidade do antecedente* e *nível de referência do antecedente* em dados de Feira de Santana-BA.

3.3. 3.1.1. Atuação de variáveis estruturais

A variável *nível de referência do antecedente*

Tabela 42: Atuação da variável *nível de referência do antecedente* no uso do presente do indicativo (X presente do subjuntivo) em relativas de Muriaé-MG

Nível de referência do antecedente	Ocorrência/Total	Percentual
Genérico	32/46	69,6%%
Indefinido	25/31	80,6%

Tabela 43: Atuação da variável *nível de referência do antecedente* no uso do presente do indicativo (X presente do subjuntivo) em relativas de Feira de Santana-BA

Nível de referência do antecedente	Ocorrência/Total	Percentual	Peso Relativo
Genérico	10/30	33,3%	.34
Indefinido	30/45	66,6%	.61

Os números das Tabelas 42 e 43, ao exibir o desempenho do grupo de fatores *nível de referência do antecedente*, evidenciam a relevância do referente tipo *indefinido* no uso da variante *presente do indicativo* tanto em dados

muriaeenses quanto em feirenses (80,6% & 66,6%). O *GoldVarb* considera relevante a atuação desse grupo de fatores apenas nos da Bahia, atribuindo, assim, os pesos relativos .61 (favorecedor) ao contexto de relativas com nível de referência *indefinido* e .34 (desfavorecedor) as relativas em contexto de nível de referência *genérico*. Vê-se então que as relativas que exibem nível de referência do tipo indefinido, ou seja, as que expressam um nível de modalidade mais próximo do real, favorecem ao uso de formas do presente do indicativo. Assim sendo, corrobora-se a validade da hipótese que motiva a utilização desse grupo de fatores.

A variável *animacidade do antecedente*

Tabela 44: Atuação da variável *animacidade do antecedente do pronome relativo* no uso do presente do indicativo (X presente do subjuntivo) em relativas de Muriaé-MG

Animacidade	Ocorrência/Total	Percentual
Animado	40/53	75,8%
Inanimado	18/25	72%

Tabela 45: Atuação da variável *animacidade do antecedente do pronome relativo* no uso do presente do indicativo (X presente do subjuntivo) em relativas de Feira de Santana-BA

Animacidade	Ocorrência/Total	Percentual	Peso Relativo
Animado	37/58	63,8%	.61
Inanimado	3/17	17,6%	.19

De acordo com os números expostos nas Tabelas 44 e 45, foram encontrados os seguintes resultados na atuação da variável *animacidade do antecedente do pronome relativo*: em contexto de antecedente animado, o uso do presente do indicativo predomina nas duas localidades (75,8% e Muriaé-MG e 63,8% em Feira de Santana-BA). Entretanto, para os muriaeenses as relativas de antecedente inanimado também se revelam ambientes muito favoráveis ao uso do presente do indicativo (72%). Ao contrário do que se espera ao levantar hipótese sobre a atuação desse grupo de fatores, o GoldVarb seleciona (como ambiente favorecedor ao uso do presente do indicativo) os contextos em que o antecedente do pronome relativo são do tipo animado, com o peso relativo .61 (favorecedor) e peso relativo .19 (desfavorecedor).

A variável *conjugação verbal*

Tabela 46: Atuação da variável *conjugação verbal* no uso do presente do indicativo (X presente do subjuntivo) em relativas de Muriaé-MG

Conjugação verbal	Ocorrência/Total	Percentual
Primeira	29/33	78,8%
Segunda	26/38	68,4%
Terceira	3/5	60%

Tabela 47: Atuação da variável *conjugação verbal* no uso do presente do indicativo (X presente do subjuntivo) em relativas de Feira de Santana-BA

Conjugação verbal	Ocorrência/Total	Percentual
Primeira	20/33	60,6%
Segunda	19/32	59,4%
Terceira	1/10	10%

É visível nas Tabelas 46 e 47 o que pode ser descrito nas seguintes palavras: o uso da variante *presente do indicativo* prevalece sobre o uso do *presente do subjuntivo* tanto com verbos da primeira conjugação quanto com da segunda nas duas localidades em estudo. Entretanto, nos dados de Minas Gerais, os verbos de primeira conjugação apresentam-se muito mais favorecedores ao uso da referida variante, tendo em vista que a margem diferencial é de em torno de 10% de uso, como se vê nos seguintes percentuais: 78,8% X 68,4%, respectivamente em contextos de primeira e de segunda conjugação. Em relação ao uso da variante em foco (*presente do indicativo*) em contexto de terceira conjugação, percebe-se significativa freqüência nos dados mineiros (apesar das poucas ocorrências no geral) e baixa ocorrência nos dados da cidade baiana. Vê-se, então, que não só a primeira conjugação revela-se ambiente favorecedor do uso de formas do presente do indicativo. Sendo assim, não se encontra muito fundamento para a comprovação da hipótese que motiva a utilização desse grupo de fatores, segundo a qual o uso de formas do presente do indicativo seria mais freqüente com verbos de primeira conjugação.

A variável *paradigma verbal*

Tabela 48: Atuação da variável *paradigma verbal* no uso do presente do indicativo (X presente do subjuntivo) em relativas de Muriaé-MG

Paradigma verbal	Ocorrência/Total	Percentual
Regular	49/64	76,6%
Irregular	9/14	64,3%

Tabela 49: Atuação da variável *paradigma verbal* no uso do presente do indicativo (X presente do subjuntivo) em relativas de Feira de Santana-BA

Paradigma verbal	Ocorrência/Total	Percentual
Regular	35/62	56,6%
Irregular	5/13	38,7%

É observável nas Tabelas 48 e 49, sobre a atuação da variável *paradigma verbal* nas relativas, o que pode ser exposto na seqüência: nas duas localidades, sobretudo em Muriaé-MG, o ambiente de verbos do tipo *regular* apresenta-se favorecedor ao uso da variável em foco, ou seja, de forma do presente do indicativo. Entretanto, na cidade mineira, o uso de forma do subjuntivo também ocorre em alta freqüência em contexto de verbo irregular, (64,3%). Vê-se, então, que esses resultados corroboram a hipótese que motiva a utilização desse grupo de fatores, segundo a qual os verbos regulares, por apresentarem saliência mais acentuada na oposição indicativo/subjuntivo, são contextos mais favoráveis para a ocorrência das formas do presente do indicativo.

3.3.3.1.2. Atuação de variáveis sociais

A variável *nível de escolaridade*

Pode-se observar nas Tabelas 50 e 51, a seguir, que, quanto ao grupo de fatores nível de escolaridade, os falantes muriaeenses e feirenses apresentam perfis muito diferentes de realização da variante não-padrão (presente do indicativo). Isso porque: em Muriaé-MG a variante é realizada em maior índice por falantes de nível de escolaridade mais avançado (79,5% X 69,2%); em Feira de Santana-BA essa variante apresenta maior índice de realização por falantes de menor nível de escolaridade (60,1% X 44,2%).

Tabela 50: Atuação da variável *nível de escolaridade* no uso do presente do indicativo (X presente do subjuntivo) em relativas de Muriaé-MG

Escolaridade	Ocorrência/Total	Percentual
Médio	27/39	69,2%
Superior	31/39	79,5%

Tabela 51: Atuação da variável *nível de escolaridade* no uso do presente do indicativo (X presente do subjuntivo) em relativas de Feira de Santana-BA

Escolaridade	Ocorrência/Total	Percentual
Médio	25/41	61%
Superior	15/34	44,2%

Esses percentuais contrariam, em parte, a hipótese de motiva a utilização desse grupo de fatores, conforme a qual, sobretudo na terra mineira, os falantes de menor nível de escolaridade apresentariam um índice mais elevado da variante não-padrão. Se assim o fosse, seria fortalecido o argumento de que a variante *presente subjuntivo* (padrão) teria o processo de aquisição sistemático, ou seja, escola, contato com leitura, etc. como favoráveis à sua difusão no solo mineiro. Todavia, diante desses números, pode-se ter a seguinte conclusão, a qual não chega a enfraquecer ou invalidar a hipótese acima citada: o uso da variante indicativo em relativas apresenta um perfil diferenciado do apresentado nos outros tipos de sentença, uma vez que nesse contexto só se mostra sensível ao fator nível de escolaridade menos avançado em dados de Feira de Santana-BA. Em Muriaé-MG, a importância desse grupo de fatores foi detectada pelo programa, com o favorecimento do peso relativo .67 (detectado na fala dos mais jovens) e o desfavorecimento de .33 (detectado na fala dos mais velhos).

A variável *faixa etária*

Tabela 52: Atuação da variável *faixa etária* no uso do presente do indicativo (X presente do subjuntivo) em relativas de Muriaé-MG

Faixa Etária	Ocorrência/Total	Percentual	Peso Relativo
Faixa I (22 a 30)	34/39	87,2%	.67
Faixa II (52 a 60)	24/39	61,5%	.33

Tabela 53: Atuação da variável *faixa etária* no uso do presente do indicativo (X presente do subjuntivo) em relativas de Feira de Santana-BA

Faixa Etária	Ocorrência/Total	Percentual
Faixa I (22 a 30)	20/32	62,5%
Faixa II (52 a 60)	20/43	46,5%

Vê-se, nas Tabelas 52 e 53, que os falantes mais jovens (faixa I) realizam em maior índice a variante *presente do indicativo*: 16 pontos a mais em dados de Feira de Santana e 25,7 pontos percentuais a mais em dados de Muriaé-MG. Vê-se que as ocorrências desses percentuais, os quais foram retirados do arquivo de células, fornecem a margem diferencial necessária por meio da qual se pode interpretar que esse grupo de fatores apresenta-se relevante aos dados das duas localidades.

Entretanto, para o *GoldVarb*, apenas se constitui relevante a atuação desse grupo de fatores em dados da cidade mineira, conforme marca a ocorrência do peso relativo .67 (faixa I) X .33 (faixa II). Destarte, considerando que os mais altos índices de uso da variante não-padrão se concentram na fala da faixa mais jovem, pode-se, com base em tempo aparente, inferir que essa variante esteja ocupando, no sistema lingüístico, o espaço de formas do presente do subjuntivo. Corrobora-se, portanto, a hipótese que motiva a utilização desse grupo de fatores.

A variável sexo/gênero

Ao considerar esse grupo de fatores, busca-se testar a hipótese de que a variante *presente do indicativo* apresenta realidades distintas em cada local considerado, isto é: em Muriaé-MG, diferentemente de Feira de Santana-BA, não

se caracteriza uma variante estigmatizada, sobretudo, por fazer parte do vernáculo. Nos dados de Muriaé-MG, o programa também considera esse grupo de fatores relevante, por decorrência da atuação altamente favorável de falantes do sexo feminino, como demonstram os seguintes pesos relativos: 76 (muito favorecedor) e .35 (desfavorecedor).

Tabela 54: Atuação da variável *sexo/gênero* no uso do presente do indicativo (X presente do subjuntivo) em relativas de Muriaé-MG

Sexo/Gênero	Ocorrência/Total	Percentual	Peso Relativo
Feminino	32/37	86,5%	.76
Masculino	26/41	63,4%	.35

Tabela 55: Atuação da variável *sexo/gênero* no uso do presente do indicativo (X presente do subjuntivo) em relativas de Feira de Santana-BA

Sexo/Gênero	Ocorrência/Total	Percentual
Feminino	9/22	40,9%
Masculino	31/53	58,5%

De acordo com as Tabelas 54 e 55, os dados de Muriaé-MG, diferentemente, dos de Feira de Santana-BA, revelam um maior índice de uso da variante não-padrão na fala das mulheres. Tendo em vista esses resultados, conforma-se a hipótese que motiva a utilização desse grupo de fatores, segundo a qual a variante não-padrão seria predominante na fala de mulheres da cidade mineira uma vez que nessa localidade a mesma faz parte do vernáculo e, conseqüentemente, não é portadora de avaliação social negativa. Em se tratando

do nível de análise multidimensional, o *GoldVarb* não seleciona esse grupo de fatores como relevante em nenhuma das localidades.

3.3.3.1.2.1. Cruzamento de variáveis sociais

Com a finalidade de uma melhor caracterização da atuação conjunta das variáveis sociais em contexto de relativas, foram realizados cruzamentos. Considerando que o *GoldVarb* apenas apontou como relevante a atuação dos grupo de fatores *faixa etária* e *sexo*, apenas esses foram submetidos ao cruzamento, conforme demonstra a seguinte tabela:

Tabela 56: Cruzamento de variáveis sociais no uso do presente do indicativo (X presente do subjuntivo) em relativas de Muriaé-MG

Escolaridade & Faixa etária	Escolaridade & Sexo/gênero	& Gênero/sexo & Faixa etária
F1 – 75% (12/16)	FM – 88,2% (15/17)	M1 – 95% (19/20, .83)
F2 – 65% (15/23)	FH – 54,5% (12/22)	M2 – 76% (13/17, .46)
S1 – 95,6% (22/23)	SM – 85% (17/20)	H1 – 79% (15/19, .50)
S2 – 56,3% (9/16)	SH – 73,7% (14/19)	H2 – 50% (11/22, .21)

De acordo com os números expostos na Tabela 56, a variante *presente do indicativo* em relativas de Muriaé-MG apresenta-se com mais frequência com: falantes da faixa etária 1, ou seja, falantes mais novos, sobretudo entre os portadores de nível superior, em que registram (95,6%) de ocorrência, (cf. evidencia a primeira coluna da referida Tabela); falantes do sexo feminino em que se marca pouca diferença entre os níveis de escolaridade – fundamental 88,2% & superior 85% (cf. o exposto na segunda coluna); falantes do sexo feminino na

faixa etária 1 em que se registra a freqüência quase categórica de 95%, (cf. a terceira coluna da tabela em foco).

O grupo constituído do cruzamento das variáveis *nível de escolaridade & faixa etária* não foi selecionado como relevante pelo *GoldVarb*, sendo assim, não se extrai peso relativo nesse grupo de fatores. Em relação ao grupo de fatores formado pelo cruzamento das variáveis *nível de escolaridade & sexo/gênero*, o mesmo não apontado como significativo nem é descartado pelo *GoldVarb*. Ainda conforme se pode observar na Tabela 45 (cf. terceira coluna), o *GoldVarb* seleciona como importante o grupo de fatores originado do cruzamento das variáveis *Gênero/Sexo e Faixa etária*, apontando, assim, .83 de peso relativo (altamente favorecedor) no uso da variante *presente do indicativo* por mulheres mais novas, ou seja, da faixa etária 1.

Tabela 57: Cruzamento de variáveis sociais no uso do presente do indicativo (x presente do subjuntivo) em relativas de Feira de Santana-BA

Escolaridade & Faixa etária	Escolaridade & sexo/gênero	& Gênero/sexo & Faixa etária
F1 – 56% (10/18)	FM – 38,5% (5/13)	M1 – 62% (5/8)
F2 – 65,2% (15/23)	FH – 71,4% (20/28)	M2 – 28% (4/14)
S1 – 71,4% (10/14)	SM – 44,4% (4/9)	H1 – 62% (15/24)
S2 – 25% (5/20)	SH – 44% (11/25)	H2 – 55% (16/29)

Conforme a Tabela 57 acima, em que se expõem números referentes ao uso da variante *presente do indicativo* nos dados de Feira de Santana-BA, pode-se afirmar que: de acordo com a primeira coluna em que são expostos números referentes ao cruzamento das variáveis *nível de escolaridade e faixa etária*, a variante em foco realiza-se com maior freqüência com falantes do nível superior mais jovens (71,4%) e com falantes do nível fundamental de idade mais avançada (65,2%); tendo em vista os números da segunda coluna em que são expostos

resultados referentes ao cruzamento do nível de escolaridade e sexo/gênero, a referida variante encontra-se em maior índice de realização entre os homens menos escolarizados (71,4%); considerando o cruzamento das variáveis gênero/sexo e faixa etária, os maiores índices de realização do presente do indicativo ocorrem entre as mulheres e os homens mais jovens, ambos com 62% de realização.

O *GoldVarb* não selecionou como relevante nenhum dos grupo de fatores formados a partir do cruzamento de variáveis sociais, por isso não foi possível a extração de pesos relativos.

3.3.3.2. Estrutura alternativa & presente do subjuntivo

Considerando essas duas formas de expressão, foram registradas 84 ocorrências: 33 em dados de Muriaé-MG (39,2% de estrutura alternativa e 60,8% presente do subjuntivo); 51 em dados de Feira de Santana-BA (31,4% de estrutura alternativa e 68,6% de presente do subjuntivo).

3.3. 3.2.1. Atuação de variáveis estruturais

A variável nível de referência do antecedente

Tabela 58: Consideração da variável *nível de referência do antecedente* na ocorrência da estrutura alternativa (& presente do subjuntivo) em relativas de Muriaé-MG

Nível de referência do antecedente	Ocorrência/Total	Percentual
Genérico	9/23	39,1%
Indefinido	4/10	40%

Tabela 59: Consideração da variável *nível de referência do antecedente* na ocorrência da estrutura alternativa (& presente do subjuntivo) em relativas de Feira de Santana-BA

Nível de referência do antecedente	Ocorrência/Total	Percentual
Genérico	7/27	25,9%
Indefinido	9/24	37,5%

Tendo em vista as Tabelas 58 e 59, os dados revelam que o uso de estruturas alternativas em relativas de antecedente do tipo *genérico* não é muito alto nem na cidade mineira (39,1%) nem na baiana (25,9%). O mesmo pode ser dito em relação às relativas que portam antecedente do tipo *indefinido*, como demonstram os índices de 40% (em Muriaé-MG) e 37,5% (em Feira de Santana-BA). Fica então evidente que, nesse contexto, é mais comum o emprego de estruturas portadoras do subjuntivo, as quais perfazem percentuais a partir de 60%. Sendo assim, não se confirma a hipótese segundo a qual as relativas portadoras de antecedente do tipo *indefinido* seriam ambientes mais apropriados ao uso de estruturas alternativas por evidenciar teor de modalidade mais próximo da *existência real*.

A variável *animacidade do antecedente*

Tabela 60: Consideração da variável *animacidade do antecedente do pronome relativo* na ocorrência da estrutura alternativa (& presente do subjuntivo) em relativas de Muriaé-MG

Animacidade	Ocorrência/Total	Percentual
Animado	8/21	38,1%
Inanimado	5/12	41,7%

Tabela 61: Consideração da variável *animacidade do antecedente do pronome relativo* na ocorrência da estrutura alternativa (& presente do subjuntivo) em relativas de Feira de Santana-BA

Animacidade	Ocorrência/Total	Percentual
Animado	10/31	32,3%
Inanimado	6/20	30%

Ao visualizar as Tabelas 60 e 61 pode-se observar que também não é muito comum a utilização de estruturas alternativas em relativas portadoras de antecedentes animado e inanimado, pois essas ocorrências se dão em torno de 40% nos dados da cidade mineira e na faixa de 30% nos da cidade baiana. Dessa forma, pode-se concluir que, nesses contextos, são campeãs em ocorrência as estruturas que portam formas subjuntivas, as quais ficam em torno de 60% em Muriaé-MG e de 70% em Feira de Santana-BA. Sendo assim, os dados não fornecem percentuais que confirmem a hipótese com base na qual esse grupo de fatores é utilizado, ou seja, a hipótese de que em contexto de antecedente inanimado teria maior probabilidade de uso da estrutura alternativa.

A variável *conjugação verbal*

Tabela 62: Consideração da variável *conjugação verbal* na ocorrência da estrutura alternativa (& presente do subjuntivo) em relativas de Muriaé-MG

Conjugação verbal	Ocorrência/Total	Percentual
Primeira	4/10	40%
Segunda	8/20	40%
Terceira	1/3	33,3%

Tabela 63: Consideração da variável *conjugação verbal* na ocorrência da estrutura alternativa (& presente do subjuntivo) em relativas de Feira de Santana-BA

Conjugação verbal	Ocorrência/Total	Percentual
Primeira	5/18	27,8%
Segunda	10/23	43,5%
Terceira	1/10	10%

Conforme as Tabela 62 e 63, em relação ao uso de estruturas alternativas pode-se afirmar que: o uso em contexto de primeira conjugação é mais recorrente em Muriaé-MG do que em Feira de Santana-BA (40% X 27,8%); a frequência em ambiente de segunda conjugação fica em 40% nos dados muriaeenses e 43,5% nos dados feirenses; as ocorrências em contexto de terceira conjugação apresentam índices menos elevados do que em ambientes das duas primeiras e, significativamente, mais elevados na cidade mineira, onde se registra 20% a mais do que na cidade baiana. No geral, é visível o predomínio do uso do presente do

subjuntivo. Sendo assim, não se vê relevância na hipótese que fundamenta a utilização desse grupo de fatores. Segundo essa hipótese, ambiente de verbo da primeira conjugação seria mais apropriado ao uso de estruturas alternativas na medida em que não se constitui muito favorecedor ao uso de estruturas com forma verbal no presente do subjuntivo.

A variável *paradigma verbal*

Tabela 64: Consideração da variável *paradigma verbal* na ocorrência da estrutura alternativa (& presente do subjuntivo) em relativas de Muriaé-MG

Paradigma verbal	Ocorrência/Total	Percentual
Regular	12/27	44,5%
Irregular	1/6	16,7%

Tabela 65: Consideração da variável *paradigma verbal* na ocorrência da estrutura alternativa (& presente do subjuntivo) em relativas de Feira de Santana-BA

Paradigma verbal	Ocorrência/Total	Percentual
Regular	12/39	30,8%
Irregular	4/12	33,3%

De acordo com os números expostos nas tabelas 64 e 65, o seguinte pode ser afirmado: apesar de em ambos os contextos as estruturas alternativas não terem se revelado muito presentes (pois as suas ocorrências se configuram

sempre inferiores ao uso de estruturas com formas subjuntivas) essas estruturas se apresentam sensíveis ao grupo de fatores paradigma verbal, tendo em vista que os contextos de verbos regulares se mostram sempre mais favorecedores, sobretudo nos dados de Feira de Santana-BA em que a margem diferencial com vantagem para o paradigma regular fica quase em 20%. Sendo assim, com base nos percentuais, corrobora-se a hipótese que fundamenta a utilização desse grupo de fatores, segundo a qual os verbos regulares favoreciam ao não uso de formas do presente do subjuntivo, ou seja, favorecem ao uso de estruturas alternativas, por não apresentarem um alto nível de saliência fônica entre as formas indicativo/subjuntivo.

3.3.3.2.2. Atuação de variáveis sociais

A variável nível de escolaridade

Vê-se nas Tabelas 66 e 67 a seguir, que, o grupo de fatores nível de escolaridade não se apresenta muito relevante ao uso de estruturas alternativas. Assim, em ambas as localidades, os percentuais de aplicação a regra, quanto ao grupo de fatores nível de escolaridade, são muito inferiores a 50%. Mesmo assim, pode-se perceber que o nível mais baixo de escolaridade apresenta índices mais elevados de uso nas duas localidades: 9 pontos percentuais a mais em Muriaé-MG e 14 pontos percentuais em Feira de Santana-BA. Essa diferença de percentuais exhibe a relevância desse grupo de fatores com base em arquivo de células, confirmando, com isso a hipótese em evidência não apenas aos dados de Muriaé-MG, mas também, para os de Feira de Santana-BA.

Tabela 66: Consideração da variável *nível de escolaridade* na ocorrência da estrutura alternativa (& presente do subjuntivo) em relativas de Muriaé-MG

Escolaridade	Ocorrência/Total	Percentual
Médio	9/21	42,9%
Superior	4/12	33,3%

Tabela 67: Consideração da variável *nível de escolaridade* na ocorrência da estrutura alternativa (& presente do subjuntivo) em relativas de Feira de Santana-BA

Escolaridade	Ocorrência/Total	Percentual
Médio	10/26	38,5%
Superior	6/25	24%

A variável *faixa etária*

Tabela 68: Consideração da variável *faixa etária* na ocorrência da estrutura alternativa (& presente do subjuntivo) em relativas de Muriaé-MG

Faixa Etária	Ocorrência/Total	Percentual
Faixa I (22 a 30)	7/12	58,3%
Faixa II (52 a 60)	6/21	28,6%

Tabela 69: Consideração da variável *faixa etária* na ocorrência da estrutura alternativa (& presente do subjuntivo) em relativas de Feira de Santana-BA

Faixa Etária	Ocorrência/Total	Percentual
Faixa I (22 a 30)	11/23	47,8%
Faixa II (52 a 60)	5/28	17,9%

É visível que as Tabelas 68 e 69 exibem os mais altos índices de aplicação à regra (estrutura alternativa) na faixa etária menos avançada, ou seja, nos dados de falantes mais novos, registrando, assim, 47,8% X 17,9% em Feira de Santana-BA) e 58,3% X 28,6% em Muriaé-MG. Com base em arquivos de células se tem fundamento para dizer que esse grupo de fatores se faz relevante ao uso de estruturas alternativas. Com isso, os números apontam para uma leve tendência de mudança em curso, fato que confirma a hipótese que motiva a utilização desse grupo de fatores.

A variável *sexo/gênero*

Tabela 70: Consideração da variável *sexo/gênero* na ocorrência da estrutura alternativa (& presente do subjuntivo) em relativas de Muriaé-MG

Sexo/Gênero	Ocorrência/Total	Percentual
Feminino	3/8	37,5%
Masculino	10/25	40%

Tabela 71: Consideração da variável *sexo/gênero* na ocorrência da estrutura alternativa (& presente do subjuntivo) em relativas de Feira de Santana-BA

Sexo/Gênero	Ocorrência/Total	Percentual
Feminino	7/20	35%
Masculino	9/31	29%

Conforme mostram as Tabelas 70 e 71, o sexo masculino lidera o uso de estruturas alternativas em Muriaé-MG (com diferença de 2,5 pontos percentuais) e o sexo feminino lidera em Feira de Santana-BA (com diferença de 5 pontos). É visível, assim, que essas lideranças ficam por conta de poucos pontos por cento. Assim sendo, não há diferença significativa nos números apresentados nas duas cidades, a ponto de se atribuir relevância a esse grupo de fatores ao uso de estruturas alternativas.

CONCLUSÕES

Esta abordagem caracteriza-se relevante na medida em que não trata apenas da co-ocorrência *indicativo/subjuntivo*, mas também do uso de EAs e a sua relação com formas do presente do subjuntivo no processo de expressão de modalidades, procurando verificar em que medida as EAs podem ou não ser consideradas como variantes lingüísticas, bem como, buscando caracterizá-las sintática e semanticamente.

A atitude de comparar dados do século XVI com os da contemporaneidade foi motivada pela necessidade de testar a validade da hipótese central segundo a qual a expressão de modalidades subjuntivas, desde fase pretérita do português, se dá por meio da co-ocorrência *presente do indicativo/presente do subjuntivo* e mediante ao uso de outras estruturas, as quais não se configuram contexto de uso do presente do subjuntivo.

Em relação ao *corpus* do português brasileiro contemporâneo, comparam-se dados de Minas com os da Bahia, buscando testar a validade da hipótese inovadora de que o processo de variação pelo qual passa a gramática do português do Brasil apresenta diversos estágios diferenciados. Nesse sentido, supõe-se que, em se tratando de expressão de modalidades subjuntivas¹⁵, o dialeto mineiro encontre-se em estágio variacional mais avançado do que o dialeto baiano, o que, provavelmente, esteja refletindo num índice menos elevado de uso do presente do subjuntivo em função de uso do presente do indicativo e de estruturas alternativas.

Sobre o *corpus* do português do século XVI

¹⁵ E também em se tratando de muitos outros fenômenos.

Nas **completivas** não se registra co-ocorrência *indicativo/subjuntivo*. Sendo assim, na expressão das modalidades típicas do subjuntivo detectam-se apenas casos de presente do subjuntivo e de estruturas alternativas. Considerando o arquivo de células, a *estrutura alternativa* apresenta as variáveis *modalidade verbal* e *tipo de oração* como favoráveis.

Em **adverbiais** detecta-se a co-ocorrência *indicativo/subjuntivo*. As estruturas alternativas apresentam-se altamente freqüentes em contexto de conjunção condicional (94,9%) e predomina também em contexto de conjunção final (57,9%). Embora a ocorrência de formas do presente do indicativo seja em índice consideravelmente baixo, 11/167, ou seja, (6%), esse fato é altamente significativo porque há quem defenda que o uso de formas do presente do indicativo no português é um bom exemplo da atuação das línguas africanas no sistema gramatical do português (cf. BAXTER, 1998 e MEIRA, 2006). Assim sendo, em relação à co-ocorrência *indicativo/subjuntivo* em sentenças adverbiais, há resistência em adotar a ideia de que “o processo de TLI, desencadeado pelo contato lingüístico ocorrido no Brasil do período da colônia e do império, produziu uma variedade de língua portuguesa marcada pela redução da morfologia flexional ...”, (MEIRA, 2006, p.250).

Referente às ocorrências em **relativas**, as estruturas alternativas se mostraram pouco produtivas (5%). Em relação à co-ocorrência *indicativo/subjuntivo*, não se confirma a hipótese que prevê uso mais acentuado de formas do presente do indicativo em ambiente que exibem maior distância entre os itens (pronomes relativos e forma verbal). Isso porque o uso do presente do indicativo prevalece simultaneamente em contextos de ausência de distância (53,6%) e de grande distância (53,3%). A variável *nível de referência do antecedente* não se mostra relevante ao uso do presente do indicativo. Ao contrário do que se prevê a hipótese, em contexto de antecedente animado se usa o presente do indicativo. Essa variante apresenta-se levemente sensível à variável conjugação verbal, visto que prevalece em contexto de verbo de primeira

conjugação conforme prevê a hipótese motivadora. Não se detecta relevância na variável paradigma verbal quanto ao uso da referida variante.

Sobre o *Corpus* do português contemporâneo

As **ocorrências em contexto de completivas** registram-se os seguintes resultados: a expressão de modalidades típicas subjuntivas se dá, predominantemente, pelo uso de estruturas alternativas em ambas as localidades: 71% Muriaé-MG e 70% Feira de Santana-BA. Apenas se registra a co-ocorrência *indicativo/subjuntivo* nos dados da cidade mineira, fato que vem refletir no maior uso do presente do subjuntivo na cidade baiana, em que se registra quase 10 pontos percentuais de vantagem do uso dessa variante (presente do subjuntivo). Esse resultado corrobora a validade da hipótese que motiva a comparação dos dados mineiros e baianos. Portanto, advoga-se que em contexto de completivas o fenômeno da co-ocorrência *presente do indicativo/presente do subjuntivo* não se manifesta nos dados feirenses, revelando, com isso, que esses encontram-se mais conservadores em relação uso variável do presente do subjuntivo.

Tendo em vista a **atuação de variáveis estruturais na co-ocorrência presente do indicativo/ presente do subjuntivo na cidade mineira**, obtêm-se os seguintes resultados: embora a modalidade *volição* apresente-se como mais favorecedora ao uso do presente do indicativo, com (29%) de ocorrência, a **variável tipo de modalidade verbal** mostra-se irrelevante, provavelmente, por registrar sempre o predomínio do uso do presente do subjuntivo, a saber: 75% em contexto de modalidade *necessidade*; 70% em contexto de modalidade *volição* e 80% em contexto de modalidade *possibilidade*, (cf. Tabela 15); Considerando a **variável tipo de oração**, não se detecta relevância ao uso do presente do indicativo, o qual registrou maior índice em contexto de completiva nominal (50%). Ambas as variáveis não foram consideradas relevantes pelo *GoldVarb*.

Em relação à **atuação de variáveis sociais no presente do indicativo X presente do subjuntivo nos dados muriaeenses**, apresentam-se os seguintes

resultados: **a variável nível de escolaridade** é selecionada como relevante pelo *GoldVarb*, apresentando um peso relativo muito significativo ao fator nível baixo de escolaridade (nível fundamental/médio) (.72), expressando, assim a validade da hipótese que motiva a utilização desse grupo de fatores (cf. Tabela 17); em termos percentuais, **a variável social faixa etária** não foi considerado como relevante à aplicação da regra, ou seja, ao uso de formas do presente do indicativo (cf. Tabela 18). Esse resultado foi corroborado pelo *GoldVarb*, na medida em que o programa não o seleciona como relevante, fato que vem, assim, descartar a hipótese que motiva a sua utilização; **A variável social sexo do falante** mostra-se relevante quanto ao uso do presente do indicativo, conforme evidencia o *GoldVarb* ao atribuir o peso relativo de alta relevância (.69). Esse resultado fortalece a hipótese de que na fala dos mineiros o uso da variante não padrão *presente do indicativo* não é portadora de estigma social, sinalizando com isso, que esse uso é uma forma naturalmente incorporada ao vernáculo dos muriaeenses.

Ao observar a **atuação de variáveis estruturais na ocorrência estrutura alternativa (& presente do subjuntivo)** são apresentados os seguintes resultados: **a variável tipo de modalidade**, em termos percentuais, aponta-se altamente freqüente em contexto de expressão de modalidade *necessidade/obrigação* (94,4%) e *possibilidade/probabilidade* (84%), como demonstras as Tabelas 21 e 22. Com base nesses resultados, confirma-se a hipótese que motiva a utilização desse grupo de fatores, segundo a qual o grupo de fatores *modalidade verbal* é relevante ao uso da *estrutura alternativa*; em termos percentuais, conforme demonstram as Tabelas 23 e 24, **o grupo de fatores tipo de oração** se constitui relevante nos dados muriaeenses e feirenses.

Considerando a **atuação de fatores sociais na ocorrência dessa estrutura**, são evidentes os seguintes resultados: **o grupo de fatores nível de escolaridade** (cf. Tabelas 22 e 23) apresenta-se ambiente favorecedor ao uso das estruturas alternativas, confirmando, assim, a hipótese, segundo a qual para muriaeenses a estrutura alternativa é mais recorrente do que o uso do presente do

subjuntivo, uma vez que essa se constitui uma manifestação do quanto as formas do subjuntivo são pouco familiares no vernáculo mineiro, sobretudo aos portadores de menor nível de escolaridade; com relação à variável **faixa etária** (cf. Tabelas 27 e 28), observa-se nas duas localidades uma maior tendência do uso de estruturas alternativas no grupo de falantes mais novos (entre 22 a 30 anos), o qual realiza essa variante em 15% a mais do que o grupo dos falantes mais velhos (entre 52 a 60 anos). Sendo assim, considera-se relevante a atuação desse grupo de fatores. **O grupo de fatores gênero/sexo** apresenta-se, diferentemente relevante, à ocorrência de estruturas alternativas. Isso porque, enquanto o sexo feminino apresenta maior percentual em Feira de Santana-BA (84% X 70,4%), o sexo masculino apresenta maior percentual em Muriaé-MG, (79,9% X 62%). Relacionando essas ocorrências com a hipótese motivadora, pode-se inferir que as estruturas alternativas são portadoras de prestígio social na fala de muriaéenses, uma vez que essa variante é predominante na fala das mulheres. Essa inferência fortalece a hipótese central que motiva a comparação entre os dados mineiros e baianos, isso porque se as alternativas chegam a usufruir de certo nível de prestígio social na comunidade mineira é porque a forma com a qual ocorre, isso é, *presente do subjuntivo*, não é naturalmente aceita: essa ausência de bom nível de aceitação manifesta, de certa forma, o quão essa variante não é familiar ao vernáculo do mineiro.

Ao analisar as **ocorrências em contexto de adverbais**, obtêm-se os seguintes resultados, (cf. Tabela 31): a variante presente do indicativo é mais recorrente na cidade Mineira, onde ocorre em 21,7%, do que na cidade baiana, em que ocorre em 3,3% dos casos. A estrutura alternativa apresenta-se altamente recorrente, com 336 casos em Muriaé-MG e 272 casos em Feira de Santana-BA, representando, assim, índice superior a 80% nas duas localidades, tendo em vista o total geral das adverbais. Considerando o cruzamento de fatores estruturais, detecta-se o que os maiores índices de uso do presente do indicativo encontram-se na fala de mulheres mais jovens e homens mais velhos, sobretudo na dos menos escolarizados.

Referente à **atuação de fatores estruturais na ocorrência de estrutura alternativa e do presente do subjuntivo**, foram detectados os seguintes resultados: nas duas localidades os ambientes de conjunção condicional e final apresentam-se altamente favorecedores ao uso de estruturas alternativas. Em relação aos grupos de fatores sociais, eis os resultados: em ambas as localidades, corrobora-se, com pouca margem diferencial (em torno de 7%), a validade da hipótese que prevê a utilização das formas alternativas em contexto de menor nível de escolaridade. Também nas duas localidades, o uso da estrutura alternativa é mais recorrente na fala da faixa etária mais elevada e das mulheres. Entretanto, a margem diferencial apresentada entre os fatores das duas referidas variáveis, por ser muito pequena (em torno de 5%), não fornece muita segurança para corroborar ou invalidar as hipóteses motivadoras.

Em se tratando de **ocorrências em contexto de relativas**, detectam-se os seguintes resultados: as estruturas alternativas apresentam-se pouco recorrentes nas duas localidades. Considerando a co-ocorrência *indicativo/subjuntivo*, o uso do presente do indicativo predomina nas duas localidades, sobretudo nos dados da cidade mineira onde apresenta índice superior a 70%. Sendo assim, corrobora-se a hipótese de que o uso do presente do indicativo encontra-se em estágio mais avançado na cidade mineira. Concernente à **atuação de fatores estruturais na co-ocorrência presente do indicativo/presente do Subjuntivo**, detecta-se o seguinte, (cf. Tabelas 42 e 43): o grupo de fator nível de referência do antecedente (*genérico X indeterminado*) é apontado, pelo *GoldVarb*, como relevante nos dados feirenses, apresentando, com isso, o pesos relativo favorecedor de .61 em contexto de referente indeterminado e o desfavorecedor de .34 em contexto de referente genérico. Assim, nos dados feirenses, esse resultado corrobora a hipótese que motiva a utilização desse grupo de fatores, segundo a qual o uso do presente do indicativo seria mais utilizado em contexto de referente indeterminado, por esse se configurar um ambiente em que a modalidade se aproxima mais da existência real. A variável *animacidade do antecedente* apresenta-se relevante, sobretudo nos dados da cidade baiana, em que o *GoldVarb* aponta o contexto de

antecedente animado como favorável (em função do peso relativo .61) e o contexto de inanimado como desfavorável (pela atuação de .19 de peso relativo). Esses resultados revelam tendência contrária ao que se prevê na hipótese. Em ambas as localidades, a primeira conjugação revela-se como levemente favorecedora ao uso do presente do indicativo, corroborando, assim, a hipótese que motiva a utilização da variável *conjugação verbal*. Os ambientes de verbos regulares também se revelam favorecedores ao uso do presente do indicativo nas duas localidades, fato que corrobora a validade da hipótese que justifica a utilização da variável paradigma verbal.

Referente à **atuação de variáveis sociais**, eis os resultados: o **fator nível de escolaridade**, não foi considerado como relevante pelo *GoldVarb*. Com base no arquivo de células esse grupo de fatores apresenta números que não fortalecem a hipótese que motiva a sua utilização, segundo a qual no solo mineiro, a variante *presente do indicativo* seria mais freqüente para falantes com nível menos avançado de escolarização, sinalizando, com isso, que essa variante conta como a atuação da escola na difusão da sua concorrente (presente do subjuntivo) e conseqüentemente, no seu processo de inibição. Os resultados (cf. Tabelas 50 e 51) atestam justamente o contrário do que a hipótese prevê: o que se esperava que ocorresse em Muriaé-MG, ocorreu nos dados de Feira de Santana-BA e o que se esperava que ocorresse em Feira de Santana-BA ocorreu em Muriaé-MG; o **grupo de fatores faixa etária**, com base em arquivo de células, apresenta, nas duas localidades, margem diferencial entre si o suficiente para ser considerado relevante ao uso de formas do presente do indicativo (cf. Tabelas 52 e 53). Entretanto, o *GoldVarb*, apresenta como relevante apenas a sua atuação nos dados mineiros, com a atribuição dos seguintes pesos relativos: .71 (faixa I, 22 a 30 anos) e .29 (faixa II, 52 a 60 anos). Assim, com base na análise em tempo aparente, há indícios de que a variante *presente do indicativo* esteja ocupando o espaço da sua concorrente, sobretudo na terra mineira, visto que aquela encontra-se com uma freqüência consideravelmente superior na fala dos mais jovens. A variável sexo/gênero não é selecionada pelo *GoldVarb* como relevante em

nenhuma das localidades em estudo. Mas, com base em arquivos de células, confirma-se, nos dados mineiros, a hipótese que motiva a sua utilização, conforme evidenciam os números das Tabelas 54 e 55. Considerando o cruzamento das variáveis sociais, a variante *presente do indicativo* encontra-se mais presente na fala de mulheres mais novas, sendo, portanto, selecionado como relevante o cruzamento dos grupos *gênero/sexo & faixa etária*, em que o *GoldVarb* aponta como favorável a atuação das mulheres de faixa etária menos elevada com o peso relativo .83 e, em segundo plano, a atuação dos homens mais jovens com o peso relativo .50, (cf. Tabela 56).

Considerando **ocorrência estrutura alternativa em contexto de relativas**, foram encontrados os seguintes resultados: as variáveis *nível de referência, animacidade do antecedente, conjugação verbal e paradigma verbal*, ou seja, todas as variáveis estruturais consideradas, não se apresentam como relevantes ao uso. As **variáveis sociais** também se apresentam sem relevância para as ocorrência, (cf. das Tabelas 58 até 69).

Em síntese, os resultados evidenciam o que pode ser escrito nas seguintes palavras: (I) os dados do século XVI e da contemporaneidade registram a co-ocorrência *indicativo/subjuntivo* e também o uso de estruturas alternativas, sendo que cada uma dessas formas não se apresenta sensível apenas às variáveis estruturais e sociais (quando for o caso) consideradas, mas, sobretudo, manifesta-se sensível ao fator *tempo real de longa duração e a diferença regional* (no caso do *corpus* contemporâneo. Sendo assim, a ocorrência da variante *forma do presente do indicativo* não é um bom exemplo a ser usado como evidência à hipótese da Transmissão Lingüística Irregular como defendem alguns estudiosos (BAXTER, 1998:121 e MEIRA 2006:247); (II) o alto uso de estruturas alternativas no português falado contemporâneo não é um fenômeno novo no PB.

Esses resultados estão de acordo com o que fica evidente em Maurer Jr. (1951). Para esse autor, desde o latim vulgar o modo subjuntivo não só perde alguns de seus tempos, como também restringe as suas funções, tendo, assim, sua lacuna de tempo, modo e aspecto suprida pelo aparecimento da perífrase

verbal. Em relação ao condicional, afirma que é um modo de criação românica, o qual é empregado em diversos contextos da România Ocidental. Também se corrobora essa afirmação em Maurer Jr. (1959) na oportunidade em que aborda a respeito da tendência que o Latim Vulgar apresenta na utilização de formas verbais do modo indicativo e outras estruturas lingüísticas em contextos nos quais no Latim era utilizado o modo subjuntivo.

Em se tratando das diferenças que as amostras contemporâneas apresentam, é notório que: o uso de estruturas alternativas é muito recorrente nas duas localidades; o uso de formas do presente do indicativo encontra-se com índice mais avançado no solo mineiro, sobretudo, manifestando-se sensível à atuação de variáveis sociais; o uso dessa variante nos dados baianos se revela restrito a alguns ambientes como, relativas (em que é mais recorrente) e adverbiais (com apenas 2 dados de um único falante). Esses resultados fortalecem a hipótese segundo a qual a co-ocorrência *indicativo/subjuntivo* encontra-se em estágios mais avançado nos dados do solo mineiro, refletindo, com isso, o quanto o uso do presente do subjuntivo não se encontra presente no processo natural de aquisição da linguagem dos mineiros. E, em contrapartida, o quanto esse modo verbal faz parte do vernáculo baiano.

Ainda referente a essa hipótese, cabe evidenciar que é igualmente necessária de ser testada, não só em outras localidades do estado de Minas e da Bahia, mas também, em diversos fenômenos da gramática do português brasileiro.

REFERÊNCIAS

ALVES, R. F. *Sobre o caráter de variante de estruturas alternativas à expressão de modalidades típicas do subjuntivo no português contemporâneo*. Anais do VI Congresso Internacional da ABRALIN, João Pessoa- PB. Artigo publicado em CD-ROM com ISBN: 978-85-7539-446-5. Dermeval da Hora (Org.), Ideia, 2009, p. 2477-2485.

_____. *A expressão de modalidades típicas do subjuntivo no português do Brasil*. Projeto de Doutorado apresentado à FAPESB, 2007.

_____. *A expressão de modalidades “típicas” do subjuntivo no português do Brasil*. Comunicação apresentada no GEL/2006.

_____. *Um estudo sociolingüístico do uso de formas do presente do indicativo por formas do presente do subjuntivo no português brasileiro falado*. Comunicação apresentada no GEL/2005.

_____. *A ordem dos constituintes sintagmáticos em sentenças relativas em documentos dos séculos XIV e XIV*. Comunicação apresentada na 49ª Reunião Anual da SBPC/1997.

ALVES NETA, A.. *O uso de formas do indicativo por formas do subjuntivo no português brasileiro*. Dissertação de Mestrado em Lingüística, UFMG, Belo Horizonte, 2000.

BARRA ROCHA, M. *O Modo Subjuntivo em Português – um estudo contrastivo com o Italiano*. Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos). UFMG, Belo Horizonte, 1992.

BAXTER, Alan N. *Morfossintaxe*. Em Perl, Matthias; Schwegler, Armin. (org.). *América negra: panorâmica actual de los estudios lingüísticos sobre variedades hispanas, portuguesas y criollas*. Frankfurt am Main: Vervuert: 97-134. 1998.

BECHARA, E. M. M. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37. ed. São Paulo: Cia Editora Nacional, 2003.

BENTIVOGLIO, P. A variação nos estudos sintáticos. *Estudos Lingüísticos*, XIV. Anais de seminários do GEL. Campinas: UNICAMP, 1987.

BENVENISTE, É. *Problemas de Lingüística Geral*. v. 1 Trad. Maria da Glória Novak; Maria Luiza Neri; Ver. Isaac Salum. 4. rd. Campinas, SP: Pontes, Editora da Unicamp, 1995. (Linguagem crítica).

BIANCHET, S. M. G. B. *Indicativo e/ou Subjuntivo em Orações Completivas Objetivas Diretas do Português: uma volta ao latim*. Dissertação (Mestrado em) Estudos Lingüísticos, UFMG, Belo Horizonte, 1996.

BLÜHDORN, H.; EVANGELISTA, M.C.R.G. *Para uma semântica relacional da modalidade*. São Paulo 2000. (Mimeo).

BOTELHO PEREIRA, M. A. *Aspectos da oposição modal Indicativo/Subjuntivo no Português Contemporâneo*. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa). Rio de Janeiro: UFRJ, 1974.

BRANDÃO, C. *Sintaxe Clássica Portuguesa*. Belo Horizonte, 1963.

BYBEE, J. L.; PAGLIUCA, W. Cross - linguistic comparison and the development of grammatical meaning. In: Jacek Fisiak, ed. *Historical Semantic and Historical Word Formation*, p. 58-83. Berlin: de Gruyter, 1985.

CALLOU, D.; OMENA, N. PAREDES, V. *Teoria da variação e suas relações com a semântica, pragmática e análise do discurso*. Anais do V Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação em Letras e Linguística (ANPOLL). 1991, p.532-537.

CÂMARA JR, J. M. *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1976.

CAVALCANTE, Sílvia. R. *O uso de SE com infinitivo na História do Português: Do Português Clássico ao Português Europeu e Brasileiro Modernos*. Tese (Doutorado em Linguística), Campinas, SP, 2006.

COATES, Jennifer. The expression of root and epistemic possibility in English. In.: BYBEE, J.; FLEISCHMAN, S. (eds.) *Modality in grammar discourse*. Amsterdam/ Philadelphia: J. Benjamins, 1995, p. 56-66.

COELHO, S. M. *Estudo diacrônico do processo de expansão gramatical e lexical dos itens ter, haver, ser, estar e ir na língua Portuguesa*. Tese (Doutorado em Linguística), FALE - UFMG, Belo Horizonte. 2006.

COMRIE, B. *Aspect: na introduction to the study of verbal aspect and related problems*. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.

COSTA, S. *Entre o deontico e o epistêmico: o caráter camaleônico do verbo modal 'poder'*. Letra Magna, Ano 05, n.11, 2º semestre de 2009. ISSN: 1807-5193, p. 1-22. Acesso em 15 de Setembro de 2009.

CUNHA, C. & CINTRA, L. F. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 3 ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

DUBOIS, J. *et al. Dicionário de Lingüística*. 9. ed. São Paulo: Cultrix.1993.

FAGUNDES, E. D. *As ocorrências do modo subjuntivo nas entrevistas do Varsul no Estado do Paraná e as possibilidades de variação com o modo indicativo*. Tese (Doutorado em Letras). Setor de Ciências Humanas e Letras - UFPR, Curitiba, 2007.

FÁVERO, L. L. *O modo Verbal da Oração Completiva*. In: *Revista Brasileira de Lingüística*. V. 6., nº 1. São Paulo: Livraria das Cidades, 1982.

GALVES, C., NAMIUTI, C.; PAIXÃO DE SOUSA, M.C. *Novas perspectivas para antigas questões: A periodização do português revisitada*. In: A. Endruschat, R. Kemmler e B. Schäfer-Prieß (Org.): "Grammatische Strukturen des europäischen Portugiesisch: Synchrone und diachrone Untersuchungen zu Tempora, Pronomina, Präpositionen und mehr". Tübingen: Calepinus Verlag, 2006.

GANDAVO, P. M. *História da Província de Santa Cruz*. Edição Eletrônica: Disponível em: <<http://www.ime.usp.br/~tycho/corpus/textsxml/g008.xml>>. 1556. Acesso em: 30 de janeiro de 2009.

GIVÓN, T. *Syntax – a funcional-typological introduction*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, Vol. 1, 1984.

GIVÓN, T. *Syntax Funcionalism and grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1995.

GIVÓN, T. Tense, aspect and modality I.: functional organization. In.: Syntax - an introduction. V. 1. Amsterdam/ Philadelphia; John Benjamins, 2001, p. 285-335.

GRYNER, Helena. *A variação de tempo-modo e conexão nas orações condicionais em português*. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa). Rio de Janeiro: UFRJ, 1990.

GRYNER, H. ; OMENA N. A interferência das variáveis semânticas. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Org.). *Introdução à sociolingüística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003, p.89-100.

GUY, G.; ZILLES, A. *Sociolingüística quantitativa – instrumental de análise*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

KAYNE, Richard. *On certain differences between French and English*. *Linguistic Inquiry* . Massachusetts Institute of Technology, v. 12, n. 3, p. 349-371, Summer 1981.

KOCH, I. G. V. *Inter-ação pela linguagem*.8. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

LABOV, W. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania, Press, Philadelphia, 1972.

_____. The social motivation of a sound change. *Word*, 19. 1963, p.273-309. Revised as ch. 1, p.1-42 In *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

_____. *The intersection of sex and social factors in the course of language change*. Paper presented at N.W.A.V.E., Philadelphia, 1984. 205.

_____. *Principles of linguistic Change: internal factors*. Oxford: Cambridge Blackwell, 1994.

LAVANDERA, B. Where does the sociolinguistic variable stop? *Language in Society*, 7. Londres, 1978, p.171-182.

_____. *Le principe de réinterprétation dans la théorie de la variation*. Stanford, USA, 1979 (mimeo).

_____. *Variación Y significado*. Buenos Aires: Hachettes, (1984).

LAYONS, J. *Semantics*. V. 2. Cambridge: Cambridge University Press. 1977.

LOBATO, Lúcia M. P. et al. *Análises lingüísticas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1975.

LUFT, C. P. *Moderna Gramática Brasileira*. 9. ed. Rio de Janeiro: Globo, 1989.

MATEUS, M. H. et al. *Gramática da Língua Portuguesa*. Coimbra, Almedina, 1983.

MATTOS E SILVA, R. V. "Para uma caracterização do período arcaico do português". Em: *comunicação para a ABRALIN (1992)*, mimeo, 1996.

_____. *Para a história do português culto e popular brasileiro: sugestões para uma pauta de pesquisa*. In: ALKMIM, T. M. *Para a história do português*. Volume III: novos estudos. Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2002.

MATTOS E SILVA, R. V. *O português arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe*. São Paulo: Contexto, 2006.

MAURER JR., T. H. *A unidade da România Ocidental*. São Paulo, 1951.

_____. *Gramática do Latim Vulgar*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1959.

MEIRA, V. *O uso do subjuntivo em orações relativas e completivas no português afro-brasileiro*. Dissertação (Mestrado em Lingüística). UFBA, Salvador, 2006.

MOURA, Vasco Graça. *Sobre Camões, Gândavo e outras personagens: hipóteses de história da cultura*. Campo das Letras Editores, S.A., 2000.

NARO, A. J. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (org.). *Introdução à sociolingüística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003, p.43-50.

NARO, A. & SCHERRE, M.. *Sobre as origens do português popular do Brasil*. D.E.L.T.A., v. 9 , nº especial, 1993, p. 437-454.

NEVES, M. H. M. *et al. A Modalidade*. In: KOCK, Ingdore G. V. (org.). *Gramática do Português Falado*. 2.ed., v. 6. Desenvolvimentos,. Editora Unicamp, p. 171-208, 2002.

OLIVEIRA, F. [1536]. *Gramática da Lingoagem Portuguesa*. Biblioteca Nacional. Disponível em: <<http://bdn.pt/memorias>>. Acesso em: 15 de outubro de 2008.

OLIVEIRA, Josane Moreira de. *O futuro da língua portuguesa ontem e hoje: variação e mudança*. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa). Faculdade de Letras – UFRJ, 2006.

PAIVA, M. C. ; DUARTE, M. E. Introdução: a mudança lingüística em curso. In: *Mudança lingüística em tempo real*. Rio de Janeiro: FAPERJ/Contra Capa, 2003, p. 13-29.

SOUSA, M. C. P. *Língua Barroca: Sintaxe e História do português nos 1600*. Tese (Doutorado em Lingüística). Unicamp, Campinas, 2004.

PERINI, M. A.: *A Gramática Descritiva do Português*. São Paulo: Ática, 1995.

ROBINSON, J. S.; LAWRENCE, H.; TAGLIAMONTE, S. *GoldVarb 2001: amultivariate analysis for Windows*. New York: University of York (Department of Language and Linguistic Science), 2001.

ROCHA, R. C. F. *A Alternância Indicativo/Subjuntivo nas Orações Subordinadas Substantivas em Português*. Dissertação (Mestrado em Lingüística). Universidade de Brasília, Brasília, 1997.

RIBEIRO, I. A ordem dos constituintes. In: MATOS E SILVA. R. V. (Org.). *A carta de Caminha: testemunho lingüístico de 1500*. Salvador: EGBA/UEFS, p.28-62, 1996.

RIDRUEJO, E.. Modo y modalidad. El modo en las subordinadas sustantivas. In: MUÑOZ; BARRETO. *Gramática Descriptiva de La lengua Española*. v. 2, Madrid: Real Academia Española, Espasa Cele, 1999.

SAID ALI, M. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1964 [1621].

SANTOS, Sandra A. da Silva. *Uso versus não-uso do subjuntivo no português brasileiro: orações substantivas e adverbiais*. Dissertação (Mestrado em Lingüística). Universidade Estadual de Londrina, 1998.

SILVA NETO, S. *Introdução ao estudo da língua portuguesa*. Rio de Janeiro. Instituto Nacional do Livro, 1950.

TARALLO, Fernando. *Relativization Strategies in Portuguese*. University of Pennnsylvania, Ph. D. dissertation, 1983.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs & DASHER, Richard B. The development of modal verbs. In.: *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge U.P., 2005, p. 105-151.

TRAVAGLIA, L. C. *O aspecto verbal no português: a categoria e a sua expressão*. Uberlândia. UFU, 1985.

WEINER, J. & LABOV, W. *Constraints on the agentless passive*. Journal of Linguistics, 1983. P. 19-58.

VOTRE, S. J. & OLIVEIRA, M. R. Resenha: GIVON, T. *Functionalism and Grammar*. Amisterdan/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company. DELTA, Vol 13, n.2, São Paulo, 1997.